

DOMÍNIO PÚBLICO



# A SUCESSORA

CAROLINA NABUCO



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*

---



# A sucessora

Carolina Nabuco

Marina, uma moça do interior do Rio de Janeiro, casou-se com o viúvo Roberto Steen e precisa enfrentar o fascínio da falecida Alice. Alice fora uma mulher aparentemente realizada e feliz, que mesmo depois de morta, ainda domina a vida de todos. O retrato de Alice Steen passa cada vez mais a ser o objeto da obsessão de Marina, que precisa superar os seus medos e angústias e descobrir o verdadeiro caminho da felicidade.

A Sucessora é uma obra de característica psicológica, com um estilo preciso, claro e dinâmico. Procura questionar o valor da mulher, de certa forma presa a um sem-número de tabus e tradicionalismos superados. O caráter feminino em conflito, a mulher dominada pelo ciúme em relação à primeira esposa do seu marido, já falecida. — “Uma das esperanças de Marina, esperança reprimida, mas tenaz, era de um dia encontrar alguma falha na vida de Alice que a derrubasse do seu pedestal...”

Carolina Nabuco / A Sucessora

## CAPÍTULO I

VOLTA AO RIO. O encostar do grande transatlântico. Os primeiros passos em terra firme, entre a escada de bordo e a limusine que os esperava. Depois, o movimento embalador do belo carro; o alvoroço da Avenida Rio Branco ao cair da tarde, na hora do êxodo para os lares.

Tudo, até o grito dos jornaleiros, apregoando vespertinos, encantava Marina. Os marcos familiares da cidade surgindo um por um. As vitrinas que se iluminavam. O cansaço delicioso que a vencia. O aconchego em que viajava, com os olhos distraídos pela agitação exterior e a mão presa na de Roberto. A sensação feliz de se lhe abrirem na vida largos horizontes de ventura.

E, de repente, ante seus olhos, o cenário da baía, empolgante e irreal. As luzes acendendo-se, desenhando os contornos da cidade e enfeitando-lhe os morros como jóias. O deslizar pela Avenida Beira-Mar. A Rua Paissandu com a ala dupla de palmeiras enfileirando-se contra o céu crepuscular. A casa... O olhar de Roberto, brilhante de expectativa, virando-se para Marina, procurando colher sua primeira impressão, gozar do seu prazer.

Marina contava com este aspecto de palácio, mas não com as orlas de palmeiras do jardim, desdobrando as da rua, velhas e nobres como aquelas. Foi para elas sua primeira curiosidade. Ao apeaar, não ergueu os olhos para o palacete ostentoso, mas para as folhas luzidias das copas verdes, balouçando-se muito alto.

Ouviu a voz de Roberto apresentando-lhe o criado à porta. — Marina, este é Antônio, um velho amigo. Está na família há vinte anos. E esta é Júlia, mulher dele.

Era calvo e gordo o Antônio, magra e seca a mulher que se aproximou e se pôs a falar com loquacidade.

— Espero que tudo esteja a seu agrado, minha senhora. Arranjamos tudo pelo melhor. Dona Germana veio aqui esta tarde correr a casa e tratar das flores. Saiu há pouco. O

chefe preparou o jantar para oito horas, a hora antiga.

— Muito bem, disse Marina.

Outros criados acorriam, a vê-la. Os boatos de sua beleza tiveram confirmação plena.

Marina sorriu para todos e murmurou para Roberto:

— Que boas caras!

Era seu comentário habitual sobre toda espécie de fisionomias. Na sua modéstia nunca atribuía essa impressão de bondade humana ao efeito da sua própria beleza.

Havia, no grande vestibulo em que entraram, altos ramos de lírios e de rosas. Marina, com uma exclamação, dirigiu-se para eles. Roberto chamou sua atenção para outras flores mais raras, uns enormes crisântemos de estufa, mas ela os achou inverossímeis e frios.

Para que observasse a casa, Roberto teve de lhe perguntar se lhe agradava. “Então, gostas da tua casa?”, indagou.

Marina levantou das flores para o marido os olhos carinhosos. Caíram por acaso num espelho e ela ajustou maquinalmente o chapéu, depois tirou-o. Apareceram os cabelos castanhos, enquadrando o rosto, que era de uma extraordinária mobilidade, refletindo as mais leves emoções nos pequeninos nervos da boca, das narinas, das faces, na linha flexível das sobancelhas, nas luzes e sombras dos imensos olhos verdes.

Estranhava ainda nos espelhos a imagem elegantíssima da jovem senhora, casada há um mês e que sua mãe desconheceria. Na lua-de-mel, através de grandes hotéis da Argentina e do Uruguai, as toilettes haviam pela primeira vez assumido para ela papel importante. Em solteira, na fazenda, a moda não lhe entrava nas preocupações. Para Santa Rosa bastavam vestidos de algodão, e, cada ano, um de seda, para receber hóspedes de cerimônia. Já datavam de sua adolescência as viagens à Europa, suspensas desde a morte do pai.

Acompanhando Marina nas compras do enxoval, a irmã de Roberto, Germana, descobriu logo sua falta de

discernimento para julgar da qualidade dos tecidos ou da perícia do corte. Passou a decidir ela mesma nas lojas, com consultas perfunctórias a Marina e com visível desdém pelo seu gosto moço e tropical, ainda inconsciente dos efeitos sutis. Em Buenos Aires, na viagem de núpcias, Roberto cumulou-a desnecessariamente de novos vestidos, comprados por falta de melhor ocupação e porque as lojas eram tentadoras, nos passeios sem destino entre estranhos. Agora, em tudo que Marina usava, as cores eram mais neutras, as sedas eram mais pesadas, as linhas eram mais simples do que lhe agradaria que fossem, mas submetia-se sem protesto ao gosto experiente do marido e da cunhada. Do espelho Marina virou-se enfim para a casa.

Jubilosamente Roberto esperava-lhe o juízo. Sentia-se seguro, apoiado no gosto de Alice, sua primeira mulher, que montara este seu lar com carinho e com uma larga parcela da fortuna do marido.

Mas Marina vinha de outro meio. O Brasil dela era o velho Brasil agreste dos antepassados fazendeiros. Roberto tinha sangue estrangeiro, tinha avós vindos da Flandres, emigrantes de terceira classe. Os de Marina haviam sido por muitas gerações proprietários de Santa Rosa, a fazenda mais antiga do Estado do Rio. Eram donos de toda a terra que divisavam das janelas da grande casa colonial, alegre de azulejos, a casa solarenga em que Marina nascera, e que pertencia por herança à sua mãe. Através dos tempos coloniais e do Império, Santa Rosa criara na família fortunas e questões, até a Abolição que a sorvera. Agora agonizava.

Marina sempre se sentira abastada. Sua mãe dava gêneros e remédios a quem os viesse pedir na fazenda. Já antes dela assim faziam todas as suas predecessoras em Santa Rosa, depois de distribuírem aos escravos a ração diária de feijão, arroz e carne-seca.

Mas nunca Marina conhecera o luxo e resistia-lhe inconscientemente. A fazenda protegera-a do amor ao dinheiro, não lhe dando modos de o gastar. Em Santa Rosa

a vida era fácil e as necessidades poucas, mas não havia nada que se parecesse com esta riqueza de cortinas e tapetes, de reluzentes painéis, de madeiras novas e de sedas frescas como na loja. Sua mãe nunca se lembrara de enfeitar com flores as grandes salas conventuais. Eram caiadas as paredes, e nuas as janelas, mas os anos haviam criado uma alma para os velhos móveis de jacarandá. As recordações de infância de Marina brincavam em redor deles, pelas salas que as peças maciças não conseguiam encher.

Este era o outro Brasil, o Brasil novo, industrial, no qual nascera Roberto, e que chamava os braços da lavoura para as cidades, as fábricas e a tuberculose, mas que não produzira ainda, mesmo na capital, senão um fraco punhado de residências como esta, e de fortunas como a que Roberto gastava largamente, na vida organizada para o casal por Alice, no fausto que destoava dos hábitos de seus amigos e que atraía a atenção dos invejosos.

Roberto e Marina passaram de mãos dadas pela porta da primeira sala, sorrindo um para o outro, até verem o retrato de Alice. Na parede central, com os olhos pretos e brilhantes dirigidos para a porta, com a mão levantada acolhedoramente, Alice, fazendo de dona de casa, parecia receber a sucessora como a uma hóspede passageira, e dizer ao marido: “Amo-te e quero-te feliz. Não receio a comparação.”

Marina olhou depressa para Roberto. Percebeu ainda seu primeiro olhar para o retrato, olhar de quem via um antigo companheiro, alguém cuja vista importasse num acréscimo de conforto moral, mas logo a boca se lhe esticou de contrariedade. Dera ordens para que o quadro fosse retirado dali, e não estava habituado a que se lhe não cumprissem as ordens. Veio a Roberto uma onda de irritação contra sua irmã por não ter respeitado o seu pedido urgente. Era bem da Germana isso, de florir-lhe a casa e ocupar-se de tudo, mas desatendendo à sua única recomendação positiva. Conhecendo-a tão bem, ele é que

devia ter-lhe adivinhado a intenção, não ter tomado por aquiescência o silêncio repentino em que Germana caíra, depois de afirmar que um quadro de Verron era uma obra-prima impessoal, como o Reynolds e o Fragonard do salão nobre. Roberto deixara-se iludir pelo tom brando com que, desde a infância, a irmã costumava disfarçar sua teimosia. Ofereceu a Marina a desculpa insuficiente:

— Perdoa-me não te ter evitado esta impressão de chegada. Dei ordens para que o quadro fosse retirado. Vai sê-lo.

A vista do retrato avivou-lhe a recordação do dia em que ficou resolvido que Verron ia pintar Alice. Haviam assentado que naquela viagem à Europa se faria o retrato de Alice.

Hesitavam entre dois ou três pintores de nomeada, sem que o nome de Verron entrasse sequer em discussão, tão alto estava, já tão desinteressado de retratos. Uma tarde, porém, encontraram o mestre inesperadamente num salão da colônia brasileira em Paris. A sala estava cheia. Verron entrou com seu passo pesado, trazendo alta a cabeça branca.

Todos os olhares convergiram logo para ele. Várias pessoas murmuraram logo “É Verron”, para Alice e Roberto, novos na terra.

E seu olhar foi logo para Alice. Perguntou quem era. Só conversou com ela. Todos observaram a atração que surgira, imediata, entre o velho em sua glória e a moça em seu esplendor.

Verron mesmo ofereceu-se para pintá-la. Roberto recordava-se da volta ao hotel naquela noite, da alegria expansiva de Alice, do modo com que, quando ele lhe disse: “fizeste a conquista do velho”, ela revidou, risonha: — “fiz questão disso!” Lembrou-se da amizade crescente entre os três, lisonjeando os brasileiros, lembrou-se da satisfação de Verron no dia em que apanhou, e fixou enfim na tela, o olhar do modelo, “Maintenant ce sont ses yeux, c’est son regard”. Lembrou-se da sua indiferença olímpica aos elogios e do dia em que, frente ao retrato, resmungou

satisfeito: “On voit que ce n’est pas un portrait commandé.” Quando o pensamento de Roberto tornou a Marina, encontrou-a ao seu lado, a mão, mais fria, ainda na sua, o olhar no retrato, os lábios murmurando uma pergunta: — É ela, naturalmente, não é? Eu queria muito ver um bom retrato dela.

Sempre que se referia a Alice, Marina dizia “ela”. Não se julgava autorizada a chamá-la pelo nome com uma intimidade que nunca existira.

Uma vez dissera a Roberto “tua mulher”, mas ele corrigiu logo:

— Minha mulher és tu.

Parados em frente ao retrato de Alice, contemplavam-no constrangidos.

— Sim. É de Alice, respondeu Roberto. Por Verron... Ele mesmo me disse que nunca fez obra melhor.

Marina repetia o nome glorioso, Verron, e contemplava o quadro, medusada e contrafeita. Comentou:

— É impressionante.

Devia ser Alice viva. Os olhos viam. Penetravam o pensamento, olhavam o mundo como se fosse seu para conquistar, para governar. A boca palpitava. Ia falar. O corpo também ia mover-se. O veludo do vestido reluzia quase tão finamente quanto o do manto de Marina. O colar de pérolas era o mesmo que ela trazia ao pescoço. Roberto percebeu este pormenor, verificando aflitivamente sua falta de tato, e pensou: “Eu devia pelo menos ter mudado o fecho.”

— Onde foi feito? perguntou Marina.

— Em Paris, antes da guerra.

Roberto não acrescentou “Bons tempos!”, mas Marina captou-lhe as palavras no pensamento. Sua alegria fugiu logo. Lembrou-se de uma frase que ouvira sobre Alice — nunca esquecia nada que lhe dissesse respeito: — “Era uma criatura de um magnetismo extraordinário.”

Achou que Verron conseguira transmitir para a tela esse magnetismo.

Deixou-se cair numa cadeira. Roberto viu que no seu rosto de sensitiva o brilho da felicidade se esvaíra subitamente. Já sabia por experiência que agora só voltaria com mil cuidados seus. Marina tinha dessas mudanças repentinas. Sumida na cadeira ampla, parecia até ter diminuído de volume, de tão murcha e inerte que estava. Da sua elegância de figurino parisiense nada parecia restar senão um trapo sem alma, um vestido abandonado na cadeira. — Isto te estragou a chegada! lastimou-se Roberto. O primeiro remédio que tentou foram beijos, mas seus lábios encontraram os dela frios, e os olhos de Marina permaneceram fixos no retrato. Roberto então falou-lhe à razão, em tom de queixa: “Isto é exagero, Marina. Não te debes aborrecer assim com um simples mal-entendido de que não tive culpa.” Por fim recorreu a palavras de consolo, humildes e contritas. Ela ouvia, com os olhos meigos sobre o rosto do marido, deixando-se embalar pela sua voz, mas guardando silêncio, deixando vazias as pausas entre cada frase de Roberto:

— Não debes deixar coisa alguma estragar a tua entrada nesta casa, nossa casa... Amanhã o retrato não estará mais aí... Irá para qualquer canto... Até joga-se fora se quiseres... Ciúmes de um retrato, Marina?... Alice, coitadinha, é só uma pintura... Tu é que és minha vida... Esta parede vai ser tua. Vai ter um retrato teu... Quando encontrarmos um pintor digno, hás de posar no parque, com o sol nos teus cabelos... És uma mulher de ar livre. Minha fazendeirazinha!... Dize que me perdoas... Dize qualquer coisa.

Nas pausas, Marina parecia ouvir coisas um pouco diferentes do que Roberto estava a dizer. Continuava a captar-lhe os pensamentos. Entre as frases de Roberto intercalava outras, que ele não dizia, frases menos ternas, mais sensatas, de outro teor:

— Bem sei que este choque foi para ti irremediável, e também que não é brincadeira suceder a Alice, mas quero fingir que são teus nervos, que não foi nada... O retrato sai,

sim, mas vai para outra sala, para um lugar menos importante... Jogar fora, nunca... Tu o queimarias sem remorso, mas és uma selvagenzinha... Vale uma fortuna, esse quadro. Aqui na cidade respeita-se o dinheiro... Eu também respeito. E não estou mais em idade de mudar. Tu é que mudarás porque vieste para o meu meio... A fazenda ficou lá. Quero o teu retrato feito no parque, ouviste?... para evitarmos comparações... Assim fica outro gênero... Não quero comparações em que percas... Nunca foi fácil medir-se com Alice... Sim, amei-a muito... Não sei se mais, ou se menos, nem quero aprofundar. Em todo caso, tu és o presente. Esta é a maior das vantagens... Alice era uma mulher de salão, por isso está aí cercada de coisas do mundo. Olha o rico fundo de tapeçarias e o serviço de chá a seu lado... as peças que hoje estão na sala de jantar. Tudo nesta casa foi dela... Pensas que a vida de Alice estava nestas coisas de luxo? Não, eu era sua vida... Eu mais que tudo.

— Amanhã o retrato não estará mais aí, ouviu Roberto afirmar. Pareceu a Marina que o olhar que ele lançou então para o quadro era uma despedida, que dizia à morta, sem desculpas nem remorsos, mas com uma espécie de entendimento secreto: “Fica tranquila. Esta encantadora criança me dará nesta tua casa o amor próximo de que preciso, mas sem tomar o teu lugar.”

E o retrato parecia responder: “Sei disso tudo muito bem. Só quero que sejas feliz.”

De repente, a voz de Marina investiu contra o silêncio vivo, como uma espada para debelá-lo.

— Roberto, meu marido, estou muito nervosa hoje, mas não quero ser injusta contigo nem por pensamento.

— Então não fiques aí cismando. Ainda não viste a casa. Vamos corrê-la antes de jantar.

— A casa não me interessa muito, disse.

E logo, arrependida da franqueza, emendou-se:

— Estou cansada.

Calou sua opinião definitiva: “Tudo é muito ostentoso. É

casa para mostrar-se à gente, não é casa para se viver.”

— Então percorreremos amanhã. Mas levanta daí. Anda. Puxou-a pela mão e ela pôs-se de pé, ainda em frente ao retrato.

— Há uma coisa que ela nos quer dizer, murmurou Marina, interrogando a imagem com olhos dilatados.

Roberto assustou-se, mas fingiu que gracejava.

— Isto é espiritismo? perguntou.

Séria, Marina respondeu:

— Espiritismo? Deus me livre! Sou católica.

— Então não penses mais neste infeliz retrato, nestas bobagens. Como é que um retrato poderia te dizer alguma coisa?

— Quer sim, mas não percebo.

Subitamente sua perplexidade passou. O rosto serenou, como se ela visse o que procurava, mas permaneceu pálido e abatido.

— Agora sim, disse Marina, olhando sempre para o retrato.

Tinha a mão esquerda presa na do marido. Levantou lentamente a destra, num gesto de sonâmbula, os dedos rígidos. Disse uma só palavra:

— Prometo.

Depois, dando por fim o episódio, e recobrando a naturalidade, explicou a Roberto:

— Ela quer que eu te faça feliz.

Roberto explodiu num grande riso de alívio:

— Ah! Isto quer. Quem te garante sou eu. E vamos ser mesmo muito felizes. Temos todos os motivos.

Seu riso comunicativo prolongou-se conscientemente, varrendo sombras e espiritismo com seu fragor sadio, concreto, real. Tinha horror a tudo que não fosse claro, racional, perceptível aos sentidos. Respondendo a seu sorriso de comando, o de Marina veio, inundando-lhe radiosamente os olhos, o rosto. Os lábios aqueceram-se-lhe. Correu com Roberto a casa toda, e nos espelhos sucessivos viu-se como antes, jovem e feliz.

## CAPÍTULO II

PELA MANHÃ Marina não encontrou mais o quadro. Roberto, antes de sair para o escritório, o havia feito remover. Outros quadros estavam mudados para facilitar o novo arranjo. Uma paisagem substituía Alice no grande painel em frente da porta. Marina notou tudo e pôs-se a cantarolar.

Seu vestido de seda florida era o último dos que ela comprara para a fazenda. Sendo novo de três meses, tinha-lhe ares de muito velho por ser o único daquele tempo que sobrevivia em seu enxoval. No dia em que conheceu Roberto estreara-o, novo de Paris, saído das malas de uma andorinha de modas, e todo impregnado ainda do perfume da vendedora.

Em Santa Rosa ninguém usava perfume e Marina sentiu-se elegante por trazer fugazmente o aroma da mulher bonita a quem comprara o vestido. Era uma dessas francesas que chegam à América do Sul à caça de milionários. Nem Marina tivera ainda vestido de corte tão hábil. Ao entrar na sala, para conhecer o hóspede de Santa Rosa, pisara com um desembaraço novo e julgara-se igual, em desenvoltura, a qualquer moça de cidade. Só depois veio a saber que aparecera a Roberto como o símbolo da primavera e da ingenuidade.

Agora vestiu-o, na nova casa, pela necessidade que sentia de manter pequenos laços com o passado, e enfrentar a opressão do desconhecido que a cercava de toda parte; para vencer as saudades que se moviam como sombras no meio de sua alegria.

O vestido trazia recordações de Santa Rosa, vivas e próximas. Da atmosfera pesada dos meio-dias mormacentos que deixavam imóveis as folhas e ressecavam a pele delicada de Marina. Da umidade da tarde, ao cair do sereno, que lhe apertava as ondas naturais do cabelo. Dos banhos de cachoeira nos dias de calor. Do fresco da casa,

protegida por paredes espessas e por venezianas quase sempre cerradas. Do eterno esperar por coisa nenhuma. Da importância dos livros e das leituras em sua vida de menina. Dos carros de bois arrastando-se, a ranger, pelos caminhos. Das vozes dos condutores, guiando os animais. E sobretudo da atividade e das ordens incessantes de Dona Emília, sua mãe. Dona Emília era Santa Rosa, e Santa Rosa era Dona Emília. No dia em que ela faltasse, tudo aquilo desabaria.

As lembranças pareciam invadir os sentidos todos de Marina. Traziam-lhe ao olfato o cheiro de cana a fermentar, que penetrava a casa inteira quando o vento soprava do engenho; aos ouvidos o grito das cigarras, a flauta do sabiá; ao paladar o gosto de jabuticaba, chupada junto ao pé; aos dedos o escorrer doce e pegajoso do caldo de cana fresca. Baixou os olhos sobre as mãos onde as unhas rebrilhavam, rosadas. Uma manicura, enviada por sua cunhada, acabava de sair. Mulher faladora, que caceteara Marina duplamente, por prendê-la e por tagarelar.

Marina decidiu que suas ideias sobre conforto nunca se civilizariam. Olhou para o brilhante que trazia ao dedo, o maior que já vira. Roberto tinha tal orgulho desta pedra, que nunca em Buenos Aires passou por uma vitrina de joalheiro sem parar, a ver se alguma outra se lhe comparava. Marina achava-a ostentosa demais e de tamanho incômodo para anel.

Vagou pelas salas à procura do Verron. Sabia que o encontraria. A casa lhe pareceu enos brilhante que na véspera. A abundância de cortinas e de tapetes prestava-se mais à luz elétrica, ou a dias sombrios, a outros climas. A exclusão do sol entristecia as salas. Em Santa Rosa as venezianas fechavam-se contra ele como uma defesa. Aqui, através dos vidros recobertos de rendas, que imprimiam seus arabescos sobre a vista, percebiam-se, do jardim, banhado em sol, apenas pedaços triangulares entre os apanhados das grandes cortinas de seda. A natureza era relegada a um plano inferior.

Marina encontrou a tela de Verron, como esperava, numa sala de menor importância. Tivera certeza que seria assim, que Roberto, em atenção às circunstâncias novas, faria baixar o quadro a uma colocação secundária, mas não o relegaria ao abandono.

E para proceder assim, não seria levado só pelo fato do retrato lembrar uma mulher amada e ser uma obra-prima, mas em grande parte pela nomeada de Verron, pela curiosidade que seu nome despertava, pelas visitas que pediam para ver o quadro. O valor pecuniário, sempre sem importância aos olhos de Marina, influía em geral poderosamente nas opiniões de Roberto. Ela pensou com melancolia que o amor, por mais que unisse duas criaturas, não tinha o poder de igualar seus pontos de vista, nem de alterar a influência de hereditariedades opostas. O respeito ao dinheiro, Roberto tinha-o no sangue. Seus antepassados, na velha terra europeia, haviam sofrido fome e frio para criar um pecúlio, enquanto os dela governavam em Santa Rosa sem conhecer a incerteza do dia seguinte nem os sobressaltos da concorrência.

O quadro estava numa salinha do fundo, encimando um largo divã coberto de almofadas. Visto à luz do dia, com nervos bem repousados, pareceu a Marina um retrato perfeitamente normal, em que se podia observar impessoalmente os traços de Alice e a técnica de Verron, sem encontrar sombra de mensagem nem de sugestão.

Uma obra-prima de pintura. Mais nada.

A canção que Marina vinha murmurando rompeu em notas claras. Sentiu sua alegria límpida como a manhã.

Esta sala, também, que na véspera lhe parecera sem interesse, agora, no esplendor matinal do belo dia, com as largas portas abertas, sem degraus, quase diretamente sobre o gramado, parecia integrar-se no parque e encantou a Marina. Duas estantes, embutidas de cada lado do painel que o retrato enchia, traziam apenas alguns volumes de obras clássicas em francês, isolados e realçados por espaços vazios e por algumas peças de porcelana preciosa.

Pareceu a Marina que as prateleiras estavam reclamando os livros que ela trouxera de Santa Rosa.

Resolveu logo reservar para si a salinha, e tomou posse imediatamente, mandando trazer as suas caixas para instalar os livros nas estantes.

Arrumou-os na mesma ordem em que os tinha na fazenda. A prateleira de baixo para livros grandes, de história e de crítica. Outra para poetas, clássicos e modernos, em três línguas. A materna; o francês, que aprendera em pequena nas viagens e o inglês que lhe ensinara uma governanta velha e rabugenta, que passara dois anos em Santa Rosa e cujo mau humor revelara as profundas reservas de paciência na natureza de Marina.

Tinha livros sérios e livros infantis. Gostava de filosofia que mal podia entender, até de Santo Tomás de Aquino, e não pusera fora as obras de Madame de Ségur que haviam encantado sua infância. Naquele tempo de menina procurava, para ler, a grande sala de frente, sempre em penumbra e em silêncio, onde não seria interrompida. Nos dias quentes lia estendida de braços sobre uma mesa, apoiada nos cotovelos, surda aos avisos maternos de que estava forçando a vista e aos gracejos paternos sobre a eloquência dos pés. Os dela balançavam alto, marcando passo às emoções da leitura.

Livros de piedade, gastos pelo uso. Romances, dos quais alguns eram amigos eleitos da adolescência, lidos por especial permissão, e vedados às outras meninas, por serem “fortes”!

Nenhum que fosse piegas. Quando lhe davam literatura para moças, passava os livros à jovem prima Adélia que vinha a Santa Rosa nas férias. Instintivamente Marina não inscrevia neles seu nome. Descobria sempre o desvalor literário apesar dos elogios da prima. Mais tarde descobria-o por causa deles.

Mas era só intelectualmente que se sentia superior às meninas de sua idade. A educação na fazenda fazia-a parecer uma menina de convento, ao lado da prima, vinda

de um externato elegante de freiras no Rio. Adélia, que desde os treze anos punha requebros nos olhares e nos gestos, achava-lhe perdida a beleza porque Marina não tinha faceirices e não queria se pintar.

Não sabia conversar com outras meninas, de modas e de namorados; ficava constrangida diante das ironias colegiais e dos cochichos maliciosos, mas quando um grupo de homens discutia livros, Marina chegava-se a eles e saía-se com comentários felizes.

Esses grupos em geral eram de estudantes, convidados de seu primo Miguel, irmão de Adélia. E era Miguel sobretudo quem falava. Os outros ouviam-no, enlevados, e davam-lhe a réplica, apoiando ou divergindo com o entusiasmo da idade.

Miguel era feio, com uma seriedade de velho e com rugas prematuras na testa ampla. Falava sem cessar e inspiradamente. Tratava principalmente de coisas literárias e abstratas; perorando com uma facilidade dispersiva, transbordante. Nunca hesitava por falta de uma palavra. Se, por um raro acaso, alguma lhe saísse infeliz, era logo modificada ou substituída por outras, prontas e adequadas. Seus olhos faiscavam por trás dos óculos. A voz ia subindo sempre. Afinal vinha o protesto da tia, Dona Emília: — “Mais baixo, Miguel!”

Voz magnífica, e que surpreendia rompendo do peito estreito. Miguel, ao falar, atirava alto os braços desengonçados. Seus gestos eram violentos e descontrolados, mas a voz obedecia-lhe e acompanhava todas as sutilezas da dicção, vibrante e rica, prendendo os ouvintes.

Marina não se lembrava do tempo em que o primo não tivesse para ela a mesma pergunta: — Então, que tens lido? Gostaste? Por quê?

Pesava bem a resposta da menina, depois discorria retificando-lhe a opinião, refinando-lhe o gosto, articulando-lhe o raciocínio, amoldando-lhe o espírito com devoção. Tornava claras como água teorias complicadas de filosofia.

Evocava épocas históricas com um colorido que deslumbrava a priminha. Classificava autores em escalas luminosas. Da surpreendente memória tirava citações de todos os matizes, em prosa ou verso, uma chamando outra, para ilustrar ou confirmar o que dizia. Ela ouvia com olhos arregalados como se visse o relampejar das imagens e escutasse o tilintar dos paradoxos.

As visitas de Miguel eram mais preciosas na sua infância porque eram mais raras. Depois da morte do seu tio, pai de Marina, Miguel começou a vir com regularidade todos os meses para auxiliar Dona Emília. À noite examinava as contas com o administrador, e pela manhã, a cavalo, percorria as plantações da roça. Ele e Adélia tinham parte na fazenda, pela mãe.

Era graças a Miguel que Marina podia olhar confiante, para a escolha dos seus livros, alinhados na nova estante. Muitos haviam sido presente do primo. Diversos traziam dedicatória na letra pequena e nervosa, dedicatórias que variavam entre a fantasia e o conselho, entre a palhaçada e a ternura, acalorando-se com o passar dos anos, desde a primeira, “à querida priminha no dia dos seus oito anos”, num volume de Madame de Ségur, até a última, “À Marina minha adorada”, escrita com letra ascendente de esperança, num romance de Tolstoi que Marina ainda não achara tempo para ler, por ter conhecido Roberto e logo se casado.

Tinha os livros bem tratados com encadernações simples. Traziam todos seu ex-libris pessoal, — um galho de hera com a divisa *semper fidelis*. Escolhera-o aos quatorze anos, depois de procurar em vão num dicionário latino uma tradução mais exata da palavra lealdade, virtude que ela julgava ser seu traço dominante. Marina acreditava que suas ideias e seus sentimentos eram imutáveis e que seus livros o refletiam.

De qualquer modo a pequena biblioteca gravaria na sua nova salinha alguma coisa da sua personalidade. Nesta grande casa, onde os livros eram poucos e ricos, os dela,

bem manuseados, provariam que alguém lhes tinha amor. Depois, no seu aposento de dormir, lisonjeou-se menos, contemplando o resto de seus objetos, saídos da mala, as lembranças modestas que tornavam alegre seu quarto na fazenda, umas bonecas velhas, antigas companheiras, a cestinha de costura, as fotografias, as almofadas bordadas em casa, tudo sem beleza, e sem valor, salvo o de suavizar a saudade.

Toda a luxuosa instalação Luís XVI, do aposento, em que móveis e paredes se uniam numa perfeição estudada, repelia os pequenos objetos trazidos por Marina. A não ser as antigas escovas de marfim lavrado, vindas da bisavó, sentia que nada resistiria à crítica de Germana, sua cunhada, quando dali a pouco chegasse para lhe dar as boas-vindas; que nada resistiria à prova de seu gosto artístico, infelizmente tão parecido com o de Roberto, e tão sujeito ao conhecimento prévio do preço, e ao arbítrio de dois ou três especialistas no assunto. Sentia que eram inadaptaáveis ao novo meio, a ponto de parecerem vagamente grotescas, as coisas insignificantes a que se apegara no passado. Isabel, uma mulatinha da fazenda que crescera a seu serviço, retirava os objetos das malas um por um e colocava-os a esmo pelo quarto, entulhando as mesinhas delicadas, envergonhando as sedas e os charões. Isabel avaliara o apego de Marina a tudo isso no momento das arrumações em Santa Rosa, quando sua Sinhazinha começou declarando que ia levar muito pouca coisa e acabou por trazer tudo.

De uma das malas de Buenos Aires saiu uma pequena agenda, encadernada em couro azul, presente de Roberto, num dia em que Marina por esquecimento deixara de ir almoçar em casa de uma conhecida argentina. Agora, encontrando-a, virou-lhe as páginas brancas, não lhe vendo utilidade; procurou a data em que conheceu Roberto — 23 de junho — e cercou-a com um largo traço de lápis vermelho. Os anos anteriores à vinda de Roberto, toda a existência serena e monótona da fazenda desde a meninice

pareciam-lhe um simples cenário, já preparado, mas onde, até o dia em que Roberto apareceu, ninguém se movia nem falava. Ocorreu a Marina que essa impressão era estranha numa menina que antes já havia sido noiva de outro.

Assim marcado, tomou logo amizade ao caderninho.

Quando entrou a cunhada, Marina, num gesto impulsivo, mostrou-lhe a data assinalada.

— Há só três meses que existe, explicou alegremente.

Estranhou mostrar-se tão expansiva com Germana. A cunhada nunca lhe inspirara franqueza. Em geral tirava-lhe a espontaneidade. — É, mais um sinal de quanto estou feliz, pensou.

Germana era bela e alta, como Roberto, com a robustez sadia que ambos receberam dos campônios flamengos, seus avós, mas sem a sensibilidade latina que só ao irmão descera dos outros avós, os portugueses.

As duas cunhadas saudaram-se como sempre, com uma amabilidade perfunctória e um beijo apressado. Logo depois do cumprimento, os olhos ativos de Germana fizeram a volta do quarto, assenhoreando-se curiosamente dos objetos de Marina. O disparate que estes constituíam patenteou-se, sem necessidade de palavras.

Depois Germana pôs-se a retocar o rosto, murmurando para o espelinho da bolsa: — Que cara indecente!

A Marina, seu rosto já parecia a última palavra em perfeição retocada. O carmim, de um tom escolhido entre mil, estava aplicado numa gradação sem falha, e as sobrancelhas depiladas numa linha finíssima, sob a qual se percebia, por uma ligeira diferença no tecido da cútis, o traço natural mais espesso, como uma frase espontânea sob uma correção pedante.

Germana, concentrando toda sua atenção no espelinho e nos apetrechos, parecia entregue a outro rito que não fosse de faceirice. Depois, fechando a carteira, relatou suas ocupações da manhã que terminava. Começara o dia despedindo a governanta das crianças, por insolência; saíra cedo; visitara a costureira; tivera uma decepção no freguês

de antiguidades e muito trabalho no sanatório para crianças tuberculosas de que era presidente, e cuja diretoria levava de mão alta.

A autoridade inata de Germana manifestava-se sem constrangimento em toda sua pessoa, no porte imponente, na voz e no riso sonoros, no conselho abundante. A natureza pusera-lhe nos traços angulares alguma coisa de azedo, que ficara latente sob a bonança da vida, sob a saúde florescente, sob a prosperidade ininterrupta.

Germana acostumara-se a vencer todos os obstáculos com a vontade ou a aplainá-la com a fortuna. O mundo não lhe opunha contradição. Apenas deixava-a sem recompensa. Poucos demonstravam gratidão pelo seu interesse operoso, pela sua providência espontânea em tom de comando.

Germana era importante sem ser querida.

Seu olhar circundou novamente os objetos espalhados de todo lado. Marina pensou:

— É agora!

Mas, primeiro, Germana pediu um fósforo e acendeu um cigarro, ostentando despreendimento.

— Você precisa de outro quadro para o retrato de sua mãe e de um crucifixo mais rico — disse enfim.

Marina voltou-se para a fotografia da mãe, tirada em Paris, uma Dona Emília quase desconhecida, ondulada e decotada. Os olhos magníficos eram os de Marina, mas todos os traços se haviam aperfeiçoado na filha; o nariz fizera-se mais reto, menos longo, a boca menos rasgada, mais graciosa.

A moldura era de pelúcia verde, já muito gasta, quase sem pêlo. Marina mesma a escolhera em Paris, menina, com a governanta. O crucifixo, que Isabel no momento pendurava à cabeceira da cama, era de madeira, muito simples com um Cristo de metal enegrecido. Veio a Marina um suspiro abafado, de revolta, ao pensar que amanhã, como por acaso, Roberto lhe traria seguramente os presentes sugeridos pela irmã — um crucifixo, uma moldura.

— Não quero outro Cristo, disse. Este foi de meu pai.

Germana cedeu logo:

— Bom, se foi de seu pai o caso é outro, concordou. Mas, não tendo hábito de ceder a ninguém, notou mentalmente essa sua atitude generosa e levou-a a seu crédito para a próxima divergência com Marina. A formação da jovem cunhada seu feitio, o que Germana chamava civilizar Marina, era uma tarefa longa, mas cheia de possibilidades interessantes. Não havia tempo a perder. Germana começara desde o princípio a expor-lhe as normas corretas, as relações desejáveis, as convenções e as modas aprovadas no seu meio. Marina ouvia, docilmente. Às vezes pensava:

“É impossível que ela seja realmente inteligente.”

Germana dava uma importância preponderante às pequenas questões de sociedade e de etiqueta. Seus ideais de elegância pautavam-se nos usos de outras terras mais adiantadas na arte de gastar fortunas. Dividia os brasileiros em duas espécies — os viajados, acostumados à Europa, e os outros, os caipiras. Brasileirismos de maneiras eram, para ela, inadmissíveis. Em decoração de casa, seguia as tendências dominantes em França, em geral com algum atraso. Ao casar montara um palacete em que o menor objeto viera da Europa e onde as cadeiras eram quase todas douradas. Pouco depois, porém, o apreço dos estrangeiros pelos velhos móveis de jacarandá e pela prata lavrada dos tempos coloniais abriu os olhos de Germana para alguns aspectos tradicionais da arte brasileira.

Começou a abandonar os móveis franceses de estilo e as modernas pratas inglesas da Rua do Ouvidor para frequentar os primeiros antiquários que surgiam no Rio. Isabel continuava a esvaziar malas. Apareceu um retrato de Miguel. Marina perguntou a Germana:

— Onde hei de pô-lo? É meu primo de quem fui noiva. Quero-o como a um irmão.

Germana sacudiu negativamente a cabeça.

— Deixe-o na mala, disse. Não é nada decorativo e o fotógrafo é de subúrbio.

Obedecendo a um sinal de Marina, Isabel guardou o retrato novamente. Murmurou:

— Coitado de seu Miguel!

Abriu-se outra mala e Isabel anunciou:

— Aqui estão as bruxas, Sinhazinha, as cabeças de coco, o balangandã.

Marina interrompeu, apressada:

— Deixa essas coisas à-toa na mala.

Mas pareceu-lhe ouvir a mais feia das bruxas, quando rangeu a tampa, gritar “Misericórdia!” com uma vozinha lancinante. Germana atalhou, com interesse:

— Há muita procura de balangandãs, agora. Deixa ver esse. Tomou-o, sentiu-lhe o peso na mão e ordenou à mulatinha:

— Então deixe só o balangandã na mesa.

Marina procurava compreender, para inteirar-se nela, a atmosfera desta casa em que tudo era novo, reluzente e caro, formando um conjunto frio, onde nada lembrava o Brasil. O palácio parecia ter saído, completo e mobiliado, do cérebro de um longínquo arquiteto decorador, sem colaboração alguma dos ocupantes, sem que os donos, receosos de críticas, se arriscassem a concorrer com algo de pessoal. No entanto, Marina sabia que os donos não eram “novos-ricos”. Roberto nascera na abastança. Ele e Germana caçoavam dos “novos-ricos”, e comentavam suas atitudes, achando graça. Neste Brasil, para ele desconhecido, eles eram, pela fortuna, príncipes.

— Preciso adaptar-me, pensou Marina, e mandou Isabel guardar outra vez quase tudo.

Lançou um olhar de carinho para as bonecas e dominou um desejo, súbito e violento, de enfrentar Germana, pregando na parede de seda, com alfinetes espetados nos cantos, uma grande imagem de Santa Teresinha, grosseiramente colorida e reluzente como um espelho, que comprara na fazenda a um vendedor ambulante.

Aceitava a infalibilidade de sua nova família em assuntos mundanos. Deixaria que a fé e a submissão a guiassem no amor como na religião. Queria aprender, para seguir os

gostos de Roberto como um credo. Germana seria a professora.

A saudade da mãe subiu-lhe, sufocante, ao coração. Isabel, fechando a mala, rolou sobre Germana um olhar de ódio.

## CAPÍTULO III

AOS ÚLTIMOS três meses, que a vinda de Roberto enchera para Marina de recordações, precederam outros meses precursores, em que sua visita a Santa Rosa fora duas vezes anunciada e adiada.

Era um comprador possível para a antiga fazenda da Bananeira, uma grande extensão de terras que confinavam com as de Santa Rosa. Viria inspecioná-la, acompanhado de dois consultores técnicos. A pedido de Lopes, — o homem de negócios da vila, solicitador em Niterói e agente de terrenos, — Dona Emília acedeu em hospedar os visitantes. O Lopes a princípio fizera segredo do nome do comprador. — Bastaria saberem para levantar o preço das terras, explicou, fazendo-se de importante. O que posso dizer à Dona Emília, é que esta compra, se se fizer, vai valorizar toda a região. Santa Rosa vai lucrar cem por cento. Meu cliente é um industrial que emprega dinheiro sem contar, como os americanos. Vê coisas em grande.

Marina lembrava-se do dia em que, pela primeira vez, ouvira o nome de Roberto.

Estavam, depois do almoço, na grande sala do lado dando sobre a varanda coberta e sobre o terreiro. O cliente do Lopes era esperado no dia seguinte. Adélia, que estava passando uma semana em Santa Rosa, apressava-se em terminar um vestido novo. Revolucionara a larga mesa, espalhando seus figurinos e apetrechos. Requisitara Isabel para ajudá-la.

Marina estava junto da porta, olhando para fora. Adélia, hábil costureira e mestra em questões de moda, virou-se para ela e consultou-a sobre uma dúvida de feitio.

— Não sei se se usa, respondeu Marina, por prudência.

— Madame Steen usa, retorquiou Adélia. A autoridade era irrecorrível. Madame Steen servia de padrão de elegância a muita moça do Rio. Marina só a conhecia pelo que contava Adélia, mas havia muitos anos que a tinha viva na

imaginação, através das descrições da prima. Adélia, desde menina de colégio via Madame Steen aos domingos, à missa de meio-dia na Candelária e admirava-a de longe. Descrevia a Marina o modo régio com que subia a longa nave; sua esbelta elegância feita para realçar os vestidos admiráveis; o nascer lento do seu sorriso quando seu olhar encontrava um conhecido; a harmonia de todos os seus movimentos, surgindo perfeitos e completos, sempre inspirados num instinto seguro da graça.

Adélia tinha tendência para divinizar as rainhas da moda. Madame Steen parecia-lhe uma requintada flor de luxo com os hábitos e a mentalidade das damas que conhecia através das páginas de Vogue e de Femina. Adélia admirava-lhe sobre tudo a moldura — as jóias, os automóveis, as inopinadas partidas para a Europa. Imitava o cumprimento acolhedor que Madame Steen distribuía à saída aos seus numerosos conhecidos. Notava a unção especial com que, entre a porta e o carro, os homens beijavam a mão que estendia.

Marina, de pé, viu chegar o Lopes através do terreiro, encurtando o caminho entre os montes de açúcar mascavo secando ao sol. A hora era de paz e de mormaço. O engenho estava silenciado. Ao longe grandes nuvens escuras avolumavam-se.

— Quem será o cliente do Lopes? disse Adélia, curiosa.

— Quem será? repetiu Marina, ociosamente.

Só então Dona Emília percebeu que o Lopes lhe ocultara o nome de seu hóspede e que ela havia preparado tudo sem dar por essa falta. Em Santa Rosa a palavra hóspede sempre valera mais do que qualquer nome. Do canto da sala onde estava às voltas com seu armário de remédios, Dona Emília exclamou para as duas meninas:

— Desaforo do Lopes!

Entrava justamente o agente, um homenzinho grisalho e magro, que tinha sempre um modo humilde com as senhoras da fazenda. Dona Emília, sem preâmbulo,

perguntou-lhe o nome do seu convidado, dizendo só: “seu Lopes como se chama meu hóspede?”, mas com uma severidade no tom que fez Adélia piscar para Marina, como que dizendo:

— Gozei!

O Lopes pediu desculpas, atrapalhado, e nomeou Roberto garbosamente. Adélia exclamou:

— É o marido de Madame Steen.

— Eu acabo de receber este telegrama, informou o Lopes.

D. Emília leu alto:

“Obrigado adiar visita motivo doença grave minha mulher. Saudações cordiais. — Steen.”

Marina continuou a olhar para as nuvens, escuras, que se aproximavam. Parecia-lhe impossível que a fatalidade atingisse a imagem radiosa que vivia, desde tantos anos, no seu espírito, através das descrições da prima. Ouviu a voz desolada de Adélia repetir: “doença grave! doença grave!”, como um eco de sua própria consternação.

As meninas procuraram avidamente notícias nos jornais. Encontraram numa coluna social a informação de que a Senhora Steen se achava gravemente enferma numa casa de saúde. Dias depois viram a notícia de sua morte acompanhada de referências elogiosas ao seu encanto pessoal, às suas brilhantes recepções, à sua caridade, e enfim a enumeração das coroas mortuárias.

Adélia, chegando ao Rio, fora discretamente ao cemitério deixar flores sobre o túmulo do seu ídolo, e escreveu a Marina:

“Encontrei o marido à saída. Se visses como está abatido e magro! É de cortar o coração. Isso não é de espantar, pois tinha adoração pela mulher. Bastava ver como olhava para ela. Ainda vai à missa da Candelária, muito quieto, muito grave. É um viúvo inconsolável.”

Passaram-se meses e o Lopes começou novamente a falar na visita. O negócio das terras não fora abandonado.

Marcou-se dia. Adiou-se. Marcou-se outra vez.

Seria para a véspera de São João. A presença de hóspedes

foi pretexto para aumentar os festejos. Roberto chegou pela manhã. Marina viu de longe o Ford de aluguel da vila, cheio de homens, chegar e desaparecer do outro lado da casa, onde ficava a entrada.

Ela deixou-se ficar onde estava, no declive do engenho, à sombra da velha mangueira, ao lado de Miguel. De vez em quando Dona Emília chegava à janela para acenar-lhes de longe, lembrando que noivos nunca se deixam sós. As tradições em Santa Rosa eram imutáveis. Dona Emília educara a filha como ela mesma fora educada.

Miguel estava discursando sobre a situação política com sua habitual veemência de gestos e de palavras. Era agora redator de um jornal do Rio seus ataques vibrantes faziam crescer a tiragem da folha. Tinha instruções para fazer oposição sistemática ao governo e aos figurões políticos. Só era obrigado a poupar, por ordem superior, um punhado de amigos do proprietário.

Todo o episódio de seu noivado com Miguel entediava Marina mesmo em retrospecto. Miguel multiplicara suas visitas à fazenda. Vinha todas as semanas em vez de todos os meses. Com a primeira declaração haviam cessado as encantadoras palestras sobre literatura. Agora Miguel só falava dela e de amor. Suas citações eram sempre colhidas em poemas sentimentais. Ele mesmo poetava para a noiva. Pobre Miguel! Mostrava um culto tão sincero e tanta incerteza de reciprocidade que inspirava pena a Marina. Quando não falava dela falava de sua outra paixão, a política. Marina achava-o tedioso na ternura e confuso na política. Opositorista por temperamento, e porque o ataque lhe alimentava a eloquência, Miguel investia contra o governo a golpes cegos. Na discussão de atos administrativos, o acerto com que sabia tratar das coisas abstratas, de filosofia, de literatura, sumia-se. Até Marina, desinteressada dos negócios públicos, percebia sua falta de espírito prático. Mas a veemência com que falava era a mesma.

Felizmente Miguel não exigia grande atenção. O próprio

dom da palavra consumia-lhe toda a energia e dispensava os ouvintes de um esforço constante.

Marina acompanhava com o olhar todo o movimento em redor deles — o ínfimo agitar das folhas ao vento — o voo dos pássaros no pomar, o subir lento da fumaça do engenho e, pelas janelas baixas, a atividade da casa.

Outrora Santa Rosa fora um centro de vidas, mas hoje não era senão uma miragem do passado, sobrevivendo em redor de Dona Emília. A velha fazenda, no seu declínio, abrigava ainda muitos dependentes, humilde gente a quem Dona Emília parcelava tarefas em troca de agasalho e comida. Muita carapinha grisalha. Gente que envelhecera com ela, ali mesmo, e que a chamava de Sinhá. Meiadúzia que haviam sido escravos de seus pais, naquele mesmo quadro, onde nada mudava senão sob o efeito da decadência. Afilhadas de todas as idades. Doentes que ela tratara — a velha sala de enfermaria nunca saíra de atividade. Crianças que cresciam nas dependências do velho casarão, com espaço para quem quisesse, e na cozinha uma panela inesgotável de feijão com carne-seca. Gente válida que se encostara ali por ter o melhor dos títulos a caridade da fazendeira, título que ela era a primeira a alegar: “Os avós deste passaram a vida na enxada para meus pais.” Empregados preguiçosos que, apesar de pouco remunerados, gostavam do pouco trabalho. Dentro de casa, como antigamente, havia excesso de pessoal para o serviço, e tempo de sobra para conversar na cozinha. Cada serviço era subdividido. Havia uma velha para preparar o café saboroso. Cozinheiras que se revezavam para executar os petiscos especiais de cada uma. Um molecote para espantar, com um abanador de cabo comprido, moscas impertinentes. Tudo isso entrava, saía, recebia ordens, dava vida e movimento à casa, e, a Dona Emília, a impressão de uma pequena soberania. Marina deu tempo a sua mãe de acolher os hóspedes e de lhes mostrar os quartos. Depois, entrando com Miguel, foi mudar de vestido para o almoço. À descida, encontrou o

noivo à sua espera, ao pé da escada. Miguel mirava-se melancolicamente no grande espelho do patamar.

— Que ar tenebroso, Miguel! gracejou Marina, de cima. Miguel virou-se depressa e, com a intensidade nervosa que punha em tudo que dizia, em tudo que fazia, respondeu: — Tenebroso. Diz bem! E você quer saber o que eu estava pensando? Que eu tenho uma cara de tragédia. Não de herói trágico, não. De desgraçado, de infeliz, de homem que o destino persegue.

— Bobagem, Miguel. Você devia ter menos imaginação para não ser tão exagerado.

— Você acha exagero? Pois eu sempre pensei isso da minha cara, mas agora, quando dei com ela no espelho, de surpresa, recebi um choque, como de um murro. Vi-a tão diferente de meus pensamentos. Eu estava a pensar que sou um sujeito venturoso, que a vida me deu quinhões de rei em amor e em talento. Você estava tão bonita e tão doce lá debaixo da mangueira. E eu tive umas ideias aproveitáveis. Estava falando bem, não estava? Melhor que de costume.

— Brilantemente. Seu artigo para amanhã está pronto.

— Depois, quando entrei em casa, esbarrei com a minha imagem e o contraste entre esta cara feia e minha alma cheia de sol envenenou-me. Podia ser feio! mas dispensava a tragédia. E quando me vem o tique da boca fica completo, assinado... Agora! pronto!

— O que você tem é muita imaginação, repetiu Marina. Não ofereceu consolo a Miguel, nem procurou acudir-lhe à crise. Sentia uma completa despreocupação de tudo. Os tacões dos seus sapatos batiam levemente, em compasso, nos degraus da escada, enquanto Miguel falava. Tinha curiosidade de ver Roberto. Aliás menos por ele mesmo do que por ter sido marido de Madame Steen.

— Vamos para a sala, disse. Miguel seguiu-a, com os sapatos a rincar. O barulho irritou Marina vagamente. Dona Emília apresentou-os aos hóspedes. Roberto levantara-se ao vê-la entrar. Enquanto a cumprimentava,

seus olhos e seu modo exprimiram tão agradavelmente sua surpresa diante dela, que até a mãe, severa, se sentiu lisonjeada. Marina descobriu alvoroçadamente quanto era bela. Lembrou-se, com uma sensação de superioridade, de que Adélia tomara Roberto por um viúvo inconsolável. Sentiu um leve ressentimento por conta de Madame Steen. Roberto estava de cinzento, com gravata preta. Era impossível imaginá-lo pálido ou abatido, tão sadio e bem nutrido era, tão corada sua pele fina de europeu. Adélia não dissera que era assim belo homem.

Ao almoço Marina não pôde trocar palavra com ele. Miguel e o Lopes estavam sentados de permeio. Roberto, à direita de Dona Emília, fazia-a falar de Santa Rosa. Marina, de vez em quando, apanhava uma palavra. Dona Emília contava que nascera ali, que casara ali, e que o marido dizia: “Fora de Santa Rosa, só Paris.” Marina sabia tudo aquilo tão bem que podia completar o que não ouvia. O que queria saber era a impressão de Roberto, descobrir no seu rosto o que ele pensava de Dona Emília e de tudo aquilo que era o meio dela, Marina. Ele falou, brincando, em gastar no estrangeiro o dinheiro da terra. Disse:

— Todo o dinheiro do Brasil escoava para Paris. Era mesmo o melhor lugar do mundo para a gente viver, naquele tempo.

Dona Emília explicou que, no seu tempo de moça, o Rio de Janeiro não era grande coisa, nem para a saúde nem para o prazer. Antes das avenidas, antes dos mata-mosquitos, a cidade era mesmo só dos cariocas. Isso fora também antes do tempo de Marina, a filha única, que chegara ao casal tarde na vida. Marina ouvira seu nome. Ela e Roberto sorriram através da mesa.

— Para ela é triste estar sempre aqui, continuou Dona Emília, mas ela está acostumada. É agora que estou viúva, não posso mesmo sair de Santa Rosa. Não posso largar as rédeas.

Passou a falar da administração da fazenda, do gado, do açúcar. Roberto ouvia tudo com interesse. Falava também.

Gracejava. A alegria de viver patenteava-se seguidamente na nota sonora do seu riso.

Marina, sentada defronte da mãe, tinha por vizinhos Miguel e um dos engenheiros. Miguel dirigia-se a este, através da mesa, retomando sua catilinária contra o governo, melhorando ainda seu artigo do dia seguinte. Para assuntos políticos, preferia ouvintes masculinos.

O engenheiro deixou-se arrastar gostosamente na torrente das palavras, onde cintilava alguma imagem como cristal. Havia lido artigo de Miguel.

— Mas ouvido é melhor ainda! disse a Marina, num intervalo.

Marina aproveitava para observar à vontade Roberto. Dona Emília depois chamou-lhe a atenção.

— Não deves encarar assim para as pessoas. Só porque esse senhor era marido da tal Madame Steen, não é motivo para olhar para ele como se fosse um animal no jardim zoológico.

— Eu estava reparando nos dentes dele. Que fortes e brancos. Até parecem de canibal. — Você nunca viu canibal, respondeu Dona Emília.

Os convidados saíram logo depois do almoço, a cavalo. Intensificaram-se, em Santa Rosa, os preparativos para os festejos da noite. Todo o pessoal disponível estava em atividade, cheio de boa vontade, correndo de um lado e de outro. Pendurando lanternas japonesas. Enfeitando o armazém de açúcar — onde se dançaria — com bambus e bandeiras, um grande fardo de bandeiras, que servia para este fim todos os anos. Dona Emília guardava-as entrementes num baú de folha com bastante cânfora.

Haviam sido compradas para as festas do seu casamento. Marina, pela tardinha, foi ver a fogueira, que já encontrou armada à altura de um homem. O mastro de São João erguia-se perto, tendo ao alto uma boneca de pano.

Estavam a pendurar nele os presentes, sob a direção de Dona Emília — fazendas e guloseimas para as crianças dos colonos. No terreiro arrumava-se, num grande reboiço, a

mesa dos fogos. Terminavam-se os balões que se lançariam à noite, como grandes lanternas clownescas, erguendo-se majestosamente e depois reduzindo-se, no céu, a um minúsculo ponto de luz, uma estrela, arrastada pelo vento. Como uma sombra persistente, Miguel acompanhava a noiva pelo terreiro e pelo campo. Procurava não se afastar dela um instante, mesmo quando precisava dar, aqui e ali, de passagem, um auxílio ou uma ordem.

Três meses havia que Miguel se declarara — por meio de uma carta tão linda e tão vibrante que pareceu a Marina um desperdício. Deveria pertencer às páginas de um romance, em vez de passar assim, dele a ela, sem trazer felicidade.

A carta chegou como uma bomba. Miguel saíra de Santa Rosa na véspera e Marina até então nada pressentira. Teve menos pena de Miguel pelo desgosto que sua recusa lhe ia causar do que teve dela mesma pela decepção que sofreu com esse amor nunca suspeitado e completamente indesejado.

Sentiu-se roubada. Percebeu que toda a amizade entre eles ia ruir, e que toda a atitude de Miguel no passado, até as palestras inspiradoras, não havia sido desinteressada. Fora tudo um meio e não um fim. Enquanto Miguel lhe formara tão cuidadosamente o espírito, não ensinara nada a Adélia, sua irmã. Não incutira a esta sequer o amor à leitura. Respondeu logo à carta, para encurtar a ansiedade de Miguel. Começou:

“O que deseja é impossível, Miguel, mas correm-me as lágrimas ao escrevê-lo...” E dirigiu a lágrima única, avaramente, sobre o papel, para suprir às deficiências de suas palavras.

Mostrou ambas as cartas à mãe. Nem lhe ocorreu não o fazer. Fora ensinada a não ter segredos da mãe. Dona Emília não foi além da primeira página de Miguel.

— Não. Isto é só para você. Coitado! Também não preciso ler sua resposta, mas é melhor não mandar hoje. É melhor refletir. Pesar.

— Pesar? Refletir? repetiu Marina, com espanto.

— É. Deixa para amanhã a decisão.

Marina exclamou desolada:

— Mamãe é a favor deste casamento!

— Nunca falei, mas sempre fui. Eu já estou velha e não quero deixar você sozinha neste mundo. Gostaria de ver você casada com alguém que garanta sua felicidade. Se for Miguel, posso morrer em paz. A vida não foi feita para mulheres sós no mundo, sobretudo mulheres criadas como você.

Marina deixou-se convencer gradualmente. A expectativa ansiosa que Miguel trazia no rosto quando regressou a Santa Rosa fez-lhe pena e precipitou a decisão favorável. Dona Emília achou Miguel muito magro e falou com insistência diante da filha nessa magreza. Marina ficou noiva. O ajustamento das novas relações fora difícil. Era-o ainda.

Ao lado de Miguel, em frente à fogueira armada, Marina pensou:

— Eu pertenço a uma espécie extinta: a filha obediente.

O noivado fora obra de Dona Emília. A ela, a noiva, só competira construir em redor do seu compromisso uma barreira de lealdade, e defender no próprio pensamento os direitos de Miguel depois da promessa. Mas agora, de repente, os pensamentos escaparam-lhe, como se a barreira artificial se tivesse abatido. Investiram contra Miguel como um bando de lobos, dissecando-lhe todas as falhas, observando-lhe com desagrado a fisionomia, os movimentos, o talhe franzino, a roupa mal cortada. Pareceu a Marina que nunca olhara para Miguel objetivamente desde o noivado.

Miguel sustentara com galhardia a posição de primo. Neste papel, mantivera-se sempre à altura das responsabilidades impostas pelo velho carinho de Marina. Brilhava no papel de seu amigo familiar, querido como irmão, mas enxergado como noivo era de uma insuficiência dolorosa. Seus ombros não podiam arcar com a responsabilidade nova como não

suportariam um fardo físico. Eram por demais fracos e estreitos. Certamente, pensou Marina, junto da fogueira que crescia, não eram os ombros que ela sonhara para seu noivo.

A necessidade de algum desabafo, por mais inepto que fosse, fervia nela. Sua bondade natural não lhe permitia ofender gravemente a Miguel, mas, no meio de todas as críticas que se via forçada a silenciar, ela achou alívio em externar uma que era infinitamente sem importância.

— Não gosto nada de sua gravata, disse. É horrenda. Sabia que, vindo dela, um “não gosto nada” tão ríspido, mesmo a propósito de gravata, iria ferir o noivo até a alma, porque infelizmente o menor dos seus gestos, a sua palavra mais leve, iam diretos à alma de Miguel, onde criavam ondas desproporcionadas de felicidade ou de desânimo.

Miguel apalpou tristemente a gravata, sentindo a hostilidade dos pensamentos de Marina projetar-se entre eles com violência. Por fim respondeu-lhe em voz alta:

— Marina, você sabe uma coisa? A confiança entre nós não é a mesma. Lembra-se quando você dizia: “Miguel, você é meu melhor amigo”?

— Ainda é.

— Estou achando que você gostava mais de mim antes de ficarmos noivos. Você não olhava para mim como estava olhando agora, julgando, pesando. Você nunca se entediava quando eu falava. Gostava. Seu prazer saía pelos olhos. E sempre achava cedo quando sua mãe queria ir dormir.

Marina respondeu, em tom de gracejo:

— Então, que propõe você? rompermos o noivado?

Miguel empalideceu visivelmente. O tique da boca fez-se mais apressado.

— Eu estava brincando, tolo, disse Marina, apiedada.

— Deu-me um susto. Mas há realmente uma diferença de atitude em você. Eu só percebi isso lentamente porque não queria acreditar. Mesmo depois de ter certeza não quis falar. Preferi apostar na sua lealdade. Mas agora receio que outros talvez tenham notado alguma coisa.

Ela compreendeu imediatamente que sim, que outros haviam certamente notado essa mudança e adivinhado seus sentimentos; que sua mãe, Adélia, os criados, todos sabiam que ela não amava Miguel senão como irmão, que suportava o noivado com ares de sacrificada. Admirou-se de se ter iludido até agora, de ter defendido tão bem seu pensamento contra a verdade que todos viam, de ter sido tão leal a despeito dos seus sentimentos íntimos. Entrou-lhe orgulho na voz quando disse:

— Fez bem em contar com minha lealdade, Miguel.

Seus olhos enfrentaram os dele limpidamente. Miguel bebeu neles o conforto que procurava.

— Então não falemos mais nisso, Marina. Eu não devia ter tocado no assunto. Devia ter seguido o meu instinto que me fez calar até agora.

— O instinto é bom amigo, concordou Marina, impressionada com as palavras “até agora”. Miguel só falara quando já não adiantava calar o mal.

Matos, o administrador, chegou-se a eles, interrompendo.

— Com licença, Dona Marina. Seu Miguel, eu queria aquela continha que lhe dei ontem.

Miguel procurou nos bolsos.

— Deve ter ficado no escritório, disse. Eu volto já, Marina. O administrador seguiu-o, mais devagar, subindo a pequena inclinação do alto da qual a casa dominava o vale todo, larga e nobre na sua simplicidade de quadrângulo, tão vasta que uma boa metade nunca se abria, e cercada das dependências, das construções decadentes vindas dos tempos prósperos da escravidão; de um lado o terreiro de tijolo onde secavam o açúcar e o café; a pequena enfermaria; as oficinas de carpinteiro e de ferreiro; ao meio do declive, as cachoeiras, ao fundo, a rua da senzala com a promiscuidade dos casebres onde outrora os escravos viviam; e descendo a inclinação, de um lado o engenho moedor, e de outro a torre da capela surgindo humildemente no meio das mangueiras velhas que davam sombra ao cemitério e dos eucaliptos que o demarcavam.

Ao longe, o rio, que, antigamente, nos tempos prósperos, antes da Abolição, conduzia o café até o porto e que hoje, sem utilidade, sem trato, com o leito entupido, se perdia nos charcos da baixada.

O sol sumia-se com pompa atrás dos morros. Passou um preto velho, manquejando, em busca da capela, para ir tocar o Angelus. Lançou a Marina a saudação da tarde: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”

Ela respondeu: “Para sempre seja louvado.” Apontavam na estrada o Lopes e as visitas. Os cavalos vinham cansados de cinco horas de marcha. Miguel, de novo ao seu lado, perguntava à noiva:

— Gosta mais desta?

— Gosto mais de quê?

Os cavaleiros agora chegavam à porteira. Dois tratadores mestiços saíam a seu encontro. Roberto pôs pé em terra e atirou as rédeas a um deles.

— Desta gravata, disse Miguel.

— Ah! Você mudou de gravata... Sim. Acho que gosto mais. Miguel sorriu contrafeito, mas com uma expressão de alívio. Pareceu a Marina um títere desgraçado, movendo-se grotescamente num drama pungente e pequenino. Roberto alcançou-os, andando com passo rápido de atleta.

— Boa tarde, disse.

Marina respondeu: “Boa tarde!” E, pensando alto, pensando ainda em Miguel, acrescentou uma observação desconexa:

— Tenho muita pena da humanidade.

— Por quê? perguntou Roberto, sorrindo-lhe. Pela minha parte dispenso sua piedade! E seu noivo, que é o mais feliz dos mortais, dispensa-o também.

Miguel sorriu. Soou o Angelus. Marina cruzou os dedos e abaixou os olhos enquanto seus lábios formulavam silenciosamente as Ave-Marias. Sua atenção não estava na oração, porque sentia sobre si os olhos de Roberto. O coração bateu-lhe contra o peito uma vez, surda e pesadamente, como o grande sino da torre. Veio-lhe o

pensamento de que talvez o hóspede da cidade estranhasse este modo de roça de rezar em público. Afastou logo a ideia, porque toda sua educação religiosa lhe havia inculcado a noção de que respeito humano, medo da opinião dos homens, é pecado e fraqueza.

Terminou com outro sinal-da-cruz. Miguel perguntou a Roberto:

— Que tal a sua inspeção? Já resolveu sobre a compra?

— Não sei. Amanhã veremos o resto das terras, mas o problema da irrigação já se afigura mais difícil do que esperávamos.

— Estamos todos torcendo para sua decisão ser favorável, disse Miguel.

Marina teve vontade de dizer “estamos mesmo”, mas lembrou-se que ela não estava mais em idade de dizer coisas amáveis a um estranho, só por serem verdade.

— A vizinhança seria muito agradável, disse Roberto, mas a Bananeira não é Santa Rosa. Não se compara! Se fosse, eu não hesitaria.

— Santa Rosa não está para vender, disse Marina. Mamãe morreria de desgosto se tivesse que se desfazer da fazenda. Roberto admirou a vista — o descampado do primeiro plano onde o gado pastava; o açude maltratado, mas pitoresco, onde, naquela hora, o sol se refletia; os morros além. Depois, elogiou a casa.

— Aquelas telhas da beirada do telhado me enchem de cobiça. Que azulejo bonito e que quantidade delas para darem a volta a uma casa deste tamanho. A gente vê que tudo aqui está igualzinho ao que era no passado, que nada mudou desde que o Imperador se hospedou em Santa Rosa. Em que ano foi?

— No tempo de meu avô. Mamãe era menina. Não sei bem o ano.

Miguel supriu a informação, e acrescentou:

— Aqui o tempo parou, por obra de minha tia, pelo amor que ela tem a isto. Ela não imagina coisa diferente no Brasil daquilo em que se criou.

— Não é como as outras fazendas do Estado do Rio, disse Roberto. Tudo entregue a administradores. As casas caindo em ruínas, porque o pessoal graúdo debandou, quando veio a pobreza da lavoura.

— Minha gente não quis sair, disse Marina. Perderam os escravos, mas ficaram aqui, consertando como podiam. Chegaram os outros da comitiva e puseram-se todos a caminhar para casa. Marina notava que só Roberto não se ressentia do dia fatigante, e dispunha das mesmas sobras de animação que pela manhã.

Miguel continuava a falar com ele de Dona Emília.

— Minha tia é tudo isso. É médico, é veterinário. Gosta muito de homeopatia, mas receita pelos dois sistemas. Ao jantar, lembrada da recomendação da mãe, Marina evitou de encarar para Roberto, mas notou que o olhar dele a procurava, e que, uma vez, quando Miguel lhe murmurou alguma coisa ao ouvido, — palavras insignificantes, — a observação disfarçada de Roberto aguçou-se curiosamente. O vigário da vila estava agora à direita de Dona Emília, e Roberto à esquerda. Os festejos de São João começavam sempre com ladainhas na capela, e algumas vezes conseguia-se um padre, para solenizá-los com bênção e sermão.

Passaram à capela logo depois do jantar. Para Marina, presidindo ao harmônio, cercada de um pequeno coro das criadas de casa, tudo era repetição do que conhecera sempre nesta data. O grupo de visitantes era novo, mas alguém de fora havia sempre. O povo humilde era o mesmo. Famílias de foreiros; gente da vila; matutos que, vivendo entre o chão da terra e o teto de sapé, nunca conheceram fome nem frio, e a quem bastavam dois dias de trabalho por semana para satisfazer as poucas necessidades.

Mulheres trazendo criancinhas ao colo e amamentando-as para que calassem. Mulatinhas solteiras, de olhos vadios e de rosto pintado, prontas para o baile no armazém.

A catinga preta errava, opressivamente, pela capela cheia. Muita gente não conseguira entrar e cercava o edifício, em

grupos pacientes. Rostos enquadravam-se nas janelas, espiando para dentro.

As vozes incultas levantavam-se, uníssonas, nos ora pro nobis, vibrando de fé. Nas invocações, a de Dona Emília, vibrando também, dominava o pequeno coro feminino. Marina via a mãe, ao lado dos seus hóspedes, no banco da frente. Mantinha a cabeça dirigida rigorosamente para o altar, mas todos sabiam que sua atenção vigilante estava sobre a congregação de fiéis. Quando um grito de criança se levantava, a mãe do nenê olhava assustada para Dona Emília. Quando, ao sermão, o som das conversas de fora se avolumou, Dona Emília mandou sair um mensageiro e o silêncio se restabeleceu.

Ao lado da mãe, Marina via a cabeça castanha muito alisada e os ombros maciços de Roberto. Queria muito saber se ele estava gostando mesmo de Santa Rosa e se formara uma alta opinião de Dona Emília, pelo que vira e ouvira.

— Será que ele compreende a nossa vida? pensou, e que sabe perceber a aristocracia de mamãe? Onde foi que eu li que a vida da terra é a única que confere nobreza?

O povo deixou que a gente da casa grande saísse em primeiro lugar da capela. Fora, todos abriam caminho respeitosa para os ricos.

Marina ia à frente, entre Miguel e Roberto, pisando a relva crespa, em demanda da fogueira.

Trazia nos ombros um agasalho vermelho, amplo e curto, que lhe dava um ar faceiro. A alegria de caminhar, depois da imobilidade reverente da capela, de respirar a aragem viva e de ver a noite tão límpida, fez-lhe dar a mão a Miguel enquanto andavam. No pisar de Miguel, pouco acostumado, como noivo, a gestos espontâneos de carinho, o orgulho consciente pôs um meneio ridículo. No dela insinuou-se um passo de dança. Se não fosse a cerimônia que fazia com Roberto, teria corrido até a fogueira. Roberto, parecendo adivinhar, disse:

— Que bom a gente ter dezoito anos!

— Eu tenho mais de dezoito, respondeu, rindo. Em poucos momentos levantaram-se as primeiras labaredas, enquanto estalava lenha seca. Os olhos de Marina brilhavam. Sua mão arrastava a de Miguel a um balançar cada vez mais alto e mais rápido. Roberto olhava-os, benevolente. Crianças soltaram vivas ao subir das chamas.

Agora a grande fogueira arderia até a madrugada. À meia-noite, em ponto, os folgazões saltariam por cima do fogo. Era Miguel quem presidia tradicionalmente ao programa de fogos, distribuindo estrelinhas e busca-pés aos garotos alvoroçados, fiscalizando o lançamento dos grandes balões, armando por lados diversos os fogos-de-bengala, dirigindo o soltar das girândolas. Era ele quem, às dez horas, abatia, com um tiro de espingarda, a bruxa do alto do mastro, dando o sinal para sua derrubada completa, e depois policiava o assalto às suas presas, com cuidado nos frangos assados que os garotos se disputavam.

Estava-lhe custando ir assumir essas funções, deixando Marina e Roberto sós. Havia encontrado três cadeiras, desgarradas sob uma árvore. Um grupo de moleques impacientes rodava, espreitando os movimentos de Miguel e aproximando-se aos poucos. Os mais atrevidos chamavam-no: “Seu Miguel! Seu Miguel!”

— Já vou, suspirou. É melhor você ir para perto de sua mãe, Marina. Está muito úmido, aqui.

— Não. Está bom, respondeu Marina.

Miguel afastou-se a contragosto. Marina e Roberto viraram-se um para o outro como se fossem continuar uma conversa muito antiga e muito íntima.

— Todo este quadro, que é o seu, me parece inverossímil, disse Roberto. Esta vida patriarcal, que continua como nos tempos da escravidão. Esta existência, sem telefone, sem eletricidade, longe de tudo, a trinta quilômetros de uma vilazinha à-toa com cinema de terceira classe. Sua mocidade enterrada aqui, sua beleza escondida como a da princezinha na torre. Seu ar distante. E tudo mais... A

cerimônia na capela, a voz de sua mãe. Dona Emília, além do mais, é o guia espiritual desta gente, não é?

— É. O vigário só vem celebrar missa um domingo por mês. Fica muito longe. Nós mesmos cuidamos da instrução religiosa dos pobres. Eu tenho a classe das crianças menores.

— Gosta muito de crianças?

— Muito.

— É admirável tudo isso. Quer me fazer um favor? Diga depois à sua mãe que minha fé cresceu, só de ouvi-la responder às ladainhas.

— Com grande prazer. Ela vai ficar contente. O senhor é católico?

— Sou. Naturalmente.

— Mas de verdade?

— Sim, praticante. Fui educado com muita piedade. Pensei em ser padre, imagine, mas ao invés disso, casei-me aos vinte e um anos.

— Ah! Então esteve casado muitos anos?

— Quatorze.

— Quatorze!... É uma vida.

Roberto olhou-a, surpreendido, estranhando que alguém pudesse ser tão jovem.

Respondeu:

— Pode ser, mas a mim parece que ainda tenho uma vida pela frente. Verá, com o tempo, como isso de idade é relativo.

Falava inclinado para a frente, com as mãos cruzadas no joelho, olhando para o chão, salvo quando se virava para Marina a observar-lhe a expressão. A luz da fogueira, caindo sobre ele, fazia-lhe mais nítido e mais belo o perfil.

De repente, Roberto perguntou:

— Então, tem muita pena da humanidade? E por quê?

Ela procurou razões vastas, palavras panorâmicas e não encontrou nada.

— Eu lá sei! Porque ama e porque sofre. Talvez eu ande desperdiçando piedade à toa, sem motivo.

Hesitou, depois acrescentou.

— Até do senhor já tive muita pena, uma vez.

Roberto não respondeu logo. Quedou-se a pensar, num silêncio grave, que pareceu criar entre eles um abismo, mas a simpatia de Marina permaneceu alerta, esperando, como uma sentinela nas trevas.

— Quando enviuei, não foi? perguntou Roberto. Não pense que sua pena se desperdiçou. Mas naquele tempo que sabia de mim?

— Só que era muito feliz no casamento e que Madame Steen era encantadora. Eu ouvia muito falar dela, por minha prima. Até tinha a impressão que a conhecia... Sou indiscreta de tocar neste assunto.

— Não é indiscreta. Sente-se com o direito e eu confirmo-o. Marina pensou:

— É uma amizade predestinada.

E sentiu-se orgulhosa e feliz. Não perdia uma palavra, nem um gesto, de Roberto, mas, ao mesmo tempo, seguia com os olhos os foguetes e às vezes escapava-lhe um murmúrio de admiração para os mais esfuziantes. Respondia ao “boa-noite” dos matutos que passavam perto. Acompanhava o soltar dos balões, prendendo a respiração quando a brisa ameaçava algum, no momento de levantar voo. Olhava a gente em torno da fogueira, as figuras que se recortavam em contornos negros contra o fogo. Sob as árvores a meia distância via um crioulo, conversando na sombra. A penumbra só não lhe comia o colarinho branco e a dentadura reluzente, que aparecia e sumia, numa expressiva pantomima.

— Quem foi a prima que lhe falou em minha mulher? perguntou Roberto.

— O senhor não conhece. Adélia Figueira. É irmã de Miguel. Ela nunca foi apresentada a Madame Steen, mas tinha grande admiração por ela. Foi ao cemitério levar-lhe flores.

Roberto comoveu-se:

— Minha mulher era uma criatura extraordinária! Não

imagina quantas vezes eu tenho ocasião de verificar assim, onde eu menos espero, as saudades que ela deixou. Esse caso de sua prima não me espanta. Minha mulher exercia influência até sobre quem não a conhecia. Seus amigos, então, estes tinham verdadeira devoção por ela. O encanto dela era perene, porque era uma mulher diversa a cada hora.

— Isso mesmo é que eu imaginava, murmurou Marina. O interesse com que ela escutava chegava a prender-lhe a respiração. Roberto expandia-se.

— Começamos a vida juntos, como duas crianças deslumbradas, descobrindo o mundo e a vida, e nossa felicidade foi perfeita até o fim. Mas a tristeza crônica me é impossível. Tenho uma alegria vegetativa muito grande. Eu sou um animal sadio. E a vida, apesar das tristezas, é muito boa.

Teve um gesto amplo com as duas mãos, como a mostrar as estrelas, as árvores, as labaredas jubilosas, o povo satisfeito.

— Quando eu me lembrar de Santa Rosa, não sei se acreditarei. Hei de pensar que a senhora não era bonita assim como estou vendo.

— Não acha que as amizades já nascem feitas? perguntou Marina, de rompante.

— Seguramente.

Dona Emília, descobrindo naquele momento que os dois estavam sós, aproximou-se:

— O senhor estará muito melhor do outro lado para ouvir os violões, disse.

Seguiram-na.

Roberto, sentado entre a mãe e a filha, sorriu maliciosamente para Marina:

— Está bem guardada, segredou.

Sentiam-se tão sós quanto antes. Nos intervalos das modinhas, que um mulato pernóstico modulava com voz apaixonada de barítono, e dos comentários de Dona Emília, Roberto e Marina continuavam, intangíveis, a conversar.

— Esta nossa palestra foi deliciosa, disse Roberto. Minha impressão de Santa Rosa ficou completa.

— Havemos de ter muitas mais, se formos vizinhos, respondeu Marina.

— Ou, em todo caso, no Rio, quando chegar casada. Eu tenho uma irmã que poderá servir-lhe de cicerone nos primeiros tempos. Espero que façam boa amizade. Ela vai achar um crime a sua prisão até hoje num buraco destes. Havemos de ver, no Rio, a princesa da torre de Santa Rosa pôr-se em dia com a sua época. De hoje em diante quero que me conte entre seus amigos, e quando chegarem lá, espero um recadinho seu, ou de seu marido.

— Meu marido?

O desmentido veio aos lábios de Marina. Viu naquele instante Miguel no terreiro, iluminado repentinamente por um fecho de bengala que ele segurava alto e que o fazia todo verde. A luz dura acentuava-lhe os traços; dramatizava-lhe a figura. Marina sentiu remorso de não ter dito nada a Miguel do que agora lhe parecia ter sabido sempre.

— Preciso falar com meu primo. Espere-me aí, disse a Roberto, levantando-se.

Atravessou rapidamente, quase correndo, o espaço que a separava do terreiro. Miguel, quando ela o chamou, virou-se, mas não atendeu logo. Deu ainda algumas ordens. Entregou a um menino um foguete. Depois perguntou:

— Que é, Marina? que há?

Nos seus olhos havia a mais banal curiosidade. Nenhuma suspeita.

Ela puxou-o pela mão, para longe dos outros, disposta a falar longamente; a prepará-lo; a explicar; a consolar. Mas as palavras essenciais escaparam-lhe logo, sem aviso, nem rodeios, como se despenca do alto da montanha a pedra destruidora.

— Miguel, eu não posso casar com você.

— Que é?

— Não posso casar com você... Não posso.

— Aqui não vejo seu rosto. Chegue à claridade, ordenou Miguel brutalmente.

Marina deu uns passos e olharam-se à luz de um revérbero. Miguel viu-lhe a decisão irrevogável.

— Foi aquele bandido, ou melhor, foram seus milhões, exclamou.

Falava com uma voz estranha, rouca, aterradora, que saía com dificuldade e que atraiu a atenção do grupo mais próximo.

— Fale baixo, Miguel, por amor de Deus. Não foi ele, não. Juro que não foi. Ele esteve conversando comigo como camarada, até falou da mulher. Nem foi agora que eu decidi isso. Foi hoje de tarde, perto da fogueira. E minha decisão já vinha de longe.

— Você disse de tarde que era brincadeira.

— Eu estava querendo que fosse. Eu não queria fazer isto a você.

— Vou falar com sua mãe! Isso não se passa assim!

Deixou-a e encaminhou-se para Dona Emília. Ia inteiriçado de indignação. Marina seguiu, hesitando. Viu Roberto levantar-se e vir ao seu encontro. Então parou e prendeu-o a conversar, junto da fogueira, para que não assistisse ao escândalo que Miguel estava talvez criando junto de Dona Emília. Miguel tomara a cadeira vaga ao lado da tia. Marina os observava de longe, disfarçadamente, enquanto tagarelava com Roberto.

As figuras da mãe e do primo mal se distinguiam, na sombra, mas Marina, à vista de todos, estava serena e simples, dizendo a Roberto coisas insignificantes, rindo de suas graças, retirando da fogueira, para comer com ele bananas-da-terra e espigas de milho, e aguardando, vigilante, o fim da conversa de Miguel com sua mãe.

Enfim Dona Emília levantou-se e veio ter a eles. Vinha só e muito digna. Dirigiu-se a Roberto, com ar austero:

— Minha filha e eu agora nos retiramos, mas não faça cerimônia. A festa ainda vai longe. Boa noite.

Roberto dispôs-se a acompanhá-las. Não notou a mudança no modo com que era tratado, mas Marina admirou-se de ver Dona Emília, pela primeira vez, descuidar-se do espírito de hospitalidade que era a tradição mais sagrada de Santa Rosa e omitir as pequenas perguntas que sua solicitude para com os hóspedes habitualmente lhe inspirava. Não fizera menção da ceia muito fina que Roberto encontraria, se quisesse, no aparador da sala de jantar. O conforto de Roberto não a interessava mais. Com certeza, estava arrependida do cuidado que dera a essa ceia, quando bastavam muito bem os assados da fogueira, e de ter ela mesma preparado as ervas perfumosas para queimar no seu quarto, o aposento de honra, chamado quarto do Imperador desde que Pedro II se hospedara ali.

Caminharam os três em direção da casa. Iam lentamente, em silêncio. Dona Emília ao centro, imponente e glacial. Adiante, dirigindo-se também para a casa, ia um grupo alegre das raparigas do serviço, que tinham ordem de recolher às onze horas.

Roberto comentou sobre a beleza da noite. Dona Emília não respondeu. Marina assentiu com enlevo, mas prudentemente, em monossílabo. Caiu outra vez o silêncio, e Roberto, inconsciente de qualquer mudança, interpretou-lhe a causa a seu modo.

— Uma noite destas merece recolhimento, disse, com sua voz cheia, simpática.

Marina olhou de soslaio para a mãe, e tornou a concordar com Roberto, com laconismo vibrante.

Despediram-se à porta, onde esperavam duas criadas idosas. Marina disse a uma, com carinho: “Boa noite, Babá Velha.” A negra, sua ama, respondeu: “Boa noite, minha filha.” O rosto encheu-se-lhe de orgulho ao pronunciar diante de Roberto as palavras, sempre novas, “minha filha”. Entrando na primeira sala em que viu luz, Dona Emília fez sinal a Marina que a seguisse.

Era o escritório de Miguel. Dona Emília sentou-se à escrivaninha, retirou a capa e exigiu severamente:

— Eu quero uma explicação deste capricho cruel.

De pé, envolta no manto vermelho, Marina respondeu:

— Não, mamãe. Não vale a pena desperdiçar palavras. Amanhã conversaremos.

Falou serenamente, mas a decisão mais forte era a sua. O olhar peremptório de Dona Emília mediu essa força desconhecida e recuou.

— Bom. Quero só saber uma coisa. Que te contou o Steen?

— Nada de especial. Conversamos. Ficamos amigos. Muito amigos até.

— Sei que ele falou da mulher.

— Falou um pouco.

— Ele não casa com você. É um viúvo inconsolável.

— Mamãe, por favor! Rompi meu noivado porque meu noivado foi um erro. O Steen não tem nada com isso e hoje em dia camaradagem não é escândalo.

— Aqui é, sim, senhora. Você tornou público seu embevecimento. Eu fiquei envergonhada de ver como minha filha olhava para um estranho. Fiquei envergonhada diante dessa pobre gente, que não esquece mais. Fiquei envergonhada diante destes engenheiros que talvez agora estejam discutindo sua conduta com ele mesmo.

— A senhora é injusta porque está zangada. Miguel também foi. Não faz mal.

Virou-se. Subiu a escada, estranhando sentir-se tão forte contra sua mãe e poder resistir-lhe assim, sem que lhe custasse um esforço, e sem mostrar desrespeito. Sentia-se independente. E feliz, apesar da contrariedade de Dona Emília e da dor de Miguel. Tinha o coração blindado.

— Eu não sou boa, pensou.

Dona Emília, acompanhando-a, perguntou ainda:

— Você não tem pena de perder assim a amizade de Miguel, uma amizade a que você deve tanto em todos os sentidos?

— Tenho.

Mas não lhe veio nenhuma sensação de pena. Via a amizade de Miguel já de longe, no passado.

À porta entreaberta do quarto das criadas, Marina chamou por Isabel. De dentro um coro de vozes moças respondeu-lhe.

— Sinhazinha, estamos tirando sorte! Entrou. A sala fora antigamente dormitório das escravas ao serviço das moças de casa. Restava-lhe o nome — quarto das mucamas. Havia nele agora apenas quatro camas, perdidas nos cantos, mas na noite de São João estendiam-se sempre colchões e esteiras pelo chão, para as convidadas vindas de mais longe. As peles das raparigas eram de todos os matizes, desde o preto acetinado da colaça de Marina, filha mais moça da velha Babá, até as faces rosadas da portuguesinha da copa. A igualdade reinava perfeitamente, até no respeito comum por Marina. Todas se puseram de pé, quando ela entrou. Duas, que cochichavam na janela, calaram, mas Marina ouvira o nome de Miguel e percebeu que já discutiam o caso novo.

Isabel, debruçada sobre uma bacia, lia sortes. As meninas da roça esperavam a noite de São João para pedir ao santo que lhes desvendasse o destino, escondido na água. De madrugada, ao se lavarem no açude teriam cuidado em não deixar a própria sombra cair sobre a água antes da imagem, prenúncio certo de desgraça, por todo o ano. Reunidas em torno da bacia, continuaram a brincadeira com Marina, como companheiras de infância, que muitas eram dela. Quebravam-se ovos sobre a água, observando-se ansiosamente os contornos que se desenhavam. Isabel era sempre a primeira a traduzir. Dirigia as experiências como chefe natural do grupo. E não repetia prognósticos. Sua imaginação renovava-se cada vez, sem admitir sequer similitude nos meandros flutuantes.

— O seu é um banco de carpinteiro, Ana. O Joaquim volta mesmo para casar com você... Pode mudar a água, Chica... Quebra... Não é caixão de defunto, nada. Deixa de choramingar, sua pateta. Respeita Sinhazinha. Parece caixão, mas é navio. Olha bem. É viagem...

— E eu? disse Marina. Também quero quebrar ovo.

Mudou-se a água da bacia. Isabel teve um momento de hesitação, antes de interpretar o desenho.

— Isso não sei o que é... Ah! já vi!... São palmeiras, plantadas direitinho. É o mais bonito de todos. Sinhazinha vai morar onde há palmeiras. Agora acabou, gente. O resto fica para quando eu voltar do quarto de Sinhazinha.

Marina parou em frente de outra bacia:

— Que escreveram vocês nestes papelinhos? Nomes de homens?

— Este ano pusemos ofícios, respondeu Isabel. Carteiros, chofer. Não tem nada para Sinhazinha, não.

— Eu pus todas as profissões, disse Leonor, uma mulata alta e pintada. Todas sabiam que ela pretendia a doutores, e uma via levantou-se, alegre e jovem. Leonor quedou-se desdenhosa.

Marina consolou-a.

— Pelo menos figura de princesa você tem, Leonor. Eu também quero um papelinho, mas não tenho paciência para esperar o que a água abrir. Vai este para baixo do meu travesseiro e eu olho amanhã cedinho. Vamos, Isabel.

O acordar no outro dia foi delicioso. Parecia a Marina que tudo estava consertado em sua vida, que tudo se tornava possível. Percebeu alguém, que supôs ser Isabel, a passear pelo quarto, e a escancarar as janelas. Não se apressou em despertar inteiramente. Quando por fim abriu os olhos, viu a mãe, sentada ao pé da cama, paciente e severa.

Marina espreguiçou-se e sorriu-lhe.

A lembrança da véspera acudiu-lhe à memória, com uma clareza inteira e nova a respeito dos seus sentimentos.

Pensou:

“Se eu não me casar com o Steen, não me caso com ninguém.”

Estava resoluta e alegre, embora a hipótese de um casamento com Roberto continuasse a lhe parecer impossível. Estendeu o braço sob o travesseiro, retirou o papelinho da véspera e leu: “milionário”. Passou o papel a Dona Emília, dizendo:

— Olhe o que diz São João. Tem graça.

Dona Emília não se dignou olhar.

— Preciso falar com você, Marina. Passei a noite muito mal por sua causa. Era de esperar. Miguel, coitado, foi hoje cedo para o Rio. Disse que deixava a causa dele em minhas mãos. Eu respondi que não garantia nada, que faria o possível, mas que quem é capaz de deixar um noivo como ele pelo primeiro moço bonito que vê passar não o merece. Essa é que é a verdade. Filha minha enfeitiçar-se por maneiras de cidade e roupas elegantes!

Marina nem procurou responder. Ouviu tudo com bom humor, e estendeu a mão para a campainha, que pendia de um cordão sobre a cama. Era a única da casa, e fora uma surpresa de Miguel. Ele um dia trouxe do Rio fios e baterias e instalou ele mesmo em segredo a campainha. A preguiça de Marina encantou-se com o presente. O sistema tradicional de chamar batendo palmas já se tornara menos prático do que fora no passado, no tempo em que os corredores andavam cheios de escravos.

— A campainha de Miguel! suspirou Dona Emília. Podes ser ingrata, Marina, mas não caias na tolice de pensar que esse rompimento te adiantará de coisa alguma com o Steen. Só vejo um resultado, ficares solteirona.

— É mais ou menos o que a senhora já me disse ontem. Marina tomou café ao som de um panegírico de Miguel. Habitualmente Dona Emília não se resignava ao hábito indolente da filha de fazer-se servir na cama. Chegava às vezes a espreitar, na escada, a subida de Isabel para fazê-la voltar com a bandeja, a fim de obrigar Marina a descer. Hoje deixou tudo sem protesto. Falava com paixão, batendo nas mesmas teclas que já haviam conduzido a filha ao noivado. Evocava cenas passadas. Lembrava a afeição e a confiança que unira Marina a Miguel desde a infância.

— Quando você dava para chorar, só parava com as pilhérias dele. Nunca vi criança para chorar tanto, e quando seu pai consolava era pior. Quando você e Adélia eram pequenas e Miguel era estudante, quase de bigode,

você já era mais amiga dele do que de Adélia. Sempre estava a par dos dias dos exames dele e das notas que tirava.

Às vezes, entre as anedotas que conhecia de cor, surgia uma nova, ou esquecida, e o interesse de Marina despertava-se passageiramente.

— Há meses, quando não havia meio de você o querer para noivo, encontrei Miguel uma vez na copa, preparando sua bandeja de café. Isabel não sei se não estava ou se não ouvia sua campainha. Mandei ele deixar aquilo e ele me respondeu, zangado mesmo: “Deixe-me os pequenos prazeres da vida.”

Às vezes, Marina tinha um muxoxo de desdém. Às vezes comovia-se:

— Mamãe, eu não quero perder a amizade de Miguel. Dona Emília saiu enfim, desanimada, para atender aos afazeres de casa. Marina esperou no quarto a hora de voltarem os convidados. Pelas onze e meia desceu e foi diretamente para o terraço da frente. Levava um livro que não leu. Seus olhos passavam do relógio-pulseira para a colina onde iriam apontar os cavaleiros, de volta da segunda inspeção.

O terraço tinha uma vista ampla, mas ninguém vinha ali, por ser fora de mão. Por isso mesmo, Marina escolhera esta e não a outra varanda, que todos preferiam, do lado fresco, coberta, e bem acessível.

Era neste terraço, porém, que a esta mesma hora, seu pai vinha diariamente, esperar os jornais e a correspondência do Rio. Quando o rapaz da estrebaria, voltando da agência de correios, assomava no mesmo ponto onde Marina agora fixava os olhos, seu pai tirava o relógio do bolso para medir-lhe o tempo da viagem.

De cada lado dos degraus, que desciam do terraço para o campo, dois velhos pés de jasmims-do-cabo floresciam meio ano.

Marina viu aparecerem as visitas. Aproximaram-se, desmontaram. Ela acenou então alegremente para Roberto

e ele veio ao terraço diretamente, enquanto os companheiros

tomavam o caminho habitual da casa, pelo lado.

— Agora já posso dar notícias, disse Roberto. Infelizmente resolvi não comprar. Digo, infelizmente, porque assim não serei seu vizinho.

— Não vai comprar as terras?

— Não. O problema da irrigação seria arruinante.

— Minhas notícias são outras. Não vou mais morar no Rio. Rompi o meu noivado.

— Assim me disseram ontem, respondeu.

Marina pôs-se a especular quem lhe teria falado e que lhe teriam dito.

— O que quero saber agora, continuou Roberto, é se sua notícia é boa ou má.

— É boa! É um erro corrigido.

— Para mim foi boa, disse Roberto, e acrescentou: Por que me conta isso?

Era como se perguntasse: “Marina, você me ama?” O tom estava carregado.

Ela não respondeu à pergunta. Ele logo fez-lhe outra:

— Estava aqui à minha espera?

— Estava.

— Para me dizer isso?

Marina sacudiu afirmativamente a cabeça. Duas vezes.

— Você é uma menina adorável, disse Roberto.

O perfume do jasmim-do-cabo subiu com a aragem. Nada dera ainda a Marina o prazer que lhe trouxe esta palavra, adorável.

Estavam os dois apoiados sobre a grade de ferro, lado a lado. Os olhos de Marina fixavam-se nos morros distantes, os de Roberto sobre ela. Matos, o administrador, passou embaixo e levantou o olhar para eles, curiosamente, levando a mão ao chapéu. Marina percebeu que ela e Roberto tinham o aspecto de namorados. Sentiu o enlevo iluminando-lhe o rosto; os olhos de Roberto ardiam.

Esforçou-se em conservar no espírito as palavras da mãe,

“Ele não casa com você”, para fazer calar a esperança de que Roberto iria dizer coisas decisivas.

— Será muito cedo para mudar de noivo? perguntou Roberto.

Marina voltou-se para ele, como se fosse atirar-se-lhe nos braços. Depois, deliberadamente, reassumiu a posição anterior, descansando os cotovelos sobre a grade e os olhos nos morros distantes.

— Não acho cedo, não, respondeu.

— O nosso caso foi fulminante, disse Roberto, e beijou-a.

## CAPÍTULO IV

A LUZ DAS VELAS lançava reflexos finos sobre as pratas e os cristais. Lançava sombras trêmulas sobre a renda da toalha. A vizinha de mesa de Roberto, a gorda Madame Sanchez, dizia-lhe, toda derramada em amabilidade:

— Seu cozinheiro é o melhor do Rio. Eu sempre digo.

E logo, fazendo chover elogios:

— Nunca vi pratas nem flores tão bonitas. Sob o tom convencional, transparecia um forro de cobiça. O olhar avaliador de Madame Sanchez parecia pôr um preço em cada objeto. Sua mão afagou as orquídeas mais próximas, como se as fosse transportar da mesa para o corpete.

Depois de gabar tudo, descansou os olhos sobre Marina. Roberto escutava com uma meia-atenção amável, mas perfunctória. Madame Sanchez, procurando um assunto que o interessasse mais, falou em Marina.

— Bem se diz, observou, que as mulheres são mais adaptáveis do que os homens. Lá está sua senhora, uma menina que nunca saiu da roça, presidindo a esta mesa, entre um diplomata e um magistrado, e parece que nunca fez outra coisa na vida.

— Marina adaptável? repetiu Roberto, e Madame Sanchez sentiu logo que, de fato, o nome da esposa lhe captara a atenção distraída. — Não, a senhora está muito enganada. Minha mulher é uma criatura que não leva em conta o ambiente e que vive muito de imaginação. Posso garantir-lhe que aqui ou na fazenda ela é a mesma.

— Que linda está ela hoje, comentou Madame Sanchez. Marina trazia, por conselho de Germana, o vestido cor de opala, que era a pérola do enxoval. O conselho de Germana perseguia-a desde a véspera. Seu interesse nos preparativos do primeiro grande jantar oferecido pela cunhada manifestara-se a respeito de todos os pormenores.

— O menu?... E as flores?... É preciso prever tudo. Quando você tiver a experiência de receber que eu tenho, você há

de avaliar a importância das menores providências...

Mande chamar o chefe para discutirmos.

Antes, pensava Marina, Germana tomasse abertamente a direção, sem consultas, sem tanto desejo de instruí-la nas novas funções. “Qual será o primeiro prato, Marina?

Lembre alguma coisa a seu gosto”, dissera. Mas logo que Marina lembrou peixe escabeche, objetou: “Que ideia! é prato de almoço!”, deixando à mostra, diante do chefe, a ignorância da dona da casa.

Ainda neste momento o olhar de Germana procurava, através da mesa de jantar, telegrafar-lhe qualquer coisa que Marina não entendia. A intuição não lhe servia com Germana. Com Roberto já teria compreendido. Mas não devia ser coisa de grande importância. Tudo lhe parecia correr perfeitamente e o progredir do jantar provara que Germana tivera razão em todas as providências.

O desembargador, vizinho de Marina, contava-lhe uma história comprida, embalado pelas próprias palavras e pela contemplação da bela anfitriã. Nem percebia que ela não lhe ouvia as palavras.

— Valha-nos isto! pensou Germana, desistindo de fazer compreender a Marina, sem palavras, que era seu dever conversar com os vizinhos e escutar o que diziam.

Os olhos e o pensamento iam para a dona da casa em ondas contínuas. Em redor da mesa, uma curiosidade provinciana, de meio estreito, satisfazia-se em observar a nova esposa de Roberto, em falar dela, em trocar as impressões que, sobrepostas, formariam o juízo definitivo da roda em que entrava.

A beleza saiu-lhe oficialmente proclamada, com leves divergências que não fizeram senão tornar mais honroso o resultado. A mesa de banquete não serviu, à discussão, de pista fácil onde só desfilassem arautos apregoadores, mas de liça onde surtiram pequenas investidas, logo derrubadas.

A filha do desembargador observou que Marina tinha dentes irregulares. Uma senhora maçuda que trabalhava

com Germana em obras de caridade e para quem a situação de dona desta casa era a mais invejável do Rio, fez notar que Marina tinha o ar por demais modesto e os ombros curvos.

— Não pode haver beleza sem porte adequado, observou. O laudo decisivo foi o do Munhoz, o diplomata que ficava à esquerda de Marina. Era um rapaz alto e feio, com um sorriso desencantado, que seduzia. A seus olhos vivos e pequeninos, nada escapava. Seu juízo inspirava confiança, em especial naquela roda. Sua vizinha da esquerda, Laurita Menezes, uma viúva jovem e doidivanas, passou-lhe adiante o laudo:

— O Munhoz diz que bastariam esses olhos para fazer de qualquer mulher uma beleza.

Muitos disseram: “É verdade”, e houve quem acrescentasse: “Nunca vi tão belos.”

— De que cor são? perguntou Laurita ao Munhoz.

— São verdes, mas nesta luz parecem pretos.

Através da mesa, Marina sentia o orgulho de Roberto dela. Germana, também, media, satisfeita, o êxito da cunhada, tomando essa apresentação como responsabilidade sua. A voz de Germana enchia a sala, nas lacunas da conversa, entre a toada monótona, de cacete profissional, do juiz, a risada de guizo de uma mocinha de cabelo muito encrespado, e as exclamações de Laurita Menezes, a estalarem de espanto ou de admiração. Laurita fazia da exclamação sua arma principal na conversa de salão. Usava a surpresa como resposta, e a risada como chiste. Lançava “ohs!” e “ahs!” como granadas. Auxiliava-se por vezes de uma frase provocadora, ou de um alegre “Duvido!”, mas sobretudo da estratégia irresistível e primitiva dos grandes olhos castanhos. Abriam-se muito largos, quando ela escutava, e fechavam-se, reduzidos a um fresta, quando ela ria. A alma de Laurita estava em flertes e em vestidos. Sua atenção borboleteava no momento, da esquerda para a direita, de Vasco, marido de Germana, ao Munhoz:

— Que sorte de Roberto, arranjar duas mulheres tão

bonitas para casar com ele, disse Vasco.

Laurita acrescentou:

— E tão diferentes.

— Tão diferentes! repetiu o Munhoz, olhando para Marina. Notou o alívio com que ela se deixava cair no silêncio, no meio da alegria da festa.

— É só pena esta não ter vida, disse Laurita. Alice, lembra-se?...

O Munhoz discordou.

— Eu estava justamente a notar que ela tem grande intensidade de expressão. Vida não é só vivacidade. É natural, até, que nos climas quentes a vida não se manifeste somente pelo movimento, pela ação.

Laurita, afastando-se apressadamente de considerações filosóficas, perguntou:

— É igualzinha à Greta Garbo, em mais morena, não é?

— Não. Nada. Não se parece com ninguém.

E, ao lado de Marina, nos pensamentos de todos, a imagem de Alice ia e vinha, ocupando por acessos a cadeira que fora sua. A maioria dos convidados pertencia ao que Germana e Roberto chamavam “o grupo”, gente ociosa que cercava Alice, pela sua alegria e hospitalidade, pela piscina do jardim e os campos de tênis, e que agora adotara Marina como uma herança esdrúxula, dispostos a festejá-la como à outra, e a procurá-la igualmente, como se a intimidade fosse com a casa e não com a anfitriã.

Propriamente da intimidade de Marina, só havia no jantar Adélia, a prima. Esta recebera Marina no papel de Madame Steen com júbilo e com um respeito novo. Não lhe guardava rancor pela traição a Miguel. Qualquer moça, ao ver de Adélia, faria o mesmo. O casamento de Marina parecia-lhe uma história digna de cinema. Examinara o enxoval da prima com êxtase, levando alguns vestidos para copiar em casa com uma costureirinha.

Mas o vestido que ela trazia hoje era mesmo de Marina. Emprestado. Adélia pedira-o para garantir o êxito do seu primeiro contato com a sociedade nova. Esbugalhava os

olhos míopes para observar os convidados. Receosa de trair sua ignorância dos hábitos do mundo elegante, mantinha-se reservada e solene. Aplicava-se à tarefa de aprender, parecendo já saber, e enfrentava as oportunidades do jantar, culinárias e sociais, com igual apetite.

A cerimônia que fazia tornava-lhe tão inexpressivo o rosto que Marina duvidou do seu prazer, até descobrir que quando alguma coisa justificava um sorriso, o de Adélia chegava adiantado e excessivo. Mas logo sumia novamente, na calma premeditada.

Laurita Menezes dirigiu-se a ela:

— Para mim esse vestido de Marina é o modelo mais bonito deste ano. Veio de Vionnet ou é cópia?

— Modelo, retrucou Adélia, sem saber, mas repelindo, desde logo, a possibilidade de cópia, como se fosse uma ofensa à fortuna dos Steen.

Laurita cravou-lhe um olhar rápido, que dizia: “És uma tola, prima cafajeste.” E, alto, observou, descuidadamente:

— Alice era um talento para fazer compras. Tinha uns endereços de copistas em Paris, estupendas.

E virou-se novamente para o Munhoz, que era a pessoa que mais a interessava na sala. Ouviu-o dizer a Marina:

— Aposto que gosta muito de conversar sobre livros, não gosta?

Marina, prestes a aquiescer com entusiasmo, encontrou o olhar de Laurita e leu nele claramente que a pergunta do Munhoz não era das que Laurita se lisonjearia de ouvir de qualquer homem.

— Sim, gosto muito de ler, e de discutir o que leio, respondeu, mas o tom, sob a influência daquele olhar, saiu-lhe contrafeito. As palavras caíram, murchas, como se não pertencessem a ninguém.

Laurita captou então a atenção de Munhoz e embarcou numa anedota ligeira. Contava poucas anedotas, mas quando arriscava alguma era em geral curta, e com menos espírito que pimenta. Marina apanhou, desta, só as últimas palavras. Lembrou-se logo de Dona Emília, e do efeito que

as expressões cruas lhe causariam. Não sacudira ainda o hábito de julgar pelos olhos da mãe. Não se desvencilhava da sujeição antiga à individualidade mais forte.

Acompanhava a conversa de seus convidados, como uma menina de colégio, escandalizada com o que ouvia.

Pensava, às vezes: “Que diria mamãe!” e outras: “Que diria Miguel!” O pensamento de Miguel vinha quando a pobreza intelectual transparecia rasa. A conversa, excetuados os ditos de Munhoz, corria num nível de cultura baixo para Marina.

Ela ouvia, silenciosa, com um meio sorriso que puxara propositadamente, como um véu, sobre o rosto móvel, para cobrir-lhe a inexperiência. Os olhos, indo de pessoa a pessoa, traíam-na frequentemente.

Madame Sanchez felicitou Marina, através da larga mesa: — Sua mesa está uma sinfonia, disse.

— Nossa anfitriã é que está uma sinfonia, emendou galantemente o desembargador, inclinando-se para Marina, como se lhe oferecesse o epigrama numa salva de prata. Marina sorriu maquinalmente, oprimida pela banalidade desta atmosfera artificial.

Reparava que o prazer de Germana, ao contrário, desabrochava visivelmente como uma flor de estufa.

Marina se sentia empalidecer de tédio e de fadiga. O tilintar dos cristais acompanhava uma dorzinha de cabeça que sentia, fina e erradica. Em redor dela só via dissonâncias.

Mentalidades opostas trocando palavras ociosas. Todo aquele aparato material a que ela, a dona da casa, não tinha apego, inspirando inveja.

Laurita Menezes pusera-se a apregoar uma série de superstições e de fetiches. Bastaria a Marina fechar os olhos para acreditar-se outra vez no meio do povinho de Santa Rosa. Faltava apenas a pronúncia negra. O desembargador, abandonando as reminiscências, passara a falar de espiritismo. Tinha um reluzir de apóstolo nos olhos, tal qual o velho Carlos, cozinheiro da roça.

— A senhora daria um excelente médium, disse a Marina. Tem intuição. Eu conheço pelos olhos e pelas mãos.

— Eu também vejo pelos olhos e pelas mãos de Dona Marina que ela tem intuição, intercalou Munhoz, sorrindo. Mas não só para as influências ocultas. Para todas as influências. Vejo também que é uma natureza tímida, embora corajosa. Não é?

Pelo sorriso distraído de Marina, o Munhoz percebeu que ela não queria falar de si mesma. E pouco depois, Marina disse, como se pensasse alto:

— Eu não imaginava que a sociedade fosse assim, que as conversas fossem assim.

— Não? Pois conversa de jantar é isso mesmo. Depois pode-se recorrer aos jogos, às danças, mas durante a comida não há defesa. Será que a senhora tinha projetos de criar um salão literário?

— Eu? Não. Que ideia!

— Não dava resultado mesmo. Hoje ninguém quer saber de nada que possa tolher a liberdade. As mulheres bonitas querem poder exhibir até a própria ignorância, sem constrangimento. Nossa amiga Laurita, por exemplo, — o Munhoz abaixou a voz irônica, — nunca hesita antes de uma pergunta. Se ouvir um nome desconhecido, não dispensa o “Quem é?” porque pode ser um astro nascente do cinema, ou o novo apaixonado de Fulana. Arrisca-se a lhe responderem que o desconhecido é um grande poeta ou é um cientista de primeira grandeza. Nessa hipótese ela esquecerá o nome outra vez, porque não lhe interessa.

— Mas toda a gente aqui não é como ela?

— Não, naturalmente. Ela a mim perguntou uma vez: “Quem é Goethe? Mora em Copacabana?” “Não, respondi, já morreu em Weimar e era poeta.” Aposto que se lhe perguntar, já esqueceu outra vez. Quer apostar?

— Não. Deixe-a quieta!

Laurita virou-se para eles:

— Munhoz, ontem foi meu aniversário e você não me mandou nem uma orquídea, seu feio. Adivinhe o que

Carlos, meu irmão, me telegrafou de São Paulo: “ Abraços. Console-se.”

— Console-se de quê? perguntou Marina com inocência.

— Laurita não lhe pode responder, atalhou o Munhoz, porque nunca confessa a idade.

— Ganhei uns presentes simpáticos, continuou Laurita. Mas o que eu queria ninguém me deu. Era ter cinco anos de menos.

— E ninguém deu? caçoou o Munhoz. Esse é um gênero de amabilidade que eu gostaria de fazer a minhas amigas bonitas. Em vez de flores, mandar-lhes uns anos suplementares de mocidade, acompanhados do meu cartão de visita. Quem sabe se não é moda em Marte?

— Que pena não ser moda no nosso planeta! lastimou Laurita.

— Se fosse, eu me arruinaria, continuou o Munhoz. E quando não pudesse mais comprar, eu me empregava de caixeiro. Seria um humilde vendedor. Deve ser agradável vender ainda alguns anos a uma mulher bonita, no momento em que ela sente apontar a primeira ruga.

— As ricas comprariam, lembrou Marina, mas as pobres venderiam.

— É verdade. Toda a gente pobre seria velhíssima. As senhoras caridosas, quando lhes pedissem esmola na rua, diriam: “Coitada! a essa não posso negar. Quanta ruga! que alquebramento! É a verdadeira miséria!” A parcimônia seria grande. Imaginem de quanta privação seria capaz uma mulher chegando ao fim da mocidade e tendo um amor que defender.

Laurita aplaudia cada frase com um “Oh!” ou um “Esse Munhoz!” Mas o Munhoz falava para Marina, dispendendo para ela tudo que tinha de espírito e de simpatia pessoal.

— E quem estivesse disposto a matar uma meia horazinha de espera, só teria que telefonar ao corretor de tempo: “Tenho trinta minutos para negociar.” Não haveria nunca desperdício. Quem estivesse resolvido ao suicídio poderia vender a vida por bom preço, satisfazendo suntuosamente

os últimos desejos. Ninguém mais falaria em dar a vida por outro, com receio de que lhe pegassem na palavra. Os grandes gênios se tornariam imortais por subscrição popular. As mulheres amadas por milionários teriam sua mocidade prolongada até o mundo fartar-se do tipo. Germana, do outro lado da mesa, via Marina entretida pela conversa do Munhoz.

“Agora — pensou — ela nem se lembra de que estamos todos à sua espera para nos levantar.”

Mas de repente Marina percebeu que o jantar estava terminado e levantou-se.

Depois do jantar espalharam-se os convidados em torno de mesas de jogo. Marina, que não jogava, ficou a conversar com Vasco, seu concunhado.

Era um rapaz simpático e desempenado. Tinha aspecto jovem para o papel de marido de Germana. Cabelos negros e luzidios, colados à cabeça. A elegância da figura era acrescida pela agilidade de atleta em treino perfeito, e por alguma coisa de felino nos gestos desenvoltos.

Germana apaixonara-se por ele por ser bonito, e o casamento saíra feliz, mas com uma diferença importante. Ela julgava ter encontrado a felicidade; ele, a sorte. A herdeira do velho Steen garantia ao marido, — que encontrara sem emprego, nem fortuna, — tudo que ele reputava importante, — automóveis, viagens, roupas inglesas. Graças à mulher, Vasco transportara sua mestria no tênis, dos torneios locais para os campos internacionais, e sua sociabilidade, seus dotes de criador de alegria e de dançarino emérito, para um meio mais agradável, mais brilhante do que aquele em que nascera.

Germana orgulhava-se do perfil clássico do Vasco e das qualidades que ela soubera descobrir ou desenvolver, da jovialidade pueril e comunicativa que, nas reuniões mundanas, contrabalançava sua própria solenidade, um pouco pesada. Casara prudentemente com separação de bens e conservava o marido afastado da administração dos seus milhões, mas cedia quase sempre a seus caprichos

custosos, e não sabia resistir aos seus modos de engabelador.

Era ciumenta. Debaixo da tolerância exterior que competia a uma mulher viajada e moderna, mantinha sobre o marido uma vigilância secreta e incessante. Sentia-se, aliás, segura. “Não há perigo que Vasco saia dos trilhos, pensava. Ele sabe quanto tem a perder.”

Marina, sentada a um canto do escritório, com as pregas do cetim cor de opala a cair em redor dela em dobras pesadas, deixava Vasco falar. Ouvia, pela segunda vez, desde seu casamento, a minuciosa relação de um inverno em Saint-Moritz, em que Vasco fizera uma estreia sensacional nos exercícios de neve.

— Quem tem agilidade e vista certa se sai tão bem de um esporte como de outro, dizia Vasco. Você já viu as fotografias que Roberto tirou naquele ano?

Marina respondeu que nunca as vira.

— Ele costumava guardar o álbum aqui, continuou Vasco. E, mais conhecedor da casa do que ela, encontrou-o logo na primeira gaveta da secretária.

Pôs-se a virar as páginas, buscando o que queria mostrar. Os olhos de Marina procuravam agarrar-se a cada imagem que passava de relance. As folhas lhe pareciam de palpitante interesse. Toda a vida de Roberto e Alice surgia delas.

— Aqui está, disse Vasco.

Eram fotografias em que a neve reluzia e o sol lançava sombras poéticas em torno de árvores e de figuras. Vasco pôs-se a indicar lugares e pessoas, a enumerar os concorrentes, os records, as dificuldades da pista. Mostrava as janelas do seu quarto no hotel. Informava das altitudes.

— Quem é esta? perguntou Marina. Tinha certeza de reconhecer Alice, mas preferiu pôr assim a pergunta, de modo impessoal.

— É Alice, respondeu Vasco, sem interromper as explicações. No grupo, de roupas escuras, sobre o fundo de neve, as fisionomias brilhavam de alegria saudável. Alice

sorria, radiosa.

— São ótimas fotografias, disse Vasco. Roberto é bom amador. E naquele tempo o material fotográfico não era o que é hoje.

Marina quisera ficar a olhar, uma por uma, as imagens, mas deixou que Vasco pusesse o álbum de lado e foi cuidar dos seus deveres de dona de casa, circulando, falando com um e outro.

Mais tarde, quando o jogo parecia prender a todos, ela aproveitou para escapar até o escritório e começou a percorrer o álbum, com vagar. Mas logo foi descoberta por Laurita Menezes. Laurita, ao avistar o álbum, soltou um gritinho de alegria. Conhecia-o já, e figurava em muitos dos grupos. Sentou-se ao lado de Marina no sofá. Seu comentário acompanhou cada página, como um chilrear de pássaro importuno:

— Ali estou eu... Aqui também... Que bons momentos isto me lembra!... Olhe estas saias curtas, Deus meu! Este vestido de Alice era lindo, de Lanvin. Era cor-de-rosa. Eu tive o mesmo em azul!... Esta roupa de banho naquele tempo parecia ousada. Hoje é até modesta.

O retrato era de Alice, pronta para o mergulho, de braços estendidos. Marina não achou modesta a roupa. Lembrou-se que Dona Emília a julgaria imprópria. Mas a figura era escultural. A voz de Laurita corria sempre:

— Nunca vi criatura mais destemida que Alice. Tudo que ela via fazer, queria logo experimentar, sobretudo havendo perigo. Na água ela fazia loucuras. Mergulhos de toda espécie. Apostava corrida com os homens. Aceitava qualquer desafio. Uma vez em Copacabana arriscou a vida para salvar uma criança, e os jornais todos falaram.

Agora, examinando com mais vagar o álbum, Marina verificou que Roberto aparecia poucas vezes. Era Alice que enchia todas as páginas.

— Roberto é quem tirava, explicou Laurita. Houve um tempo em que ele tinha verdadeira mania de fotografias. Tirava grupos em todos os nossos passeios e Alice vivia

posando para ele.

— Que ótimo modelo era ela!

— Este foi num piquenique na Tijuca, continuou Laurita, e este num passeio a Paquetá... Olha o Leonel Matos! Já tinha até me esquecido dele. Era um rapaz que tinha paixão por Alice.

— Qual é? perguntou logo Marina, examinando com interesse as figuras masculinas do grupo em traje de tênis, tirado no próprio campo de jogo da casa.

— Este aqui, o mais alto... Eu sempre caçoava com ele por causa dessa paixão... Ficava furioso.

Em cada retrato aparecia uma Alice diversa e no entanto a mesma, trajando as modas de cada ano, vestida ora para esporte, ora para cidade, posando ora de pé, ora sentada, ora só, ora acompanhada. Raras vezes sofria o envelhecimento esdrúxulo de modas passadas. Raras vezes traía a consciência da máquina. Numa, estava a bordo, com o vento esborrifando-lhe o cabelo. Em outra, à janela de um trem, mordendo um sanduíche. Aqui, em Veneza, de braço com Roberto. Ali, nas ruínas do Coliseu, abrindo o guarda-sol. Alice em praias, montanhas e arvoredos; e em todas as luzes, no sol, na sombra e entre arabescos de sombra e sol.

— Oh! este está ótimo! exclamou Laurita. Era uma ampliação de um instantâneo feliz.

Apenas a cabeça e os ombros de Alice, com os olhos, penteados de luz, mirando a objetiva. O penteado, descobrindo a testa e as orelhas, mostrava a nascente dos cabelos, numa linha admirável. Os lábios confirmavam o chamado brejeiro dos olhos e pareciam esboçar um beijo ou um assobio, mas uma espiral de fumaça, elevando-se para o lado, dizia que fumava. O retrato, muito vivo, tinha uma atração especial que prendia.

— Onde estão os Abdullahs? perguntou Laurita, lembrando de cigarros ao fechar do álbum.

— Devem estar na minha sala, disse Marina. Vou buscá-los. Do hall, antes de entrar na sua salinha, viu, pela porta aberta, o Munhoz e o Vasco, de costas, diante do retrato de

Alice. Falavam, evidentemente, dela. Vasco fez ao Munhoz uma pergunta que Marina não percebeu, mas a resposta de Munhoz chegou-lhe aos ouvidos claramente.

— Esqueceu, nada!

Marina estacou. Quis afastar-se antes que eles a vissem. O Munhoz virou-se para o Vasco. Marina viu-o agora de perfil, e notou sua expressão, muito diferente da habitual displicência, uma expressão de interesse. Repetiu:

— Esqueceu, nada! Eu conheço Roberto. E você agora me diga uma coisa. Que homem esqueceria uma mulher destas?

Marina não teve tempo de retroceder ou de fugir, antes que o Munhoz, virando um pouco mais a cabeça, a visse na porta. Vasco voltou-se também. Ela entrou sem jeito, com vontade de sumir-se pelo chão e foi a primeira a romper o silêncio opressivo:

— Vim buscar estes cigarros para Laurita, disse.

## CAPÍTULO V

NAQUELA NOITE Marina teve um sonho, muito nítido, e terrível. Apareceu-lhe Alice, com a atitude e o vestido do quadro de Verron. A expressão, porém, era outra... Ria... Mas uma ameaça secreta e esmagadora enfrentava Marina debaixo desse riso. Falou:

— Eu morta? Morta, achas? Que pilhéria! Parecia atribuir a Marina a culpa de uma mentira imensa. Seu riso sardônico multiplicava-se em ressonâncias que envolviam Marina de todo lado. Oprimiam-na. Asfixiavam-na.

— Morta, nada! Estou viva. Pergunta aos outros se morri... Roberto, diga se eu morri?... Pergunta a Germana se eu morri. Pergunta ao Munhoz, a Laurita... Pergunta a Antônio, copeiro, a Júlia.

Nomeava outros ainda. E todos acudiam logo ao chamado. Cercavam-na e riam com ela, num fragor formidável de caçada.

Germana e Vasco riam. O Munhoz ria. Roberto, quando ela o interpelou, para dizer se tinha morrido, sacudiu negativamente a cabeça... Ria também, embora olhasse com piedade para Marina. O copeiro, Antônio, ria, teso e empertigado de corpo, mas com o rosto em convulsões. Júlia, que fora criada grave de Alice, ria cada vez mais alto. Todos os outros criados gargalhavam em coro e os risos pareciam pedradas contra Marina.

— Mas este não, reclamou Marina, apontando para um ajudante de cozinha que era novo na casa. Este não pode! Este não a conheceu.

Mas o novo também ria. Marina procurou Isabel. Isabel não estava.

Percebeu então, dormindo ainda, que era um pesadelo.

Sentia-se acorrentada à visão horrível e lutava para libertar-se, para acordar. Concentrou-se num grande esforço para gritar o nome de Roberto, a fim de que ele a despertasse, a salvasse, mas o esforço foi inútil. O grito não

saía. Ficava preso na garganta. Tentou rezar a fim de que Nossa Senhora a ajudasse a acordar, mas caiu em novos abismos de torpor.

Convenceu-se irrevogavelmente de que Alice não morrera.

— Mas, então, se você não morreu, quem sou eu? quem sou eu? perguntou.

Agarrava-se a si mesma como a uma sombra que escapulia. Mas ninguém lhe ouvia a pergunta agoniada. Todos riam. Sacudiu, enfim, o pesadelo e voltou à consciência. Acendeu a lâmpada de cabeceira.

Roberto dormia serenamente, e Marina relutou em despertá-lo. O medo porém impeliu-a.

— Roberto!... Roberto! Tive um pesadelo horrível... Você nem imagina!

Choramingava, sentada na cama, com as pupilas dilatadas, e o corpo todo a tremer.

— Foi a maionese de lagosta, disse Roberto, e levantou-se para acender as outras luzes do quarto e trazer a Marina um copo d'água. Depois, acalmou-a nos braços como a uma criança assustada, repetindo:

— Foi só sonho. Já passou. Já passou.

Os olhos de Marina contornavam o aposento procurando ainda a visão. Batiam-lhe os dentes.

— Ela me detesta, gemeu.

— Ninguém te detesta, bobinha.

— Detesta, sim... Alice.

— Você ainda está sonhando.

— Não estou, não. Eu não sabia que ela me detestava. Eu sempre tive tanta simpatia por ela! Mesmo sem conhecer, eu a admirava.

Roberto suspirou, irritado.

— Marina, você precisa reagir. Eu não sei fazer papel de ama-seca.

Ela dominou-se imediatamente e bebeu um grande gole d'água. Endireitou os travesseiros. Roberto, recobrando a paciência, perguntou:

— Estás melhor, não estás, minha mulherzinha?

— Estou. Não te incomodes. Podes apagar a luz.

— Já está passado tudo?

— Já.

Mas tinha a impressão que o sonho nunca mais passaria, que se alojara nela para todo o sempre. Não ousava mais fechar os olhos, porque, ao mais leve cochilo, a visão de Alice tentava insinuar-se outra vez, a despeito dos braços protetores de Roberto. Só no correr do dia, muito lentamente, foi-se dissipando no meio das ocupações. Ficou-lhe na memória, porém, com a nitidez da própria vida.

O retrato de Verron adquiriu, depois do sonho, um extraordinário acréscimo de relevo e de vida. Nunca mais deu a Marina a impressão de imobilidade. Não que ela lhe percebesse movimento algum. Mas sentia uma iminência de movimento, a quietude viva de uma pessoa parada, um ondular imperceptível do corpo, o ato invisível de respirar, uma sensibilidade dos traços, alerta a tudo que se passava; um virar da pupila que escapava à observação. Uma sugestão, enfim, de que, a qualquer momento, a figura toda ia mover-se, deslocar-se, caminhar. As mãos e os braços, sobretudo, davam a ilusão de terem naquele momento voltado à posição primitiva, ou de estarem quase a deixá-la. O retrato era impressionante para todos. Tinha uma vida nos olhos que revelaria a qualquer leigo o gênio de Verron. Mas, com Marina, sua intimidade era estranha. Parecia outorgar-se o direito de dissecar-lhe os atos e os motivos. A sua influência atingia-a agora mesmo fora da saleta, mesmo longe da vista. A inimizade da morta, revelada no pesadelo, pairava na casa toda. Às vezes, oprimia Marina como um peso. Dava vida aos objetos inanimados que lhe haviam pertencido. Os mil modos diversos que tinha Alice de viver ainda na casa e que Marina sentira, desde o princípio, como toques dolorosos em nervos descobertos, ficaram depois do sonho mais agressivos, mais brutais. Coisas insignificantes, o encontrar de um leque numa gaveta ou um sinal a lápis na margem de um livro,

insuflavam nela, no meio de qualquer alegria, uma súbita desolação. Num escaninho da limusine encontrou uma vez talões de compras. Reparou nas datas. Um era para seis pares de meias de seda. Ela não sabia que existiam meias de preço tão alto.

Haviam sido retirados da casa os objetos de uso pessoal de Alice, queimados seus papéis, distribuídas suas roupas, mas restava muita coisa que ninguém se lembrara de recolher. Seus tacos de golfe e suas raquetes de tênis permaneciam a um canto do vestiário. E aos poucos, outros objetos, — móveis, obras de arte, — de que Marina não desconfiara, de repente revelavam uma associação inesperada com Alice. Casualmente, uma palavra de Roberto ou de Germana, ou dos criados, emprestava ao objeto uma data preciosa, uma razão de existir.

Caracterizava-se em presente de casamento, ou em lembrança de alguma viagem. Marina tinha em cima de sua mesa uma linda estatueta de dançarina, a que se havia afeiçoado. Mandou-a retirar no dia em que Laurita lhe contou que Alice comprara a dançarina de bronze num leilão a que haviam ido juntas, e que dera por ela um preço de capricho.

— Comprou para pôr aí mesmo, em cima desta mesa.

A qualquer momento, inesperadamente, apareciam novas ligações entre Alice e as coisas de casa. Tudo, nas salas numerosas e cheias, nas paredes vastas e ornadas de telas, nos armários e prateleiras atonetadas de louças, pratos e cristais, tudo fora compra de Alice, ou presente feito a ela, tudo portanto escolhido por ela ou para ela, e tudo refletindo um momento do seu gosto. O conjunto refletia-a também de um modo evanescente e incompleto, mas por isso mesmo mais sugestivo para Marina, absorvendo-lhe mais a atenção, como se fosse uma visagem vista em água trêmula ou na imprecisão do escurecer.

Marina lembrava-se de tudo que diziam a respeito de Alice. Doía-lhe ouvir seu nome, sobretudo dos lábios de Roberto, mas escutava sempre, como fascinada.

As referências de Roberto eram em geral vagas, e traziam poucas luzes sobre a personalidade da morta. Quando pronunciava seu nome, era para referir uma opinião de Alice sobre qualquer assunto impessoal, sem importância: — Não gosto muito dessa gente. Alice achava-os vulgares. Ou:

— Estivemos lá uma vez para Alice fazer uma estação de águas.

Germana, pelo contrário, sem perfídia, mas sem tato, introduzia a todo propósito o nome da cunhada morta. Às vezes unia-o estouvadamente ao de Marina.

— Estás muito gordo, Roberto. Marina devia te pôr de regime como Alice fazia.

Ressuscitava o passado sem cerimônia. Misturava-o leviana e familiarmente ao presente.

— Roberto, que fim levou aquele sweater azul que Alice te fez e de que gostavas tanto?

— Não sei, respondia Roberto contrariado. Marina sofria menos com os pormenores que descobria do que com aqueles que lhe escapavam. No escritório de Roberto uma determinada gaveta lhe atraía sempre o olhar por ser a única que Roberto conservava fechada a chave e que nunca abria diante dela. Talvez estivessem ali as cartas de Alice ao marido.

Do palrear sem nexos de Laurita Menezes, Marina colhia também muita informação. Laurita fora muitos anos íntima de Alice. Dos criados aprendia igualmente. O cozinheiro gostava de citar opiniões de Alice sobre pratos ou menus. Júlia referia-se também a ela e parecia a Marina que o fazia, ao contrário do cozinheiro benevolente, com um secreto rancor contra a nova patroa.

Júlia ocupava de longa data um posto de responsabilidade na casa, quase o de governante. Marina encontrava-a sempre nos corredores, fiscalizando o serviço das empregadas subalternas e descobrindo poeira em cantos obscuros. Tinha um olhar agudo, mas esquivo. Em conversa, seus olhos fugiam de repente do interlocutor,

como se tivessem pudor da própria penetração indiscreta, ou acanhamento do muito que, num relance, conseguiam descobrir.

A dedicação de Júlia para com Alice fora longamente posta à prova e manifestara-se especialmente na última doença. Roberto lhe dissera quando enviuvou:

— Júlia, não sei como lhe agradecer. Fique certa que nunca me esquecerei.

Essas palavras, sempre citadas por Júlia na cozinha, chegaram ao conhecimento de Marina por Isabel, que muitas vezes resmungava contra Júlia.

— Ela não tem nada comigo. Pensa que pode mandar em todos só porque Madame lhe dava rédea. Madame morreu e Júlia, com todas suas tramóias, não pode fazer viver os mortos.

Isabel aprendera com os outros criados a chamar Alice de Madame. Marina não quisera este título. Fora sua primeira ordem na casa de Roberto. Na própria noite de sua chegada corrigira o Antônio.

— Não diga Madame. Diga Dona Marina.

E logo, segundo o seu costume, virara-se para Roberto, a justificar-se:

— Nós não somos franceses. Somos brasileiros.

Roberto concordou: — Tens razão.

Todos os criados sabiam que Alice era geniosa. Um dia ao jantar, em meio de uma discussão com Roberto, agarrara um candelabro de cristal de Veneza, que era uma preciosidade, — Marina conhecia-o pelo outro que ficara do par — e atirou-o pela janela, completo e aceso. Espalharam-se pela sala velas e abat-jours. O cristal esfarelou-se, com um fino estalar sonoro sobre as lajes do passeio. Alice ouvira, já sorrindo. Depois, sem contrição, disse: “Pronto! Agora faze o que quiseres.”

E Roberto apenas riu, às gargalhadas, achando graça. Alice divertia-o.

Os criados nunca a julgavam. A eles também seu encanto subjugara. A casa corria ainda sob suas ordens no

mecanismo complicado e meticuloso a que ela dera impulso.

Marina preferia que assim fosse, consciente de sua inexperiência para dirigir por normas europeias um interior tão vasto. Sua mãe lhe havia aconselhado que aprendesse com os criados e ela os achava muito inclinados a ensinar. Antônio, que era o próprio poder conservador encarnado em copeiro, um dia respondera a uma indicação de Marina: — Madame não queria assim.

Marina, então, para defender o princípio de autoridade, ousou contrariar, pela primeira vez, uma ordem de Alice. Acontecia às vezes a Marina receber do estrangeiro correspondência dirigida a Madame Roberto Steen e verificar que não era destinada a ela, mas a Alice. Era alguma vendeuse de Paris que se transportara para outra casa de modas, ou que submetia desenhos de vestidos. Era algum conhecido de viagem que lhe mandava um cartão postal.

Na vida de todo dia, a intimidade de Alice se desvendava por uma série de pequenos indícios, reveladores de traços novos a crescer ao muito que Marina já sabia dos seus hábitos e do seu caráter.

A primeira vez que viu a letra de Alice, na folha de rosto de um livro, tivera a percepção, pela altura dos traços e o tamanho das maiúsculas, de um grande orgulho, traço que Marina odiava. Mais tarde encontrou a confirmação dele numas palavras que Alice escrevera, por ócio, através da folha de cima de um bloco de papel de carta: “O orgulho é meu pecado e a lealdade minha virtude.”

Descobriu também, gravada no mesmo papel de correspondência, em prata sobre cinza, a divisa de Alice, irmã da sua: *Fidelis usque ad mortem...* Por fragmentos de conversa que ouvira citar familiarizara-se com algumas expressões prediletas de Alice e essas, inconscientemente, iam-se introduzindo no próprio vocabulário. Sem o saber, imitava Alice, como Laurita, Adélia e outras a haviam imitado em vida.

A grande sedução de Alice, que Marina sentira primeiro por intermédio de Adélia, continuava a exercer-se, mesmo através da estranha inimizade. Envolvia-a agora de todos os lados como um aroma irresistível. O prestígio exercido sobre sua meninice não fizera senão crescer com a familiaridade nova, com a avaliação do amor que Alice soubera inspirar a Roberto e da mestria com que ela se desempenhara dos deveres que agora cabiam a ela, Marina. Não encontrara ainda uma só voz divergente, no coro de elogios.

Uma vez Marina perguntou a Adélia, mostrando o retrato:

— Você ainda conserva a mesma admiração por ela?

— Por quem? Por Madame Steen? Conservo. Acredito que, se eu a visse hoje, eu a acharia a mulher mais elegante que eu já vi e uma das mais bonitas.

Acrescentou:

— Eu, se fosse você, não queria saber de estar sempre nesta sala, debaixo desse retrato grande. Tirava daí.

— Talvez você tenha razão, respondeu Marina.

Mas o acanhamento e o orgulho não a deixavam pedir a Roberto que removesse o quadro pela segunda vez.

Entre a massa de minúcias sem importância que o acaso trazia ao seu conhecimento aparecia de repente algum fato básico da vida da Alice, que Marina estranhava não ter ouvido ainda. Estava casada havia vários meses quando soube que Alice era filha de diplomata e que vivera, em solteira, quase sempre no estrangeiro.

— Eu não sabia disso. É curioso que eu nunca tenha ouvido, observou, quando Adélia lhe disse.

— Pensei que você soubesse. Eu há tanto tempo que sei! Ignorava também que eram da mão de Alice vários pequenos quadros, espalhados pela casa, em cantos obscuros onde Alice mesma os colocara. Eram telas estranhas, reproduzindo aves ou flores exóticas e decorativas. O desenho era defeituoso, mas os efeitos de cores eram surpreendentes. Algumas agradavam muito a Marina.

Marina descobriu-lhes a autoria conversando com uma parenta velha de Roberto. Na sala em que recebia a visita da prima Filomena havia um quadro representando uma ave bizarra, em muitos tons de amarelo e de castanho. O fundo era todo de galhos secos e de frutas maduras. Por falta de assunto, Marina falou nele.

— Que pássaro engraçado! As penas dele parecem folhas de outono.

— Alice batizou esse quadro Outono, respondeu a prima Filomena. É um trabalho curioso. Ela não tinha técnica, mas tinha bastante talento.

— É dela? Eu nem sabia que ela pintava! exclamou Marina, com uma inflexão de surpresa que pareceu, a ela mesma, excessiva. Lembrou-se que não era obrigada a saber tudo a respeito de Alice, e acrescentou em tom de conversa banal:

— Ela parece ter tido todos os talentos. Cada dia eu descubro um novo. É extraordinário como todo o mundo fala dela, com admiração. A prima Filomena respondeu, sem entusiasmo.

— Isso acontece muitas vezes com quem morre. O que Alice tinha era um jeitinho especial para agradar, mas não fazia muita questão de agradar a gente fora de moda, como eu. Era uma moça bonita, não há dúvida, mas não era uma beleza como você. Gostava que lhe fizessem a corte e achava que ser Alice Steen era quase o mesmo que ser Princesa de Gales.

Marina recolhia e acumulava em seu espírito as informações mais diversas, às vezes contraditórias. Em tempo pareceu-lhe conhecer Alice tão bem ou melhor quanto qualquer uma das suas novas relações. Além de estar familiarizada com sua fisionomia pelos retratos, pensava ter aprendido também aquilo de que não havia indício, o ritmo dos seus movimentos, as suas atitudes fugazes, o timbre do seu falar.

No pensamento emprestava-lhe vida e voz.

Não havia um canto da casa em que não pudesse imaginar Alice, como se já a tivesse visto ali com os olhos. Morta,

Alice impregnava a casa como se ainda fosse sua. Marina, ao entrar numa sala, sentia-lhe os passos, afastando-se. Parecia-lhe perceber nas almofadas do sofá a impressão do seu corpo, e, nas flores dos vasos, o toque de seus dedos. Mas era no retrato que a presença de Alice se manifestava mais intensamente. Uma tarde, ao entrar em casa, Marina encontrou Roberto à sua espera, lendo na salinha. Da parede, a mão levantada de Alice parecia abençoar a cabeça do marido, inclinada sobre o livro. Marina estacou à porta, como se sua entrada fosse inoportuna, e viesse interromper uma conversa íntima. Pareceu-lhe que uma paz conjugal enchia a sala, sob a luz suave das lâmpadas. Roberto levantou os olhos.

— Estava à tua espera, reclamou. Demoraste muito. Marina observou-o atentamente, procurando descobrir se a influência do retrato não atingia também a Roberto. Tinha uma curiosidade permanente de saber se ele não sentia como ela, através da tela, a presença de Alice, mas sempre via o marido passar diante do retrato como se ele não existisse. O hábito já tornara o quadro quase tão inexistente para ele quanto a própria parede. Nunca mais Marina interceptara sequer um olhar de amizade como na noite da chegada.

— Estive fazendo visitas, respondeu Marina. Que tarde cansativa! Se soubesse como detesto fazer visitas! Tirou o chapéu com um suspiro de alívio, sem mesmo o cuidado de olhar para o espelho. Ficou-lhe uma desordem desgraciosa no cabelo. Estava pálida, abatida. Tinha uma prega de fadiga nos cantos da boca. Naquele momento quem a visse pela primeira vez, lhe negaria beleza, pelo menos a grande beleza que era sua, mas que variava, de dia a dia, em grau e em espécie. Para Roberto, essa qualidade de incerteza era um dos encantos de Marina. Sabia que a qualquer momento sua formosura ressurgiria plena. Parecia feito para ela um vocábulo que os romancistas franceses da geração anterior gostavam de aplicar às suas heroínas: *journalière*.

As mulheres percebiam logo o motivo dessas variações.

Diziam:

— É pena Marina não se arranjar.

Não se pintava, ou só muito raramente. Com o comodismo e a coragem das mulheres de sua geração, permitia-se enfrentar qualquer luz, aparecer às visitas sem demoras, usar chapéus severos, agarrados à cabeça, mas desdenhava a defesa das outras, os segredos das caixas de pó e de carmim.

Entrara agora na salinha com um punhado de cartões de visita na mão. Encontrara-os sobre a mesa da entrada.

Notar diariamente os nomes das pessoas que a procuravam, para poder depois retribuir as visitas, era uma das pequenas tarefas tediosas em que Germana a adestrara. Escrevia os nomes num caderninho especial. Eram muitos. O número de suas relações espantava-a. Germana encarregara-se de distribuir as participações de casamento aos amigos da família, mas, a julgar pela romaria de visitantes, parecia ter oferecido a casa de Roberto a uma variedade infinda de gente e à metade do corpo diplomático.

— Hoje ganhei bem a tarde, suspirou Marina.

Sentou-se à escrivaninha e, antes de inscrever nomes novos, correu os passados. Com a sensação de se ter livrado de grandes maçadas, apôs, a muitos deles, o sinal de que a visita estava paga, traçando um grande P, com um gesto largo da pena como uma absolvição.

Achara alguma dificuldade em acender a lâmpada sobre a mesa.

— Tem qualquer defeito, disse, virando-se para Roberto.

Não será bom mandar vir o electricista?

A pergunta lembrou-lhe outras dúvidas caseiras.

— Germana disse que o sofá da galeria precisa de nova cobertura. Que achas? Não sei que cor há de ser...

E logo:

— O copeiro disse que o novo ajudante da copa é vadio e precisa ser despedido, mas eu não sei despedir ninguém.

Preferiria que você mesmo falasse, ou então o próprio Antônio.

Todas as tardes apresentava assim ao marido uma série de pequenas dúvidas. Dona Emília na fazenda havia confirmado a natural indecisão da filha, porque chamava tudo para si. Não deixava iniciativa a ninguém. Nesta tarde a paciência de Roberto estremeceu, ligeiramente.

— Despede tu. E não me tragas todo dia questõezinhas como essas. És dona de casa.

Marina fez-se escarlata.

— É medo de decidir errado, disse.

— Erra, mas decide, respondeu Roberto.

Ao jantar, Roberto mal provou a sopa, protestou:

— Realmente, não deverias permitir que uma sopa destas viesse à mesa!

— Que tem a sopa?

A ela estava parecendo deliciosa porque não tivera tempo de tomar o chá da tarde. Roberto observou-lhe, queixoso, o apetite, e ordenou a Antônio:

— Leve este prato e traga sopa quente.

Continuou a olhar para Marina com severidade.

— A ti pouco importa que o jantar inteiro venha frio e o champanha quente, nem que nos façam esperar dez minutos entre os pratos. O resultado dessa indiferença é que nunca vi criados relaxarem como estes. Nem limpam mais a prata.

Marina olhou para as pratas da mesa e achou que reluziam. Parecera-lhe sempre que o serviço da casa corria sem um senão e que os criados eram de uma competência milagrosa. Mas Roberto percebia defeitos ínfimos, coisas de que Marina nunca ouvira falar, sutilezas europeias de cozinha e de serviço. Em outras ocasiões, ele havia apontado falhas, mas nunca com esse ar contrariado.

— Amanhã vou começar a estudar livros de cozinha e a fiscalizar os criados, prometeu Marina. O pior é que eles percebem perfeitamente que eu não sei governar uma casa destas.

Enquanto falava, com sua doçura habitual, veio-lhe o pensamento de que talvez existisse gente a quem Roberto fosse antipático, que talvez, no escritório, algum subalterno fosse capaz de resmungar contra ele. Imaginou mesmo um grupo inteiro de empregados murmurando críticas. Nunca ainda havia encarado o marido sob o aspecto de patrão.

— Tens mesmo muito que aprender, disselhe Roberto, já com outro tom, falando amistosamente. Mas verás que não é difícil.

E, deixando propositadamente o assunto, pôs-se, como fazia todas as noites, a contar à mulher as pequenas novidades do dia. Voltou então, a Marina, a certeza daquela rara simpatia, daquele dom de agradar tão característico de Roberto.

— Hoje vi teu primo Miguel, contou Roberto.

Toda a afeição de Marina por Miguel voltara como antes do noivado. Pensava muito no mal que lhe fizera, deixando-o sem esperanças na vida, a ele que pusera toda a sua felicidade no amor dela.

— Onde o viste? perguntou animada. Falaste com ele?

Já uma vez os dois homens se haviam encontrado na rua, e Miguel disfarçara visivelmente para não falar com Roberto.

— Desta vez não me pôde evitar, disse Roberto. Quase esbarramos na calçada quando eu saía do escritório. Achei-o magro e nervoso, com o tal tique no rosto. Disselhe que estavas com saudades dele. Pedi-lhe que aparecesse.

— Achas que vem?

— Não sei. Não respondeu. Parecia apressado.

Na manhã seguinte Marina procurou dois livros de cozinha que vira na casa, relegados a uma prateleira obscura.

Instalou-se para estudá-los. Achou-os inesperadamente cheios de Alice. Tinham as páginas gastas pelo uso, e a letra de Alice enchera as margens de notas práticas.

Na folha de rosto de um deles escrevera uma série alegre de provérbios franceses sobre a arte de bem comer. Em ambos havia numerosas folhas soltas, em geral de receitas escritas por amigos. Alguns recortes de jornais com

preceitos de higiene alimentar. Um artigo sobre vitaminas e calorias. Solto, também, o Regime de Laurita para emagrecer e uma Dieta para Roberto contra o artrismo, receita pelo Dr. Almeida.

O nome ou a inicial de Roberto figuravam profusamente. Ao lado de muitas receitas, Alice pusera a indicação “R. Gostou” ou “R. não gostou”. Havia listas de “Coisas que R. não deve comer”, e “Coisas de que R. não gosta” e outra, mais meticulosa, de “Coisas de que R. mais gosta”. Entre as primeiras, fígado, miolos, alho. Entre as segundas, ostras, cambucá, curri. Cada itenzinho sublinhado de uma a três vezes.

— Terei que cuidar mais dos menus, pensou Marina. Mas, mesmo para agradar a Roberto, entediava-a a ideia. A lista das preferências de Roberto estendia-se, no fim da página, até coisas que eram estranhas à cozinha. Das marcas de compotas e geléias, passava às de sabonetes e loções, e a outras preferências. Puerilmente citadas, entre as coisas de que R. não gostava, Marina leu: “mudar de criados, ouvir ler em voz alta, resolver dúvidas caseiras”.

— Que pena eu não ter sabido isso antes! pensou Marina. Ao pé da última dessas páginas encontrou uma data — dia, mês e ano. Viu que fora feita dias antes da morte de Alice. De repente, achou pouco provável que Alice tivesse preparado para seu próprio uso esta listazinha, tão trivial, tão incompleta, tão viva, tão íntima. Veio-lhe a ideia de que todas essas coisas, que Alice não precisava notar para ter na memória, só haviam sido enumeradas ali para servirem, em sua falta, ao conforto de Roberto. Teria Alice desejado, então, que outra mulher aproveitasse de sua experiência? Imaginou-a, dias antes da morte, já com a data da operação marcada, preparando essas listazinhas, e pensando: “Sempre evitará a Roberto alguns pequenos desconfortos, até a outra aprender. Coitado! deixa-se aborrecer com pequenas coisas.”

Sentiu como que um sopro do túmulo tocá-la, glacial.

À noite Marina fez a Roberto uma pergunta, que primeiro

lhe tremeu longamente nos lábios. Quase se decidira a não perguntar nada, quando, de repente, ouviu a própria voz: — Roberto, achas que Alice supôs que fosses capaz de casar outra vez?

Antes de falar, Marina pusera-se, de propósito, no canto mais escuro da sala. Via o rosto de Roberto, ao contrário, em plena claridade, e pôde seguir-lhe na expressão o desenterrar de uma lembrança viva. Esforçou-se, ela também, em captar o quadro do passado que o marido contemplava, de olhos fixos, enquanto falava, lentamente. — Ela disse-me, alguns dias antes de morrer, que tinha certeza de que eu me casaria de novo. “Absoluta certeza”, disse... Era estranho ouvi-la falar da morte, porque seu aspecto era o de sempre... A doença foi tão rápida que ela nem teve tempo de emagrecer. Tinha o mesmo ar faceiro, na cama branca de hospital, com lençóis de seda trazidos de casa e uma porção de objetos seus, que fez questão de levar como se fosse para um hotel. Ainda no último dia, ela arranjou duas vezes os cabelos diante do espelho. Creio até que pôs um pouco de rouge.

— Oh! Roberto! Que oração final!

A exclamação de Marina saiu escandalizada. Pensou no que diria Dona Emília, e toda sua educação religiosa se levantou contra a inconsciência da moribunda, às portas do Juízo. Roberto franziu o sobrolho, contrariado.

— Ela não era santa como você. Sempre foi muito faceira. Fiscalizava a miúdo o penteado e a pele. Nunca queria me parecer feia e, naturalmente, preocupou-se com a última lembrança que eu guardaria dela. Quando ela me falou em outro casamento, meu choque foi tão grande que ela logo me pediu desculpas. “Que mal há que te cases? perguntou. És tão moço. Eu só queria que soubesses que eu sei...”

— ...e que ela dava licença, murmurou Marina.

— É... Eu acho que o pensamento dela foi esse mesmo. Roberto terminara e calou-se. Ambos ficaram constrangidos. Depois, com um movimento simultâneo, levantaram-se como para afastar o assunto.

— Vou pôr um disco, disse Marina.

Roberto respondeu:

— Não. Vamos a um cinema.

## CAPÍTULO VI

OS CONVITES choviam. Quando, por acaso, uma noite se apresentava sem projeto de saída e sem hóspedes em casa, vinha quase sempre à última hora um telefonema de alguém do “grupo”. A princípio Marina respondia, com uma vaga esperança de escapar ao divertimento proposto:

— Vou falar com Roberto.

Mas Roberto recebia sempre a proposta com alegria.

“Aceita, sim. Acho ótimo”, dizia. As noites tranquilas em casa não o atraíam. Nunca, ao chegar do trabalho, mostrava a menor sombra de cansaço. Acolhia qualquer passeio imprevisto, qualquer jogo, qualquer espetáculo, com uma vitalidade de adolescente.

Marina já ia aceitando os convites sem perguntar. Dizia: “Espera um momento. Vou consultar meu carnet” E abria a agendazinha trazida de Buenos Aires, onde a data do seu primeiro encontro com Roberto estava marcada a lápis vermelho, e que afinal estava se revelando utilíssima. Se encontrava a hora livre, dizia: “Pois sim, com muito prazer. Ficaremos encantados”, falando como ouvia as outras falarem.

Todas as noites eram os mesmos passeios, os mesmos jantares, na companhia de pessoas que conhecia pouco e que não lhe despertavam interesse. Trazia para casa impressões de que não guardaria lembrança. Via-se na incumbência de tratar como amigos a relações que não escolhera e de frequentar com familiaridade casas desconhecidas onde Alice fora íntima. Na roda de Roberto e de seus amigos Marina ingressava como uma figura nova para ocupar um lugar vazio. Comparecia, nos mesmos quadros e às mesmas horas, aos mesmos compromissos de sociedade que haviam sido os de Alice, com a diferença que Alice, muito ativa, enchia mais ainda os momentos e sabia dar outra vida àquele ambiente criado por ela mesma. Marina espantava-se de achar o grupo todo tão inferior à

companhia dos seus livros. O Munhoz era o único de quem ouvia às vezes coisas finas, que lhe lembravam os ditos de Miguel, servidos, porém, com um preparo mais cético, mais malicioso, mais civilizado. De Roberto nunca ouvia frases de espírito, mas ele às vezes tinha-as graciosas, sobretudo no elogio.

Quando alguém entre eles falava de livros, era sempre de algum acabado de aparecer e com muitas edições. Liam o que toda a gente lia no momento, para poder falar da novidade. Diziam então com entusiasmo: “É formidável” ou mais raramente: “Pois eu não gostei!...” E preferiam não aprofundar os motivos, não ir adiante na discussão.

Marina sentia-se afastada dos assuntos pela sua própria falta de informações. Não podia opinar sobre golfe, sobre bridge, sobre automóveis, sobre escândalos de sociedade, nem unir-se às reminiscências de viagem, que em geral se concentravam em lugares de divertimento onde haviam estado, ou em vilegiaturas da moda, mas sobretudo num Paris que ela, em menina, não vira, — um Paris de teatros, de restaurantes, de dançarinas e de costureiras. As mulheres falavam de vestidos e de outras mulheres.

Eram todos servidores da moda, receosos das heresias sociais e sujeitos a mil e uma correntes de convenções mundanas, que lhes governavam os gestos e as palavras.

Alguns tinham fortuna e outros eram parasitas. O nome de Steen rebrilhava a seus olhos com o prestígio dos milhões. Marina qualificava-lhes o esnobismo de respeito humano, a expressão que conhecia das suas leituras religiosas. Aos poucos foi descobrindo as falhas de cada um. Lentamente, contudo, porque Roberto lhe falava bem dos amigos e ela baseara seu primeiro juízo nas palavras do marido.

Mas aos poucos formou opinião própria sobre todos.

— Laurita tem um cérebro de passarinho — foi a primeira impressão que comunicou a Roberto.

Roberto respondeu:

— É mais esperta do que supões.

Roberto sempre defendia os amigos, ou, quando a defesa

era impossível, desculpava-os.

— A roda está bastante desfalcada, alegou uma vez, decepcionado com a atitude de Marina... É pena Lúcia de Góes estar na Europa... Havia de gostar muito dela. E o Munhoz é encantador. Não podes negar.

Reprovava a mulher por preferir a companhia de velhas, como a prima Filomena, à dos seus amigos mundanos, e por mostrar às vezes que se entediava entre estes do mesmo modo com que ela sempre se entediara com Adélia. Às vezes, sua falta de interesse pelo grupo traía-se por alguma confusão entre os respectivos nomes ou parentescos, ou pelo esquecimento dos apelidos correntes na intimidade.

Era impossível deixar de reconhecer essas falhas que contrariavam a Roberto. Para sentir-se culpada, bastava, por exemplo, a Marina, ouvir o marido fazer o elogio de uma embaixatriz estrangeira que, ao fim de dois meses no Rio, sabia na ponta da língua os nomes e os parentescos de toda a sociedade carioca.

— E olha que para estrangeira é muito mais difícil que para você, acrescentou ele. Merece ser querida como é.

Na sociedade, Roberto observava sempre a mulher. Alegrava-se com qualquer sinal de que Marina se divertia. Quando via que um assunto lhe despertava interesse, ou que um dito lhe provocava o riso, dobrava-se-lhe visivelmente o próprio prazer. Nenhuma palavra de Marina, mesmo caindo na balbúrdia de uma discussão animada, lhe ficava despercebida. Era muitas vezes o olhar satisfeito do marido que revelava a Marina a risada que lhe escapara. Roberto apreciava muito a companhia do grupo. Não só porque participava com entusiasmo de reminiscências e referências que a Marina escapavam, mas porque seu interesse por tudo era mais pronto que o dela. Um dos segredos de sua simpatia estava nessa atenção facilmente despertável e que se estendia, além de seu círculo íntimo, à numerosa gente que se intitulava seus amigos e também

aos estranhos. Qualquer mulher fútil a referir insignificâncias; um velho a falar dos seus negócios; gente cacete a repisar minúcias, conseguiam fazê-lo ouvir sem esforço, não só ouvir, mas indagar, sugerir, comentar. Seu modo afável e expansivo agradava a todos. Era dado a abraços, a exclamações.

Nas reuniões nunca era ele, era sempre Marina quem propunha retirarem-se, apartando-se muitas vezes de alguma companhia agradável. Repetidamente, Marina reparara o prazer que Roberto encontrava, longe dela, nos salões, mas, ao seu menor sinal, ele vinha logo, atencioso. Ficava cheio de remorso se lhe descobria sinais de cansaço. Instintivamente, ela sabia que com Alice fora o contrário. Imaginava-a nas festas, igual às outras moças brilhantes, sempre a pedir ao marido que se demorasse ainda uma dança. “Mais esta, só. Está prometida a Pedro. Só esta.” E Roberto, mesmo que estivesse cansado, era obrigado a ceder porque os anfitriões, os admiradores, todos se punham contra ele. Insistiam também. “Fique, Roberto.” Mas ela, Marina, era diferente, muito diferente.

— Não é minha culpa sentir-me cansada, pensava.

Faltava-lhe também desembaraço. Tinha o receio constante de proceder de modo diverso do que Roberto e os outros esperavam. Sabia ser afável, mas não com a espontaneidade de Roberto. Quando por acaso, ao meio de qualquer reunião, se via num espelho, a imagem que encontrava parecia-lhe fria, indiferente, alheia.

— Devem achar-me muito cacete, disse a Roberto uma vez, no carro, voltando de um baile.

— Só cegos, respondeu o marido.

— Imagina o que essa velha Madame Sanchez teve o topete de me dizer hoje, acrescentou Roberto. E pôs-se a arremedar a voz espevitada de Madame Sanchez, seu gesto com o lorgnon. “Deixa estar, meu amigo, deixa estar, que Marina ainda há de ser uma rainha dos salões. Só precisa de prática.”

— Que respondeste?

— Respondi que já me fazias honra. Virei-lhe as costas, logo que pude. Velha besta!

A parte feminina do grupo esforçava-se em apressar a adaptação de Marina ao novo meio. Supria-lhe, com abundantes informações, a falta de conhecimentos mundanos. Procurando conquistar-lhe a intimidade, cada mulher doutrinava, com ares de conselheira, sobre sua especialidade. Laurita Menezes, quando se estendia sobre a sua, que eram modas e segredos de toucador, apoiava-se às vezes na autoridade de Alice.

— ...o rouge predileto de Alice... Alice não deixava ninguém lhe tocar no cabelo senão Monsieur Georges... Alice gostava das sobrancelhas bem finas e bem separadas. Deixe-me arranjar as suas, Marina. Deixe. Uma vez só. Garanto que gosta.

— Não, por favor! respondia Marina.

Faltava-lhe convicção para o esforço que esperavam dela. Exagerava as dificuldades do caminho. Exagerava as próprias deficiências. A coragem fugia-lhe, quando procurava cingir-se ao diapasão da nova vida.

Surpreendia-se a cada instante com os gestos, os hábitos, e sobretudo com as ideias, não só de estranhos, mas de Roberto. Não compreendia a tolerância do marido em questões em que não se podia acusá-la de preconceitos provincianos, ou falta de conhecimento da sociedade, porque eram casos onde a própria moral, e não somente a moda, estava em causa. Não se prestava a transigir nem com a religião nem com a consciência.

Eliminou de sua lista de visita dois ou três casais em evidência, mas cujo casamento não conseguira a bênção da Igreja. Suprimiu as reuniões na piscina do jardim, famosas no tempo de Alice, porque essa fora no Rio a primeira piscina de natação em casa particular e, por bastante tempo, a única. Marina imaginava Dona Emília assistindo às corridas em torno do lago, ou aos mergulhos do trampolim, entre convidados dos dois sexos em vestes diminutas. Consultou a mãe por carta. O confessor de Dona

Emília, Dom Manfredo, opinara decisivamente que era dever das mulheres cristãs lutarem contra a paganização dos tempos nos seus sintomas manifestos.

O “grupo” escondeu a decepção rindo das ideias atrasadas de Marina. O Munhoz, gracejando com ela, culpou o povo americano da paganização moderna.

— Foram eles que introduziram o banho num mundo que desde muitos séculos não pensava em limpeza corporal nem em sala de banho. As roupas imodestas nasceram dessa limpeza supérflua. A sujeira corporal ocultava-se. Marina provocava no grupo outras decepções, mais sutis. Os novos amigos não se importavam, nem se surpreendiam, de vê-la escandalizar-se sem motivo, como uma aluna de convento. Isto era, de certo modo, previsto. “Ela ainda tem muito que aprender”, diziam com sorrisos experientes... Mas deploravam secretamente a falta de outros sinais de provincianismo. Contavam que Marina se deixasse deslumbrar pelos prazeres novos, pelo luxo desconhecido que a cercava e que deveriam virar a cabeça de uma menina de roça. Os íntimos, que se julgavam autorizados a acompanhar sua iniciação como padrinhos e a gozar de sua surpresa juvenil, sentiam-se vagamente roubados com a displicência de Marina.

Roberto também se decepcionava quando lhe trazia presentes principescos que não produziam sensação e quando percebia o que havia de perfunctório nos agradecimentos com que Marina o recompensava ao recebê-los.

— É uma beleza esta pulseira, uma maravilha! dizia ela. Mas, depois de fechar o escrínio, parecia esquecer a jóia. Adélia, para quem o casamento da prima apresentava-se como um conto de fadas realizado, mostrava mais emoção do que ela diante de cada manifestação do seu novo esplendor. Eram os dedos de Adélia que corriam deliciados sobre as sedas macias. Eram seus olhos que cintilavam diante das pedrarias de Marina.

— Você é de irritar, ralhava Adélia. Não sabe apreciar nada.

Aquela — acrescentou, com um significativo movimento de cabeça em direção ao retrato de Alice — aquela bem sabia apreciar e agradecer.

Na tarde em que abriu o palacete de Paissandu para sua primeira grande recepção, Marina, deixando os convidados um instante, chamou Roberto de lado para perguntar-lhe se não estava se saindo muito mal.

— Eu não sei receber, disse. Não dou para isso. Estendo a mão a esta gente e não acho nada para dizer-lhes.

Imaginava Alice em seu lugar, com gestos harmoniosos de acolhida, com toda sua experiência de filha de diplomata, educada para tais coisas.

— Não te aflijas, respondeu Roberto, estás bem com tua simplicidade.

— Não sei! Sinto que tenho o ar distante. Se eu tivesse a tua amabilidade, que bom seria!

Invejava ao marido o troco fácil no convívio social, o sorriso exuberante que abrangia a todos. Via nas fisionomias o efeito dos agrados de Roberto, lastimando vê-lo cumprir melhor que ela os deveres de salão que competem à mulher. Concluía que não era a esposa de que precisava Roberto.

De repente, com desejo de se tornar mais semelhante a Alice, mais vivaz, escapou da sala para o vestiário e lá carregou os lábios de carmim. Em frente do grande espelho, sozinha, esboçou uns gestos largos, vivos, ensaiou um sorriso novo, diferente.

— Assim, não, murmurou, achando odiosa sua imagem. Voltou apressada para seu posto de dona de casa.

Ao atravessar o grande hall, encontrou Pedro Monte e pediu-lhe um cigarro. Ensaiou o sorriso outra vez. Pedro Monte era um rapazola cortês e janota, que se fazia aceitar no grupo dela por ser dançarino emérito. Serviu-a solícitamente de cigarro e de fogo. Marina agradeceu com um gesto afetado e com um olhar mais demorado do que dava a estranhos. Viu de longe Roberto a observá-la. Os olhos do marido ainda a acompanhavam como os de um

noivo. “Que pensará ele?”, perguntou-se, confusa. Mas não modificou a maneira que adotara. Sentou-se à beira da mesa, fumando sem jeito e sem naturalidade. O hábito era novo para ela. Parecia estar representando. O carmim fizera-lhe o sorriso mais clamoroso e a beleza mais moderna. Ria, falava. Em poucos momentos um círculo formou-se em redor dela. Laurita sussurrou-lhe ao ouvido: — Este batom foi um toque de gênio. Você ficou outra. Marina pôs-se a falar mais depressa, a dizer tudo que lhe passava pela cabeça. Qualquer gracejo lhe servia de pretexto para uma gargalhada sonora. Achava graça nas inanidades de Laurita e respondia-lhe no mesmo tom. Pedro Monte pusera-se a flertar com as duas ao mesmo tempo, encantado com a importância que lhe davam. Quando os primeiros convidados começaram a retirar-se, Marina desceu da mesa para receber as despedidas de uma Madame Oliveira e deu alguns passos acompanhando-a. De repente inclinou-se para a convidada, perguntando: — Que perfume usa? Esperava a resposta com olhar ansioso, como se o assunto fosse da maior importância. A outra, lisonjeada, mas defendendo seus segredos de toucador, respondeu: — Gosta? É um perfume particular, uma mistura minha. Marina percebeu-lhe a mentira. Reconhecera o perfume de Alice, aquele que ainda encontrava nos armários fechados desde muito, e que lhe vinha ao encontro do fundo de caixas ou gavetas que a morta usara. Associara-o unicamente a Alice. Estranhou ver que o aroma sobrevivia, que era usado por outras e que tinha certamente um nome, como qualquer outro produto comercial. Tinha um nome, que hoje lhe escapara, mas que ela ouviria certamente um dia. Alguém haveria de informá-la. Percebeu o Munhoz ao seu lado, que ouvira tudo e sorria, com malícia. Logo que Madame Oliveira se afastou, ele perguntou: — Gosta a esse ponto de perfumes? Pensei que não usasse. Marina ficou sem responder, não querendo mentir. O

Munhoz continuou:

— Mas posso, felizmente, satisfazer sua curiosidade. Essa mulher mentiu. O perfume que ela usa chama-se Lune d'Argent. É bastante conhecido e eu achava-o delicioso, mas agora traz-me sempre uma pontazinha de melancolia porque me lembra uma pessoa amiga que o usava e que já morreu. Evito Madame Oliveira sempre que posso, por esse motivo... Entre outros, rematou maldosamente.

— É curioso como a memória responde aos perfumes, disse Marina. Nunca sinto cheiro de jasmim-do-cabo sem me lembrar da manhã em que fiquei noiva. Roberto também é assim.

Veio-lhe a tentação de mostrar ao Munhoz que compreendera sua referência misteriosa e que sabia quem era a amiga morta. Hesitou um momento, depois cedeu.

— Com certeza Roberto também evita Madame Oliveira pelo mesmo motivo, disse, observando o rosto do Munhoz para ver nascer nele a consciência da “gafe”.

— Peço desculpas, suplicou Munhoz, confuso. Eu sou um desastrado.

À saída do último hóspede, — “Daqui a gente só sai empurrado”, disse a Marina o Pedro Monte, despedindo-se, — mal sobrava tempo a Marina para mudar o vestido antes de ir jantar fora. Estava a dizer a Isabel: “Seremos os últimos” quando Roberto entrou, já pronto, de relógio na mão, olhando contrariado para o mostrador. Marina estava ainda de combinação. De pé, diante do grande espelho de três faces, segurava uma caixa de carmim e espalhava a pasta no rosto com aplicação. Era um espelho de mulher muito faceira, feito para a dona vestir-se com todas as facilidades e permitindo-lhe ver-se inteira, de qualquer lado. Batia-o uma ampola de luz impiedosa, mostrando os mais imperceptíveis defeitos. Uma vez Adélia dissera: — Este espelho é muito útil, mas já não devia ser muito amável para Dona Alice... Depois dos trinta... Mas ela na rua tinha a pele perfeita.

Com Marina, o espelho era indulgente. Roberto ficou

parado um instante, observando-a. Depois exclamou, impaciente:

— Por que pões rouge? Tu não precisas de cor.

Marina parou numa obediência automática. Em uma das faces não tocara ainda. Disse a Isabel:

— Arranja-me qualquer coisa para tirar isto.

E a Roberto explicou mansamente:

— Este rouge pega que não imaginas. Só sai com creme. De costas para o marido, não notara seu evidente mau humor.

Roberto observou no espelho o outro perfil ainda sem preparo, e as ondas do cabelo, que descobriam a fronte serena. Achou em Marina uma doçura paciente de santa. Mas falou ainda com irritação:

— É um crime pintar uma face destas. Deixa isso para as outras que não têm tua frescura.

Nos espelhos opostos comparava os dois perfis de Marina. Pareceu-lhe que o próprio cabelo tomava, junto à face pintada, uma onda mais artificiosa, mais faceira. “Que dose forte de carmim! pensou, irritado. E ela pretendia sair assim! Até na orelha! Quem lhe ensinou?”

Marina colocava agora um longo brinco, que lhe caía até o ombro nu: Roberto procurava adivinhar se ela não escurecera também as pestanas. Seu olhar ia de um perfil ao outro, comparando.

Marina sentiu-lhe de repente o aborrecimento. Inventou um recado para afastar Isabel e virou-se para o marido.

— Que é? perguntou.

Roberto respondeu, com o rosto duro:

— Teus modos parecem mudar muito rapidamente, mas espero que não adotes o gênero que experimentaste hoje de tarde. Vai-te muito mal — podes ficar certa disso — e primeiro quero exporte os meus gostos. Olha... e olha. Deu um passo brusco para diante e bateu com os dedos sucessivamente nos espelhos laterais, primeiro num, depois no outro. Marina seguiu-o com os olhos e compreendeu logo.

— Esta, e não esta, é a mulher com quem casei e a quem amo, disse Roberto.

Bateu com tanta força no espelho, com as juntas da mão, que a boca se lhe torceu de dor.

— Estamos em cima da hora, Roberto. Vou ficar atrasada, disse Marina, afagando-lhe os dedos doloridos. Com o creme que pedira a Isabel, pôs-se a apagar o carmim da face.

— Bom, espero-te embaixo, disse Roberto, e saiu já mais indulgente, satisfeito de se ter mostrado firme e de tê-la encontrado dócil.

Quando Marina desceu ao seu encontro, não trazia sombra de rouge. Os olhos brilhavam-lhe. Seu vestido de cetim branco batia ritmicamente nos degraus de mármore da escada.

— Simple comme la grâce, dissera afetadamente a costureira, na prova, namorando o corte sábio que dava uma singeleza nobre ao vestido. Marina não trazia jóias. Vira no espelho de Alice que estava bela, mas uma dúvida nasceu-lhe quando Roberto ficou a olhá-la sem falar.

— Não gostas do meu penteado? perguntou aflita.

— Se gosto, meu amor! Para tua beleza de hoje não há precedentes.

Ela pisou novamente com segurança, descendo ao encontro de Roberto, os olhos nos dele. Pareceu-lhe que de repente se libertara da presença torturante de Alice, que sacudira todas as ansiedades, que o presente lhe pertencia sem condições, que atingira a uma felicidade culminante.

Sempre sentia inveja de gente normal, de gente como Roberto, sem sensibilidades excessivas, sem nervosismos, capaz de viver no presente, de absorver-se no quotidianismo da vida. Sentia uma atração especial por essas naturezas práticas, possuidoras de um dom tão simples e tão comum, mas que lhe faltava. Com ela, a imaginação estava sempre a se interpor diante da vida real, a afastar dos seus sentidos o momento presente, criando uma sombra, ou um receio, ou um remorso.

A libertação veio repentina, como um pé-de-vento. Marina parou na escada, respirou fundo e, sorrindo para Roberto, pensou:

— Este momento é perfeito. É a felicidade. Quisera poder parar o tempo.

Não exprimiu alto seu desejo porque Roberto não compreenderia. Perguntaria:

— Mas por que este momento e não outro? Então não te consideras feliz?

Marina, por isso, disse outra coisa qualquer. Falou do vestido que usara. Todo comentário era bom para lhe traduzir a alegria. Sua felicidade expandia-se na voz, nos gestos, subitamente leves.

— Este modelo chama-se Madona, disse.

— Se procuraste um efeito angélico...

— Não procurei efeito nenhum. Voltei ao meu papel, a menina da roça chamada ao palácio ao príncipe. Agora hei de cair ou de vencer com as minhas próprias armas.

Levantou as luvas e a bolsa, como se fossem armas, desafiando uma presença invisível. Sentia-se valente, mas sabia que a valentia não ia durar muito. Em poucas horas, esta alegria de viver, este gozo do momento, lhe escapariam outra vez das mãos. Seria novamente a Marina de sempre. Continuará com esforço nas pequenas providências de casa, nas obrigações de sociedade que lhe deixavam vazio o espírito.

A princípio desejara com ardor auxiliar Germana no orfanato. O contato com as crianças atraía-a, mas não tardou em verificar que os deveres de diretora, ao ver da cunhada, não constavam de qualquer interesse individual pelos órfãos. Exigiam sobretudo meticulosas inspeções de asseio, uma fiscalização severa da despensa, da roupa e dos empregados, e um incessante angariar de dinheiro por listas. Na sua primeira visita ao orfanato, Marina escapara para a sala dos pequeninos e passara, brincando com eles, uma meia hora deliciosa. Dias depois, Germana lhe dissera:

— Aquela encarregada da creche é a mulher mais cacete do

mundo. Esteve reclamando comigo por sua causa.

— Por minha causa?

— É. Hoje pegou-me na saída. “Eu vim avisar à senhora...” Quando ela começou pensei que fosse se despedir. “Eu vim avisar à senhora que noutro dia os carinhos e as diversões de Madame Steen deixaram as crianças agitadas, intratáveis.” Felizmente não se despediu.

Resmungou só — que isso lhe aumentava o serviço, e que uma pessoa era pouco para tomar conta de tantas crianças. E ela tem razão. Eu sei muito bem que é pouco, mas precisamos economizar onde podemos.

Germana não manifestou mais a Marina depois desse dia nenhum desejo de sua cooperação.

— Você não tem método, disse uma vez falando de outra coisa. E Marina entendeu perfeitamente: “Você não é competente.” Também sua mãe achava-a incompetente... E preguiçosa... Marina sentia em si mundos de energia, mas eles não se externavam em ação.

Esperava ainda encontrar outra ocupação de caridade tão do seu agrado quanto o cuidar de crianças. Pediu a Germana que lhe encontrasse uma.

— Eu queria me ocupar com alguma coisa de útil. Não posso passar toda a vida em conversas, em passeios.

— Há de aparecer alguma a seu gosto, garantiu-lhe Germana, e por enquanto você não tem falta de ocupações. Olhou para Marina, frisando bem uma qualquer reprovação.

— O que falta é você se interessar pelas obrigações que tem, pela sua casa, pelas suas relações. Você tem uma porção de coisas que fazer e que aprender. É só querer.

— Eu queria uma ocupação fora de casa.

Fora de casa, porque em casa havia a presença de Alice, que perdurava, que enchia o espaço. E havia o retrato. Este exercia sobre Marina uma atração cada vez mais positiva. Ela tentava dominar, neste ponto, sua imaginação, enfrentando a ilusão com argumentos, mas, dia a dia, as mensagens silenciosas da tela se tornavam mais claras. Só

por um esforço da vontade Marina conseguia não lhes pôr palavras precisas.

— Isto seria caso de consultar um especialista de nervos, pensava. Defendia-se contra a percepção definida dos recados misteriosos em que Alice, sempre que ela olhava para o retrato, parecia querer referir-se a “meu marido, minha casa”.

Marina sabia que nuncaalaria dessas fantasias a Roberto, mas a tentação de fazê-lo era constante. Procurava sempre novos modos de exprimi-las sem assustá-lo, sem parecer desequilibrada. Não encontrava.

As leituras não conseguiam mais prendê-la. O cigarro tornou-se um alívio. Fumava incessantemente. A companhia de Adélia, com sua tagarelice descosida, era o melhor refúgio, embora as duas mentalidades permanecessem distantes como os pólos. Marina sabia que se perguntasse à prima: “Não te parece que há alguma presença oculta nesta casa?”, Adélia a julgaria louca. A mentalidade de Adélia era uma superfície lisa e pálida. Só refletia o exterior das coisas, sem a menor fenda para sofrimentos desnecessários. Seu pensamento estava todo nos cinemas do dia, nos vestidos chegados de Paris, na esperança de que Marina acederia em dar uma volta de automóvel até Copacabana, para inspecionar as novidades nas modistas, a ser vista, à hora da enchente, em alguma confeitaria elegante, onde servissem gelados, mirando o movimento. Os olhos de Adélia abriram-se de espanto quando Marina se queixou um dia de não ter amigos, de viver isolada.

— Isolada! repetiu Adélia, estupefata... Isolada!... Nem parece que você veio daquele buraco de Santa Rosa para entrar na roda mais divertida do Rio. Você é tratada como uma princesa. Amigos é que não faltam. Nunca você teve tantos como tem agora.

— Estás muito enganada. Não tenho um só. Ninguém aqui fala minha língua.

Estavam as duas a conversar no quarto de Marina. Adélia, ocupada, como sempre, no toucador, fazia as unhas.

— Marina, você diz cada uma! E eu então não falo a sua língua?

— Não. Você está aprendendo a deles. Você se entende com Germana, por exemplo, muito melhor do que eu.

Adélia negaceou, desvanecida.

— Ela gosta de mim, porque eu lhe presto pequenos serviços quando posso.

— Não é só isso. Ela gosta mesmo de você.

A camaradagem que surgira, com surpresa de Marina, entre sua prima e sua cunhada, não se baseava apenas na prestimosidade de Adélia, no seu prazer em aparecer com Germana, em acompanhá-la às compras, em seguir-lhe os conselhos. Uma base de compreensão recíproca aproximava-as e alimentava as boas-relações. Germana lisonjeava-se com a atitude de discípula atenta que Adélia assumira com evidente sinceridade.

Dia a dia, Adélia ia transformando seu modo de vestir, de falar, modificando o gosto e as ideias, pautando sua gíria de colegial pela gíria cosmopolita do grupo, guardando na memória as opiniões que ouvia, como se fosse lição bem decorada.

— Eu devo muito a Germana, confessou a Marina, enquanto lustrava as unhas... Quando eu penso que eu ia à missa com vestido de cetim, sem mangas, nem acredito! e que eu achava aquele cafajeste do Paulino um assombro! Achava mesmo! Ainda bem que eu não casei com ele... Eu não sabia coisa nenhuma... Mas você é engraçada, Marina. Então quem é que fala sua língua?

— Acho que Miguel fala, mas Miguel me abandonou.

Adélia fez-se séria, como sempre que ouvia Marina pronunciar o nome de Miguel. Parecia negar à prima o direito de falar no irmão.

Marina insistiu:

— Será que ele nunca mais virá me visitar? Eu não posso dispensar a amizade de Miguel.

Adélia respondeu com um toque de mau humor.

— Deixe Miguel quieto, coitado. Ele nunca fala de você.

— Nunca falou? Nem uma vez?

Adélia parou de polir as unhas, refletindo:

— Uma vez falou.

— Que foi que ele disse?

— Disse: “O que não posso perdoar a Marina é o modo com que ela me disse, diante da fogueira, ainda na última tarde:

— Fez bem em contar com a minha lealdade, Miguel!...

Parecia um anjo. E eu acreditei!” Já que você quer saber, foi isso que ele disse, a única vez que me falou em você.

Miguel desaparecera da vida de Marina por completo.

Ninguém falava nele. Adélia só a custo dava notícias. Uma vez, dissera que Miguel estava pensando em deixar o jornalismo.

— Mas ele não pode, protestou Marina, logo aflita. É a carreira para que foi talhado.

— Ele disse ontem que prefere quebrar pedras na estrada. Com certeza teve algum aborrecimento lá dentro e quer sair.

— Diga a ele que não faça nada sem se aconselhar comigo. Eu sempre fui a confidente dele... E diga também que mando muitas lembranças e que ele não seja ingrato.

— Isso é cinismo seu, replicou Adélia. Não digo coisa nenhuma.

Em outra ocasião Marina queixou-se:

— Miguel esqueceu-se do dia de meus anos.

— Aposto que não esqueceu, disse Adélia.

Marina mandou convites mais precisos, que Adélia, perante insistência, se prestou a transmitir. Convidou-o para assistir, no Municipal, à opera que ela sabia ser sua predileta.

Convidou-o para conhecer um novo escritor francês de sua maior admiração, que estava de passagem pelo Rio, apresentado a Roberto. Convidou-o enfim para vir jantar com Adélia no dia que ele marcasse. Miguel desculpava-se ou não respondia. Afinal Marina desistiu.

— Diga a Miguel que não o convidarei mais, para nada, declarou a Adélia, e que estou muito sentida. Muito,

mesmo.

Então uma tarde, sem prevenir, Miguel apareceu.

## CAPÍTULO VII

MIGUEL PAROU à porta da sala, hesitante, visivelmente intimidado ao ver que a prima não estava só. Marina, de costas para a porta, servia chá a uma senhora elegante e desconhecida. Virou-se para recebê-lo, com um sorriso todo pronto, sorriso de obrigação, de dona casa recebendo convidados. Esperava qualquer visitante menos este. Ao dar com Miguel, seu rosto fez-se grave, de prazer. Miguel apertou-lhe a mão, que antes ele era o único a beijar e que hoje todos beijavam. Ela apresentou-o logo, dizendo:

— Germana, você não conhece meu primo, Miguel Figueira?

Depois perguntou a Miguel se não queria chá. Ele recusou por acanhamento, mas, quando ela lhe apresentou um prato de doces, serviu-se distraído de uma fatia de bolo que ficou a segurar na mão, sem saber o que fazer dela. Afinal pôs-se a comê-la, aos pedacinhos.

Seu olhar vagava pela sala sem encontrar pouso. Miguel não era homem para notar mobiliário nem apreçar tapeçarias.

Sentara-se incomodamente numa ponta da cadeira. Tinha manchas de tinta em uma das mãos e grandes joelheiras nas calças. Sua gravata e suas meias lançavam uma nota agressiva e dissonante. Marina percebeu, ressentida, o desdém com que Germana o olhava de cima para baixo, ao dispensar-lhe uma polidez de boa educação que Miguel recebia como autêntica. Perguntou-lhe notícias de Adélia. Disse: “sua irmã é uma simpatia”. Segundo seu costume, Germana falava sem cessar. Miguel ouvia, adotando-lhe as opiniões com alívio e cumprimentando em sinal de assentimento sempre que ela lhe dirigia a palavra.

Germana passava de um assunto a outro, sem perceber que sua presença e seus discursos já não eram desejados — que os primos queriam conversar a sós, matar saudades.

Introduzia assuntos a esmo, distraíndo-se com o próprio pensamento, dispendo dos ouvintes, como uma criança de bonecos. Miguel e Marina, propositadamente, deixavam-na monologar, cuidadosos em não animar a conversa, para que Germana se fosse embora mais depressa.

Quando os dois ficaram sós, Miguel disse:

— Tenho tido muitos aborrecimentos.

No rosto de Marina, a pena e a simpatia se refletiram logo, tão afetuosas que trouxeram aos olhos de Miguel um calor de lágrimas invisíveis.

— Tem? Coitado! Meu pobre Miguel!... Por isso é que você me procurou, não foi? Veio desabafar, como fazia antigamente. Fez muito bem, Miguel. Ninguém lhe deseja mais bem do que eu, nem Adélia.

— Muito obrigado, Marina. Seu olhar já é um consolo.

— Vamos para a minha salinha, disse Marina, lá conversaremos melhor. Tomara que não chegue visita! Levou-o pela mão através do hall, observando-o risonhamente. Na salinha instalou-o na melhor cadeira e ordenou:

— Conte-me os seus aborrecimentos, Miguel.

— Meu aborrecimento principal se chama Mendonça.

— Mendonça? Que Mendonça?

Miguel pareceu surpreendido com a pergunta, como se já não se lembrasse do afastamento de meses, como se Marina devesse ainda estar a par de todas as suas preocupações.

— O Mendonça é um sobrinho do dono do jornal, rapaz mais moço que eu, educado na Inglaterra e nos Estados Unidos. Chegou há poucos meses para trabalhar e pensa que o jornal é brinquedo dele.

— Agora já estou lembrada. Você falou nele quando ele chegou.

— Falei, não é? Pois eu nunca fui com ele desde o princípio, mas exteriormente tivemos sempre boas relações, até agora. Agora estou vendo que não aguento muito mais. Marina atalhou animada:

— Não faltava mais nada que você saísse do jornal por causa dele, Miguel! Um pretensioso, mais novo que você no jornal, e, com certeza, um invejoso.

— Isso, não. Não tem inveja de mim. Nem tampouco quer que eu saia. Não se trata disso. Aliás, ele não é meu chefe de modo nenhum. Nós ali trabalhamos taco a taco.

— Então qual é a dificuldade, Miguel? Eu não estou entendendo mais nada.

— Vou explicar. O Mendonça é um homem prático e capaz. Ele se interessa de fato pelo jornal.

— Você também se interessa.

— Eu também, é claro, mas de outro modo. Ele vive a lembrar alvitres à direção, e alguns dos seus conselhos têm dado excelentes resultados. Ele está criando fama de competente e ganhando prestígio, enquanto eu estou perdendo, mas isso não é p pior. O que me envenena a vida, e me dá vontade de abandonar o jornalismo, é que por causa dele eu estou perdendo a confiança em mim mesmo... Desde que chegou, foi intrometendo os olhos de raposa em todos os meus artigos, em todas as minhas ordens. A princípio só fazia pequenas ressalvas, dava bons conselhos. Eu até gostei e fui tomando o hábito de ir consultá-lo, mas agora já percebi que é meu próprio método que ele reprova, minha loquacidade, coisas que não estão em meu poder mudar, que não se podem adaptar a conselhos, coisas que são a base do meu talento, como o exagero ou o ataque violento. O Mendonça implica com todo o meu feitio de polemista.

— Deixa implicar, Miguel. Que nos importa?

— Importa pelo seguinte. O que está em jogo é toda minha concepção de luta pela vida, todos os meus métodos, todo o meu ideal. O Mendonça pode-se dizer que representa o ideal contrário. No dia em que eu me convencer que ele tem razão, é todo o meu futuro que vem abaixo. Nós estamos no princípio da vida, ele e eu, e a vitória ficará com aquele a quem o mundo der razão. Você conhece o estilo dos meus artigos. Pois ele sustenta que o ataque pode ser

bom de vez em quando, mas perde o valor quando é diário para aumentar as vendas do jornal.

Miguel levantou o olhar inquieto para Marina

— Que acha você, Marina?

— Não sei, Miguel. Não entendo dessas coisas.

— O Mendonça diz mais. Diz que elevar a cultura do povo é um dever de patriotismo para o jornalista. Isso é um absurdo! Com esse princípio leva-se o jornal à falência. Se ele se mete a levantar a cultura do povo, o povo dá um pontapé no jornal dele. Compra outra folha. É lógico! Eu sirvo a meu público o que ele pede. O público é quem paga, afinal.

Começara a se exaltar. Na animação da palavra desbordante, pusera-se de pé. Marina agora via, em vez do Miguel desconhecido, que lhe entrara pouco antes pela sala, taciturno e vago, o Miguel de outrora, disposto à verbosidade, com os olhos a flamejar, incapaz de falar sentado, desarticulando os braços magros nos gestos habituais.

— Duvido que o brasileiro se transforme em homem de ação como o americano! Afinal somos uma raça emotiva, uma raça de paixões. E a idade mestra do herói industrial é a frieza, a precisão. A precisão é uma qualidade para máquinas, uma qualidade anti-humana, uma qualidade antibrasileira.

— Quem sabe, Miguel? Mas, em todo caso, você ainda tem o seu talento, o talento que Deus lhe deu. Isto ninguém lhe pode tirar. Ainda que você saísse do jornal, por causa deste Mendonça, você poderia entrar para outro. Você não desistiria da profissão.

— Desistiria, sim. Basta me convencer que eu sou um equilibrista verbal, um plumitivo sem valor, um orador cheio de gás. Basta perder o resto de fé que tenho em mim mesmo. Eu sei que eu ainda sou um empregado desejado, mas que é isso para um homem de minha ambição? Que é isso, perto do que todos esperavam de mim? Você se lembra da minha ambição nos tempos da Academia?

— Lembro-me! e dos seus êxitos! Era eu quem mais orgulho tinha deles.

— Você era uma criança e eu ainda não pensava em você senão como num sonho distante, mas meu talento já era um fato. Nunca acreditei tanto nele como na Academia. Os colegas me ouviam, como você em pequena, com os olhos mais abertos. Lembra-se como os amigos falavam de mim? O Mário que eu levei a Santa Rosa? o Álvaro Mendes? todos?

— Lembro-me de tudo, disse Marina.

— Lembra-se como você ficou contente quando me elegeram orador da turma? Todas as vezes que eu tinha que falar em alguma solenidade, você, lá na fazenda, ficava fazendo um terço para eu me sair bem. Eu guardava para você os recortes dos jornais.

— Tenho-os ainda.

Estavam numa caixinha, coberta de cretone, um dos muitos objetos que Marina pensava deixar em Santa Rosa, mas que afinal trouxera e que entulhavam seu novo quarto quando Germana ali apareceu na primeira manhã no Rio.

— Eu falava com fogo e os velhos diziam: “Este irá longe.” A carreira política que eu julgava mais desejável, à de um grande orador, era a que todos me renunciavam como uma fatalidade. Eu ouvia proclamar meu valor com exagero — o exagero que nós usávamos na nossa língua de estudantes. Nos meus melhores dias os colegas falavam em gênio. Era sempre eu que eles destacavam para saudar os figurões do dia, quando visitavam a Academia e estes confirmavam todas as previsões. O único que não confirmou foi aquele de quem me lembro melhor. Foi o Teles, o grande financista. Aquilo foi uma espécie de prenúncio do Mendonça. Lembra-se? Com certeza eu lhe contei.

— Não. Não sei o que você vai dizer.

— Eu tinha o maior respeito pela capacidade do Teles. No discurso de saudação esforcei-me o mais possível. A minha peroração, sobre as ideias da mocidade, foi realmente

brilhante. O Teles ficou brincando com um lápis enquanto eu falava, ouvindo com atenção, mas impassível. Falei com um entusiasmo de tremerem as vidraças. Quando eu acabei, alguém como de costume disse com ufania ao grande homem, esperando que ele confirmasse: “Este rapaz nasceu para a política.” O Teles fez uma reserva, muito mansa, sem perfídia. Disse: “Hoje o melhor trabalho da política faz-se nas comissões.” Eu, que tinha consciência de ter dado o possível, vi que o meu melhor esforço fora vão. Mas isso foi um incidente sem consequência. É hoje que meu futuro está em jogo! Estou combatendo por ele, e se o Mendonça tem razão, não me restará interesse algum na vida. Viro fazendeiro e vou vegetar na roça.

— É pena, suspirou Marina.

Para ela, também, era uma ilusão que vinha abaixo — a ilusão, profundamente enraizada, desde sua infância, de que Miguel seria um grande homem. Miguel continuava: — Já está longe o tempo em que os colegas me animavam a inebriar-me de eloquência. Tudo aquilo era o que o Mendonça chama energia improdutiva. Improdutiva é uma das palavras dele. Essa e todas as palavras práticas, que eu quase não ouvia em criança — competência, eficiência, sistema. Eu ouvia, eram as nossas, que hoje estão desaparecendo — melancolia, eloquência, vibração, lirismo. As mãos de Miguel caíram para os lados num gesto de desânimo.

— Eu sei muito bem o que o Mendonça pensa de mim. Ontem, à tarde, ele contou, diante de várias pessoas, aquela frase de um sujeito do Eça, com pretensões a orador, que fez uma viagem à Inglaterra e voltou para Portugal dizendo que os oradores ingleses não sabiam fazer discursos... “Ideias e fatos, mais nada...” Todos acharam graça, menos eu. Eu tomei a carapuça para mim. Tenho vontade de não falar mais com ele, mas também não quero mostrar que percebi, sem ter certeza.

— Com certeza, ele não estava pensando em você, afirmou Marina, sem convicção.

Viu que Miguel, contando-lhe este último episódio, havia esvaziado o saco de misérias. Sua voz perdeu todo timbre de luta, de protesto. Deixou-se invadir pelo desânimo.

— Em todo caso, não lhe aceitarei mais os conselhos.

Quando eu vejo aquele sujeito chegar-se para mim, com as provas de algum artigo meu que ninguém lhe pediu para rever, eu fico enervado, mas não luto mais. Deixo o Mendonça cortar parágrafos inteiros nos meus artigos, e olhe que o que ele censura, em nome da prudência ou da lógica, é quase sempre a violência mais brilhante. O Mendonça verifica a exatidão de todas as minhas afirmações. Pesa meus adjetivos como um anglo-saxônico. Não tenho mais a impressão de ser um jornalista brasileiro, livre e entusiasta. E o que sai é uma sensaboria que não tem, nem minha veemência, nem sua precisão. Depois o Mendonça alisa o bigode e diz, com voz pausada, que o artigo ficou mais forte, livrando-se dos excessos. Para me consolar, diz que me inveja o estilo. Elogia-me muito e realmente acredito que ele aprecie meus condimentos literários, minha imaginação. Gosta do fogo de artifício, mas queria que os foguetes tivessem um alvo como tiro de espingarda. Nada mais!

Marina ouvia absorta, com a piedade à flor do rosto, os nervos a vibrar, lembrada de Dona Emília, do terreiro, da mangueira velha. Como Miguel falava bem! Essa comparação do fogo de artifício lembrou-lhe os fogos da noite de São João, ao lado de Roberto. Ela não se lembrava que Miguel falava assim, dizendo coisas tão diversas da gente que agora a cercava. Não lhe achava mais nada de feio, nem de esquisito. Perdoava-lhe mesmo o bocejar desgracioso, a ênfase grotesca do dedo indicador, o trepidar das pernas, o tique nervoso da boca. Reconhecia-lhe os pequenos meneios e expressões — as palavras jorrando-lhe tão rápidas que por vezes lhe criavam um burburinho na voz, obrigando-o a interromper-se a tempo de respirar fundo e de restabelecer a ordem; depois num relance ia já longe. Outras vezes, quando se distraía a olhá-

la, Miguel fazia-se muito levemente gago.

— Eu fui vítima de uma revisão de valores. O Mendonça é o homem do dia. Vai fazendo escola e tirando-me os discípulos. Tem uma série de axiomas que parecem feitos para me arrasar. “A violência é a falsa energia...” “O mal do Brasil é haver tanto talento e tão pouco bom senso...” E eu sei que há cada vez mais gente que pensa como ele. Estão matando o sentimento, a alma contemplativa da nossa raça. Eu represento a velha alma portuguesa, vencida na América, e o Mendonça é a força nova que a está exterminando... Mas para mim, pessoalmente, a luta é de morte! Desde que ela começou, parece-me estar vivendo na atmosfera do inferno de Dante, respirando enxofre e trevas.

— É isso mesmo, murmurou Marina. Na sua imaginação, completamente empolgada, via Miguel e o Mendonça se debaterem, como os gigantes torturados das ilustrações de Gustavo Doré, no grande volume de Dante que ela folheara com Miguel na infância.

De repente, Miguel mudou de tom. Esqueceu-se do Mendonça. Disse:

— Você está com seus olhos de criança... E há pouco você falou como antigamente. “Que nos importa?” Você disse “nós”.

A gratidão, o enternecimento punham, no rosto de Miguel, um excesso de ardor, como no tempo do noivado. Marina sentiu-se logo afastada dele, por isso mesmo, ainda como no curto tempo do noivado.

E então pareceu-lhe ver o Mendonça reduzido a tamanho natural, um rapaz sem importância, dizendo a ela, Marina:

— Dê o desconto no que ele diz. Sabe como ele é exagerado.

— Como é ele, Miguel? perguntou Marina. Que cara tem esse Mendonça?

— Cara? Cara de fuinha. Por que é que você quer saber?

— Para nada, porque você está falando tanto dele.

— Um sujeito médio, gestos sóbrios, roupas bem feitas. Sei lá. Só você vendo.

A sala fazia-se escura. Marina levantou-se para acender as lâmpadas.

— Por que você não se senta, Miguel? perguntou. Você está de pé desde que chegou. Não sei como não se cansa.

Miguel não parecia ouvir, imerso no próprio pensamento. Depois falou:

— Eu pensava estar preparado para a vida com armas que garantissem a vitória e vejo que estão a quebrar de enferrujadas.

Esquecera-se dela, outra vez, e, só por esquecer, recobrou, numa passada, o terreno perdido. Calara um momento.

Olhava para fora pela janela. O poente de verão refletia-se na piscina do jardim e roseava as folhagens.

— Sou um anacronismo vivo, disse Miguel, e não pode haver nada mais cruel. É a tragédia dos velhos, mas a mim colheu-me na mocidade. Eu sou o velho Brasil, o Brasil agonizante.

— Eu também, Miguel! Eu também sou o velho Brasil. Você sabe como eu fui criada... Santa Rosa... Este meio em que vivo não é o meu. Eu ainda não o compreendo.

A piedade de Marina derramava-se agora sobre eles ambos. Miguel não deu sinal de lhe ter ouvido as palavras.

Continuou a falar, enquanto ela esperava ansiosa que ele se calasse para poder desabafar também as suas mágoas.

— Parece ter havido na minha vida uma crueldade deliberada, um grande trabalho de cenários e de promessas só para uma destruição aparatosa de tudo. É a segunda vez que se me tira o terreno debaixo dos pés. Perdi, primeiro, você, que era o que me coubera de melhor na vida, e que eu tinha como a felicidade mais certa. Minha desgraça começou com a sua traição... Perdoe-me a palavra, Marina. Aplicada por mim a você, qualquer palavra quase vira elogio. E agora o Mendonça me derruba as ambições, sem esforço, sem dar pela coisa. Todos os meus sonhos desabam sobre mim. O amor foi primeiro e agora a ambição. Tudo ruiu por terra. Se não fosse a primeira tragédia, eu ainda talvez pudesse reagir contra a outra. Se eu não tivesse

perdido você, se você estivesse a meu lado, é possível que, com seu estímulo, eu estivesse agora acumulando munição nova, adaptando-me às normas de Mendonça para encontrá-lo no próprio terreno, mas assim sou um homem atirado contra a maré.

Miguel calou-se apenas para suspirar.

— Nem sei se tudo isto, que estou dizendo, sobre mudança de tempos, não são desculpas ilusórias. Provavelmente eu teria falhado de qualquer modo. Provavelmente sou daqueles que as mulheres abandonam... Mas não sei por quê, sempre tive o pressentimento disso, sempre me julguei nascido para a tragédia. Sentia-a pairando sobre mim desde a infância, em todo meu ser... no meu físico, na minha sensibilidade.

— Ah! isso de sensibilidade, eu conheço.

— Você pode ser sensível! Quem há de magoar tanta beleza? Mas um homem não deve ter sensibilidade, sobretudo um homem como eu, feio, débil... Agora a tragédia, que eu sempre pressenti, define-se... Eu apenas andei esquecido dela. Não sei se você se recorda de um trecho de Proust onde ele diz que já percebe, de novo, prestando atenção, o som dos seus soluços de criança, e então descobre que nunca cessaram. Mas foi preciso a vida calar em torno dele para poder ouvi-los outra vez. Ele os compara àqueles campanários de convento que ficam encobertos de dia, pelos barulhos da cidade, e parecem ter cessado, mas que no silêncio da noite se ouvem novamente. Lembra-se desse trecho?

Marina não se lembrava, mas qualquer citação adquiria, pela voz de Miguel, um fantástico acréscimo de beleza e de sentimento.

Para não romper o silêncio vibrátil que caíra sobre eles, ela significou-lhe sua admiração pelo trecho, por um simples olhar. Miguel parecia ouvir os próprios soluços. De repente, os de Marina rebentaram alto, como ela nunca chorara desde criança. Saíram incrivelmente estrondosos, violentos. Parecia que toda a casa os ia ouvir. Miguel veio sentar-se

ao seu lado no sofá.

— Sh... sh... querida, pedia, aflito. Pôs-lhe o braço em redor dos ombros, afagou-lhe as mãos. Ela agarrou-se às mãos de Miguel com uma imensa vontade de ser consolada por ele.

— Agora é como se nós estivéssemos outra vez em Santa Rosa, repetia. Você me abandonou tanto tempo, Miguel! Felizmente voltou. Quando ela começou a dominar os soluços, Miguel disse:

— Só vi você chorar assim uma vez. Você tinha dez anos e, ao invés de enxugar os olhos com este lençinho, esfregava-lhes os punhos... Você, neste momento, é a mesma menina desolada que eu consolei em Santa Rosa, quando morreu seu canário. Lembra-se?

— Titico, chamava-se. Se lembro!

— Um bichinho alegre.

— E você se lembra, Miguel, como foi que ele morreu? Foi por descuido meu.

Esquecime dele dois dias e depois achei-o esticadinho na gaiola, sem um grão de alpiste, nem uma gota d'água.

Minhas lágrimas eram, em grande parte, contrição.

— Mas agora, estas lágrimas por que são? São por mim? Então eu deixo de ser um pobre-diabo, Marina! Viro um sujeito venturoso.

Ela sorriu entre as lágrimas.

— Não tem cara! Eu estou chorando por nós dois, Miguel. Eu também tenho muitas tristezas.

Com o choro a ensurdecer-lhe a voz, pôs-se a contar uma longa série de incidentes, em torno de Roberto, de Germana e da direção da casa. Desfiou uma infinidade de pequeninas decepções, que se foram amontoando numa mágoa imensa. Miguel ouvia com atenção, perplexo às vezes perante um nome novo, ou uma circunstância desconhecida, mas comovido profundamente. Teve de enxugar o pince-nez embaraçado. Marina avaliou de novo seu poder sobre ele, e sentiu-se consolada com o desabafo. Miguel compreendia-a duplamente, porque era mais infeliz do que ela e porque a amava.

— Você me compreende tão bem, Miguel, disse, e Miguel respondeu:

— Tudo que toca a você me vai ao fundo da alma. É isso que as mulheres chamam ser compreendidas.

— Eu não podia falar disso a ninguém. Não quero que Roberto suspeite que não me sinto feliz. Até hoje tenho recalçado tudo. É bom poder falar. Você não calcula, Miguel, o conforto que me trouxe sua presença. Agora você não me abandona mais, prometa!

— Prometo. Mas você a princípio foi feliz. Você ainda não me contou tudo. Omitiu alguma coisa.

— Omiti, confessou Marina, procurando o retrato com os olhos, como se Miguel se tivesse referido a ele expressamente. Tenho outra coisa que me aflige, mas disso não posso falar... Tenho medo. É só uma impressão nervosa, mas tão forte que um dia me há de afugentar desta casa. Deixe-me falar das mágoas que posso contar, Miguel. São verdadeiras! Roberto já foi casado e foi feliz. Mais do que foi, não poderá ser comigo, nem talvez tanto. Eu estou sempre a me comparar com Alice e acho-me inferior em tudo.

— Você é mais bela, protestou Miguel, com voz sucumbida e compenetrada.

— Você a viu alguma vez? perguntou Marina.

— Não.

Sorriram ambos, da resposta. Marina quis mostrar a Miguel o quadro; desta vez o faria com naturalidade, mas o interesse pelo que ela estava contando era mais forte e não permitiu nenhuma interrupção. Continuou:

— O que me faz sobretudo sofrer, são as minhas próprias falhas quando me comparo. Ela era a mulher de que Roberto precisava, uma mulher brilhante, com os mesmos gostos que ele. E era também uma mulher de interior, uma boa dona de casa. Germana vive a enaltecê-la. Os criados estão sempre falando nela. O vazio que Alice deixou perdura ainda, mas se eu desaparecesse ninguém sentiria minha falta.

— Não diga isso. Seu marido sentiria.

— Não sei. Creio que sou eu quem precisa dele. Veja como ele substituiu Alice depressa, e era um apego muito mais antigo. Eu sei que eu tenho um lugar em seu carinho, e até em seu pensamento, entre as horas bem cheias de trabalho, de exercícios, de distrações. Não tenho nenhum motivo de queixa. Sou eu quem às vezes não satisfaço a Roberto completamente, não o compreendo. Não sei dirigir sua casa, nem partilhar dos seus prazeres. Muitas vezes ele é obrigado a me fazer algum pequeno reparo. Germana, esta, faz reparos uns sobre os outros, mas as críticas de Germana não me atingem como as dele, só me irritam ligeiramente, como uma mosca importuna. De Roberto qualquer crítica é uma cruz. A verdade é que eu não consegui adaptar-me nem ao seu meio nem a seus interesses. Não participo realmente deles. É por isso que me sinto inútil. Se fôssemos da mesma idade, eu poderia talvez aconselhá-lo. Alice certamente lhe dava bons conselhos. Ou se sua saúde não fosse, graças a Deus, tão robusta, ele precisaria talvez de pequenos serviços meus. Ou se precisasse, conseguir posições... mas não precisa! Eu não posso servir de incentivo à sua ambição e aos seus esforços como se me tivesse casado com um homem sem posição e sem fortuna.

— Como eu, disse Miguel.

— Como você, concordou.

— Um marido que compreendesse as delicadezas de sua alma.

— É... Talvez... Em todo caso nossa amizade está restituída ao que sempre foi, não está?

— Está, respondeu Miguel. A mesma... Melhor!

E subitamente, inesperadamente, beijou-a. Ao mesmo tempo, a tendência às lágrimas, que ainda não fizera senão embaçar-lhe o pince-nez, manifestou-se por um grunhido feio e curto de animal. Pela segunda vez ocorreu a Marina que ela não medira bem a afeição que Miguel lhe tinha. Retribuiu-lhe o beijo, agarrada a ele, com as lágrimas a

redobram. Lembrou-se que sua mãe o amava como a um filho.

— Nosso primeiro beijo, disse Miguel.

Nunca a beijara em Santa Rosa. Logo que ficaram noivos, Dona Emília prevenira a Marina, com tom severo, que filha sua não se deixaria beijar por um mero noivo. No código de Dona Emília, que não sofrera a influência do cinema, um beijo era coisa grave nas famílias. Marina teria rido da advertência se tivesse sido feita a respeito de Roberto, mas com Miguel respeitou-a.

A impressão de consolo perdurou nela, até perceber uma mudança em Miguel. Seu abraço tomara um ardor que o consolo não autorizava. Miguel não compreendera direito a espécie de ternura que a impelia. Murmurou “Marina!” com voz trêmula, mas de fogo. Marina estranhou-lhe os olhos. Para restabelecer as coisas às normas, justas, disse, retirando seu braço do ombro de Miguel.

— Basta, Miguel, amigo, irmão.

Antes de obedecer, Miguel beijou-a na boca. No mesmo instante, Marina olhou para o retrato de Alice, como para uma testemunha esquecida de toda a cena. Nunca a imagem lhe parecera tão viva. Observava-os com olhar penetrante, com uma vigilância sem piedade, muito maliciosa. Marina enfrentou-a encolhida, como uma culpada surpreendida em flagrante.

Miguel, percebendo-lhe o olhar fixo de terror, virou-se na mesma direção. Certo de ver ali Roberto, Miguel empalidecera, petrificou-se. O susto passou logo, ao verificar que ninguém os observava e que nem porta havia na parede.

Marina pusera-se de pé, já senhora de si, com lágrimas enxutas. Estava apenas trêmula. Despediu-o brandamente:

— Vai, Miguel. Eu fui egoísta.

— Não posso ficar um pouco mais?

— Não. Já é tarde. Temos que jantar fora. Não sei como Roberto ainda não chegou.

— Então vou, disse Miguel. Entrei triste mas saio

venturoso. O Mendonça verá de que sou capaz com a esperança que trago.

— Que esperança, Miguel?... Tolo!. Visionário!

Ele insistiu, ousadamente: “A esperança de teu amor”, e, antes de retirar-se, inclinou-se para beijá-la de novo. Seu movimento foi tão rápido que Marina não o pôde evitar. Miguel saiu a passos largos. Marina, seguindo-o pelo hall teve de levantar a voz para ser ouvida.

— Você esqueceu seu chapéu, Miguel. Tome.

Ele estacou, tomou o chapéu, e os olhos de Marina encontraram de novo, um instante, os de Miguel, que exultavam.

## CAPÍTULO VIII

À SAÍDA DE Miguel, Marina olhou para o relógio e viu que eram horas de se preparar para sair. No entanto, em vez de subir, dirigiu-se de novo, com relutância, à sua saleta. Lembrava-se que, quando ela era menina e tinha medo de sombras, à noite, nos cantos ou nos corredores escuros, o pai pegava-a pela mão, dizendo: “Vamos até lá... Olhe de perto... Não há nada aí.” Por isso, agora, sempre que a ilusão do retrato se manifestava com maior violência, Marina timbrava em não se deixar afugentar por ela, mas em dominá-la no local.

Voltou, para opor, à presença estranha, um novo esforço de equilíbrio, procurando governar os próprios nervos. Na saleta estavam acesas apenas as lâmpadas das mesas. Ela inundou o retrato com a claridade do lustre e do refletor. Ficou parada diante dele, procurando despi-lo do mistério e da incerteza, como quando o pai a levava pela mão para os cantos mais escuros onde viviam monstros.

Conseguiu vencer lentamente o pior da impressão. Não toda. Escapou então às pressas para o quarto, com passadas largas, juvenis. Mas ainda na escada, subindo dois a dois os degraus rasos, outro pânico súbito a assediou... O beijo!... Seu espírito, habituado desde a infância ao exercício salutar do exame de consciência, guiado nele por sua mãe, volveu-se para o episódio principal da visita de Miguel. O beijo fora incontestavelmente um pecado... Dona Emília acharia. “Mamãe ficaria horrorizada...” Enquanto se vestia, enquanto falava de outras coisas; no carro com Roberto, e depois à mesa, cheia de gente, Marina sentia a reprovação materna e concordava com ela. No seu pensamento, mesmo no mais animado da conversa, entre sorrisos e gracejos perfunctórios, a acusação própria prosseguia impiedosa. Sofrera desde pequena de escrúpulos. Pelos quatorze anos, perseguida pelo espectro do pecado, chegara a tal ponto de

magreza e de insônia que os pais a trouxeram para o Rio. A conselho médico, obrigaram a filha a frequentar cinemas e clubes de tênis, com Adélia e a governante. Seu diretor espiritual proibiu-lhe o exame de consciência, e mesmo a confissão.

Dona Emília compreendia-a mal, e por tudo responsabilizava os nervos da filha, nunca a educação que ela mesma lhe dera. As palavras “inferno” e “pecado”, sobre as quais a mãe estabelecera, cedo na vida, suas próprias normas de conduta e que ela fizera flamejar ameaçadoramente perante a infância da filha, como fazia nas instruções religiosas que dava aos matutos, reagiram diversamente sobre Marina. Despertaram nela um terror introspectivo, ao invés de conduzi-la à energia cristã da mãe.

“Se Mamãe soubesse!... Que diria Mamãe?”

De longe, ocupada em Santa Rosa, a mãe continuava a influir sobre a filha, mesmo independente e casada. Marina preocupava-se em achar, para sua conduta com Miguel, desculpas aceitáveis a Dona Emília.

Conhecia famílias em que o beijo tinha pouca importância, em que moças beijavam homens jovens, por serem cunhados ou primos. Hábitos modernos, que Dona Emília reprovava. No seu tempo não se admitiam familiaridades. As filhas de fazendeiros não palestravam com rapazes, nas reuniões, e os sexos separavam-se para lados opostos nas salas festivas.

Para tranquilizar-se, Marina repetia-se a si mesma: “Eu não sou obrigada a pensar como Mamãe. Eu pertencço já a outra sociedade, a outra geração.” Lembrava-se que muita gente boa media a culpa pela intenção, e, mesmo, com excessiva tolerância, pela fraqueza. E o Miguel a quem, levada pelo isolamento espiritual, ela beijara, fora naturalmente apenas o amigo de sempre, o primo. O beijo fora de saudade e de pena... Mas para Dona Emília não existiam circunstâncias atenuantes.

Em redor dela, a conversa continuava: “Este ano os

espetáculos do Municipal foram esplêndidos...” “Sabe? Lúcia ainda demora na Europa. Tive carta dela ontem... — Que pena! Lúcia faz tanta falta!”

“Preciso me confessar”, pensava Marina.

A previsão do momento humilhante, em que, dentro das vinte e quatro horas — porque não o queria adiar mais — ela se acusava no confessor de ter, sendo casada, beijado um homem que a amava, que fora seu noivo, e que se permitira falar-lhe em esperanças, trazia-lhe ondas de vergonha ao rosto.

Suas afeições clamavam contra ela, tanto quanto sua consciência. Clamavam em favor de Miguel, a quem ela preparara um acréscimo de infelicidade. “Como se já não me bastasse o antigo remorso.” E em favor de Roberto. “Eu que sempre acreditei que a lealdade era meu traço dominante.” Respondia a si mesma. “Meus sentimentos para Roberto nunca mudaram.” Tornava logo a acusar-se: “Sentimentos!... Experimente contar a Roberto.”

\*

O padre a quem se confessou, no dia imediato, julgou venial o pecado porque sua intenção fora pura.

Recomendou-lhe que evitasse ocasiões.

Era um confessor de acaso. Marina fora ter à primeira igreja e ao primeiro confessor, porque não descobrira ainda o sacerdote que queria para seu diretor espiritual.

Inteligente, generoso, encanecido.

Depois da acusação, expôs em poucas palavras suas mágoas e seu isolamento. O confessor fez-lhe duas ou três perguntas que reduziram suas queixas à insignificância, e pregou-lhe um pequeno sermão sobre a conformidade.

Através da grade, Marina, ajoelhada, não percebia sequer o rosto do padre. Chegava-lhe só a voz grave, cujo murmúrio, remoto e compassado, ela ouvia, como sempre, com religioso respeito.

— Por ser sexta-feira, pode dizer por sua penitência

quatorze Ave-Marias, uma em honra de cada estação do Caminho da Cruz, determinou o padre.

Depois da absolvição, falou-lhe ainda: “Recomendo-lhe outra vez muita vigilância, minha filha...” E fechou a portinhola com as palavras: “Vá em paz.”

Marina resolveu fazer inteiro o Caminho da Cruz, e começou sua penitência logo ao sair do confessionário. Não estava prevenida. Não trouxera livro, mas preferia rezar assim, livremente, sem as palavras cansadas do seu formulário, procurando novos aspectos das quatorze cenas da Via-Sacra. As estações circundavam a Igreja, em baixos-relevos de madeira. Marina foi de uma a outra, improvisando sentimentos e resoluções. Assim, em Santa Rosa, fazia o Abade Dom Manfredo, amigo de seu pai, quando ia pregar missões. Improvisava em voz alta para todos. Marina via-o ainda, impassível e compenetrado, mãos cruzadas no peito sobre a cruz, alto e magro nas vestes pretas de monge, o perfil ascético, de grande nariz adunco e de longo beijo superior, posto em relevo pela luz das velas. O povo seguia-o devotamente, de quadro em quadro, respondendo às invocações do ritual.

Em cada cena da paixão de Cristo, Marina procurava agora descobrir uma lição. “Pilatos era um fraco como eu”, pensou, logo na primeira estação, a Condenação à Morte. Lembrou-se, porém, de ter uma vez dito a Roberto que um dos seus defeitos era ser fraco e do protesto enérgico com que Roberto replicara:

— Não és tal. Não te conheces.

Os passos de Marina, indo de uma imagem à outra, ressoavam no silêncio abobadado. Algumas velhas, rezando ou descansando na igreja vazia, acompanhavam-na com o olhar. Uma preta tomara seu lugar no confessionário.

Impressões do poema de Claudel sobre o Caminho da Cruz, lido há muitos anos, vinham-lhe à memória. O paralelo das três quedas de Jesus com as dos homens no pecado... Jesus caindo pela primeira vez sob o peso da cruz. “A primeira queda foi por surpresa... A segunda seria por tédio. A

terceira por desespero... Livrai-me, Senhor, destas outras quedas e de todo mal. Amém.” Padre-Nosso. Ave-Maria. Para diante.

Já quase no fim da devoção, recordou-se de um magistral anacronismo de Claudel, na enumeração dos insultos ao Crucificado:

La valet d’Anne le soufflète et Renan le baise.

Marina pediu então com fervor.

— Senhor, conservai-me leal, como Alice. Aborreceu-se logo de ter intrometido Alice na sua oração. Quis livrar-se, ela também, de toda pecha. “O padre disse que o pecado foi venial”, lembrou-se.

Constantemente sua atenção escapava da tarefa piedosa. As distrações prolongavam o Caminho da Cruz além do tempo normal. De joelhos, esquecida na atitude devota, Marina pensava sobretudo em Miguel. Hesitava sobre o recado que lhe poderia mandar. Por fim preferiu que fosse de boca, por Adélia, e, no dia seguinte, mandou-o mesmo pela prima.

— Diga a Miguel, que ele tinha toda razão de não querer vir aqui e que eu fiz mal em insistir. Peça a ele que não volte mais. E diga-lhe que amo a Roberto. Você sabe que é verdade.

— Se sei! exclamou Adélia. Sua resposta trouxe infinito alívio à consciência dolorida de Marina.

É claro que sabia. Todos sabiam. Ela, Marina, melhor que ninguém, sabia que nunca tivera por Miguel senão um carinho de irmã. Admirava-lhe o talento. Em Roberto, pelo contrário, ela amava cada gesto, cada expressão, seu modo de sorrir, de olhá-la, até seu modo de andar, de fumar, de amarrar a gravata. Tudo. Tudo lhe agradava igualmente.

— Eu continuo amiga de Miguel, como sempre, acrescentou Marina, querendo dar uma satisfação a Adélia.

Felizmente, Adélia não perguntou nada. Ouviu o recado com surpresa, olhando curiosamente para Marina, compreendendo muita coisa sem palavras:

— Pois sim, eu digo a ele que não venha mais cá.

E Miguel obedeceu ao mando. Não deu mais sinal de vida. O incidente de sua visita poderia ficar quase esquecido, escorregar para o passado, se não fosse, para Marina, o retrato.

Descobrira uma mudança sutil no retrato. Alice não tivera sempre a dureza de olhar, a angularidade morena de traços, que hoje Marina lhe percebia. Perdera o aspecto da noite da chegada. Marina não encontrara mais nela a juventude radiosa da Madame Steen da Adélia, que o quadro lhe traduzia ainda naquele inesquecível primeiro encontro, quando Alice se limitara a um conselho, a uma advertência.

\*

A inimizade de Alice viera aos poucos, crescendo através de uma vigilância sem falha, mas só se tornara insustentável depois do beijo trocado com Miguel. Não fizera a Marina o desconto das circunstâncias, da sua velha afeição, da sua tristeza. Só pelo beijo fora a sucessora medida. Por ele fora condenada.

Alice não era mais, como parecera a Marina, no princípio (e também naquele sonho, em que a morta caçara dela) uma rival jovem, amorosa, próxima dela, até na idade. Era uma mulher que a julgava de alto, de longe. O ar severo envelhecia-a de dez anos, pelo menos.

— Que idade você dá a ela aí? perguntou Marina um dia a Adélia.

Adélia considerou o retrato impessoalmente.

— Ela era muito mocinha naquele tempo. Germana me disse que foi na primeira viagem deles à Europa, depois de casados. Mas ela parece mesmo mais velha. Parece ter uns trinta anos.

— Eu quando vi o retrato pela primeira vez achei que ela parecia ter nossa idade.

— Qual! muito mais velha.

— E a expressão dela? Você acha boa ou ruim?

Adélia considerou outra vez o retrato. — Amável porque convém. A gente vê pelos olhos que ela não se deixava embromar.

A agonia dos seus pensamentos acordava Marina ao meio da noite, logo que o sono da mocidade, vencendo tudo, principiava a lhe restaurar as forças. No silêncio, antes da madrugada, ficava horas a contemplá-los. Adormecia de novo ao clarear do dia. Quando Isabel entrava, com o café, parecia que apenas cochilara. Andava nervosíssima. Qualquer ruído imprevisto, o abrir de uma porta ao vento, parava-lhe o ritmo do coração. Atirava-se às vezes aos braços de Roberto com a sensação de escapar de um perigo iminente. Dizia-lhe:

— Tenho medo.

Roberto perguntava:

— Medo de quê?

— Não sei. É um medo que me dá.

Já conhecera muitos receios imaginários. Na infância, fora perseguida por terrores noturnos. A escuridão enchia-se então de perigos vagos. As histórias que ouvira das pretas, na cozinha, voltavam-lhe à memória, na solidão do quarto, mais vivazes que ao contar. Sentia chegar o lobisomem, pé ante pé, até a cama. Escutava assobiar, junto à janela, o saci-pererê, aquele molequinho de uma perna só, que corria pelos charcos, feito língua de fogo, que bastonava à noite os cães, para que latassem e, que, antes de romper o dia, manquejava pelos caminhos com gargalhadas sinistras, ao lado dos lavradores que iam para o trabalho cedo.

Eram medos que a luz do dia dissolvia. Piores foram sempre os escrúpulos e o espectro do pecado, porque estes não se interrompiam com o amanhecer. Nada, porém, podia comparar-se com a aflição que sofria agora.

O sentimento de culpa e a comparação com Alice eram obsessões como ela já conhecera. A influência do retrato é que não tinha precedente. Nenhuma obsessão jamais se envolvera deste terror. Nenhuma tivera a realidade dessa presença enervante que lhe enchia a casa, e encontrava

expressão num retrato... a realidade dessa inimizade intangível, dessa transmissão clara de recados... dessa vida de uma morta que, às vezes, lhe dava a impressão de que ela, Marina, era a sombra, tão real era Alice.

Procurava, paciente e repetidamente, enfrentar a ideia fixa com lógica, livrar-se do seu jugo por um esforço da vontade, mas era como se tentasse engomar com ferro frio... Nunca ouvira falar em subconsciente, em auto-sugestão, em psicanálise.

Alice, morta e aparentemente esquecida, tomara um lugar primacial na sua vida. A sensação da presença constante tornou-se para Marina tão verdadeira quanto qualquer das suas ocupações, das palavras que dizia, das ordens que dava em casa, dos compromissos sociais que aceitava e cumpria.

Roberto figurava também na sua obsessão, um Roberto diferente daquele que vivia ao seu lado. Via-o no passado, marido de Alice, preso a ela ainda hoje por mil laços que seu segundo matrimônio não lograra romper. A impressão de que o marido lhe fugia aumentava seu horror de viver naquela casa, onde todo o passado falava a Roberto, onde ela nunca conseguira conquistá-lo inteiramente, apagar-lhe as recordações, recobrar a segurança do seu amor que tivera em Santa Rosa e na viagem de núpcias.

Receava que à saudade de Roberto por Alice se misturasse algum descontentamento com ela mesma, uma sombra, que fosse, de arrependimento ou de decepção. O receio perdurava mesmo quando nada, na atitude de Roberto, traía a preocupação do passado, mesmo quando o presente parecia absorvê-lo. A dúvida tirava a Marina alguma coisa da sua sedução, destruía-lhe a confiança de poder encantar o marido e prendê-lo pela vida toda. Talvez até o amasse menos por se julgar menos necessária à sua felicidade.

Mas, à luz da razão, nada indicava que a afeição de Roberto sofrera mudança. Marina encontrava nele a mesma solicitude pelo seu conforto, o mesmo cuidado de cada minuto, manifestando-se sobre seu apetite, seu agasalho,

sobre qualquer ligeira diferença de aspecto: “Estás mais pálida... Tens uma onda nova nos cabelos... Hoje estás falando pouco... Por quê?... Estás triste?”

Marina respondia:

— Não. Não estou triste.

— Então por que não falas?

— Não tenho nada que dizer.

— És feliz?

— Muito feliz, respondia. E sorria para o marido, confiando mais no sorriso do que nas palavras, para dar a Roberto a convicção de que nada lhe faltava, de que nada mais poderia desejar.

Conservava, a custo de domínio próprio, a mesma aparência de placidez, mas seus conhecidos achavam-na mais magra. A instâncias de Roberto, prestou-se a consultar um médico, que a examinou com cuidado e depois perguntou:

— A senhora não tem nenhuma ansiedade moral, nada que a preocupe?

— Não. Nada.

O médico olhou-a outra vez e não insistiu. Diagnosticou anemia sem importância, e receitou pílulas de ferro.

Marina submeteu-se a tomá-las. Quando esquecia, o marido lembrava-lhe: “Tuas pílulas.” Não podia falar a verdade a Roberto. Não podia dizer-lhe:

— De que me adiantam pílulas? Eu não posso ser feliz aqui, porque é a casa de Alice e porque vivo sob a sua vigilância. Roberto não compreenderia... Como poderia compreender isso? se não a tomasse por louca, pelo menos haveria de suspeitar que ela nutria um ciúme injusto e pouco generoso e que pretendia apagar o passado de um modo idiota e mesquinho. Não queria revelar ao marido um estado mórbido, que talvez lhe inspirasse pena ou repugnância. Não queria ser tratada com paciência, como criança. Não precisava que Roberto lhe demonstrasse o absurdo dos seus medos, ou lhe apresentasse argumentos contra eles. Todos os argumentos possíveis já lhe haviam ocorrido.

De nada lhe valia o bom senso, contra a imponderável sensação física da presença de Alice. Seu pavor não tinha lógica e a razão nada podia contra ele. Abrir-se com a mãe ou com Roberto seria sujeitar-se a ouvir conselhos inúteis, para, mais tarde, se lhe perguntassem pelas alucinações, mentir, declarar-se curada.

O terror do retrato era demasiado íntimo e doloroso para que Marina pudesse se referir a ele. Daria à presença invisível uma realidade nova, se a traduzisse em palavras. Na infância, também, quando acordava alta noite a chorar, recusava-se a contar à mãe ou à ama os horrores do pesadelo. Só o podia fazer de manhã, depois que o dia triunfante chegasse para os dissolver. Confessar agora suas alucinações a respeito de Alice, torná-las explícitas, seria arriscar todo o seu equilíbrio mental.

Mas, mesmo ignorando a crise que ela atravessava, Roberto trazia-lhe conforto com a simples presença. Marina arrimava-se no carinho do marido e não o queria longe. Um dia, chamado a São Paulo a negócio, Roberto observou:

— É pena eu ir por tão pouco tempo. Seria uma ocasião de conheceres São Paulo. Não te peço para vires comigo, porque lá não terei um momento para me ocupar de ti.

— Eu não me importo de ficar sozinha no hotel.

— Não vale a pena. E é possível que eu seja obrigado a voltar imediatamente. Nesse caso seriam duas noites seguidas de viagem.

— É. Assim não posso mesmo.

Mas logo que Roberto saiu para a estação, o terror de ficar só em casa impeliu-a a seguir o marido. Era tão fácil. Nem necessidade de reservar passagem havia. Roberto tinha um camarote.

“Vou sim”, resolveu. “Por que não?”

Não compreendia mais como pudera cogitar de não ir, de ficar sem Roberto naquela casa.

Chegou à plataforma quase à última hora, acompanhada pelo chofer, levando uma maleta que Isabel arrumara às pressas. Procurava Roberto com os olhos, mas ele viu-os

primeiro.

— Que é? Esqueci alguma coisa? Que mala é essa?

Marina respondeu, ofegante da corrida.

— É minha. Resolvi ir contigo. Quero conhecer São Paulo e não quis ficar no Rio sozinha...

Roberto pareceu espantado com sua resolução repentina, mas gostou.

— Toda mulher tem caprichos e esposas não se contrariam, disse. Sobe depressa. Faltam só dois minutos.

Marina lembrou-se de que Alice era caprichosa e que suas extravagâncias e seus rompantes de gênio eram, aos olhos de Roberto, defeitos encantadores porque o divertiam.

A ausência foi de três dias apenas. Depois voltaram para a casa, onde o ambiente não mudara.

Marina procurava incutir no espírito do marido o desejo de viver em outro ponto da cidade. Cantava as vantagens de bairros diversos, mas não ousava pedir-lhe abertamente que vendesse o palacete de Paissandu, e o trocasse, no Rio mesmo, por outra casa, mais ao jeito dela, Marina, uma casa menor, perdida num recanto cheio de árvores.

Insinuava o desejo, em frases que Roberto não compreendia.

— Serias capaz de deixar tudo isto por mim, Roberto?

— Deixar? Mas estou te dando tudo isto!

Uma vez perguntou, como se a ideia lhe ocorresse naquele momento:

— Não gostarias de morar em Copacabana, para gozar mais da praia?

— Não. Não gostaria de morar sempre na praia. Tu também disseste uma vez que não te agradaria.

— Disse, mas há muito tempo. Agora gostaria e não precisa ser muito junto da praia. Poderíamos descobrir um terreno grande com árvores.

— Terreno para quê? Já temos esta casa.

Marina mandava à mãe umas confidências rápidas e incompletas. Dona Emília era um espírito prático para quem as mágoas imponderáveis da filha tinham pouca

significação. Marina não podia lhe mandar dizer:

“Estou consumida de remorsos, e o retrato, cada vez mais vivo, está sempre a me acusar.” Dona Emília acharia que a filha perdera a razão. Mas como, de qualquer modo, seria impossível essa franqueza, Marina escreveu:

“Quando virá fazer-me uma visita, Mamãezinha? Estou muito só, e precisando do seu conforto.”

Respondeu Dona Emília: “Não me fale em isolamento. Você tem um marido excelente, com adoração por você. Tem uma casa sempre cheia de gente. Como vai de saúde? Se você precisasse mesmo de mim, eu iria logo, apesar de já estranhar a vida de cidade e de fazer muita falta aqui.”

Marina tornou a escrever:

“Vou bem de saúde, mas aflijo-me muito com coisas talvez insignificantes. Tenho receio de não ser a mulher de que Roberto precisava e de não conseguir torná-lo feliz.”

Veio a resposta:

“Já conheço muito essas suas aflições. Escrúpulos, com certeza. Não me surpreende isso, porque a adaptação é sempre difícil. Para mim, essas fantasias provam que você ama como deve o marido e deseja agradar-lhe.”

Marina e Roberto foram passar com Dona Emília as festas de Natal e do Ano-Bom. Em Santa Rosa, a obsessão de Marina se dissipou como névoa ao sol. Quando a mãe lhe perguntou pelas aflições, quase não se recordava mais. Na fazenda sentia-se renascer. Descobria a doçura da vida com uma alegria de convalescente.

No Rio esforçara-se em esconder de Roberto qualquer alteração em sua felicidade. Mas a alegria voltou-lhe agora com tanto viço que a transformação não se podia disfarçar. Às vezes Marina encontrava o olhar perplexo de Roberto. — Realmente é para este ambiente que foste feita, dizia Roberto. É da gente ficar crendo que foi um crime tirar-te daqui. Por que não te demoras um pouco mais? pelo menos até o fim de janeiro.

Ela respondeu: “Eu gostaria”, com um olhar de interrogação para o lado da mãe que crochetava em

silêncio. Dona Emília parecia não ter ouvido. Esperou ficar a sós com a filha para interpelá-la.

— No meu tempo, as mulheres nunca deixavam os maridos, nem tinham preferências fora do dever. Por que você não disse logo a Roberto que isso de ambiente é história? Aqui mesmo em Santa Rosa, eu vi você tantas vezes nervosa.

— Eu volto com ele, resolveu logo Marina.

O pensamento do regresso lançava sobre sua alegria uma sombra, que crescia dia a dia. Ansiava por qualquer imprevisto que adiasse ou impedisse sua volta para a casa de Paissandu. Na sua oração da manhã pedia sempre uma solução, qualquer que fosse, e passava o dia a esperá-la com fé.

Às vezes, fazendo mais precisa a oração, pedia que ardesse, até o último tijolo, a casa que fora de Alice. Uma vez, depois de rezar com fé, viu chegar um telegrama para Roberto. Observou com interesse a expressão do marido para ver se fora ouvida sua prece. Mas no rosto de Roberto não apareceram nenhum dos sinais de horror que a notícia do incêndio lhe produziria certamente. Leu tranquilamente, e disse a Marina, antes de pôr o telegrama no bolso:

— Maçadas do escritório! A gente não pode estar fora.

No Rio, ao voltar, encontraram, no meio da correspondência, muitos cartões de boas-festas. Alguns vinham do estrangeiro. Eram alegres e coloridos, assinados por nomes que Marina nunca ouvira.

— Estes são de amigos teus, disse, passando-os a Roberto.

— Conhecidos de viagens, respondeu o marido com ar contrafeito.

As sobrecartas vinham dirigidas ao casal, mas evidentemente não eram para ela. Eram para Alice.

No dia seguinte, chegou, dirigida só a ela, uma longa carta com selo de França. Começava “Bonne année, chère amie”. Marina não percebeu logo que era destinada a Alice. Virou as páginas para ver de quem era, e achou a assinatura de Verron. “Verron” apenas. Uma assinatura de celebridade. Estendida no divã, sob o retrato, pôs-se a lê-la toda, sem

delicadezas de consciência. Por ser de Verron, interessava-a. Tomou, desta vez, desforra contra os olhos perspicazes de Alice que estavam sempre a devassar-lhe a intimidade. Uma das esperanças de Marina, esperança reprimida, mas tenaz, era de um dia encontrar alguma falha secreta na vida de Alice que a derrubasse do seu pedestal. Mais de uma vez, em frente ao retrato, veio-lhe inesperadamente ao espírito a palavra “hipócrita”, suas quatro sílabas emergindo das profundezas desconhecidas da consciência, como bolhas sucessivas, erguendo-se à tona d’água. Por vezes, também, sua imaginação lhe apresentava a hipótese de uma carta comprometedora que ela mesma encontrasse, lançando uma mancha sobre a memória de Alice e escárnio sobre sua divisa: *fidelis usque ad mortem*. Parecia-lhe ter a carta na mão. Via-lhe a letra, o papel, as palavras. Que palavras!... Hesitava sobre o que faria com ela. Lutava um instante em imaginação com a tentação vergonhosa de mostrar a carta a Roberto. Depois retomava as rédeas da imaginação. Pegava às pressas em algum trabalho ou voltava-se para a direção da casa, para distrair-se de pensamentos tão absurdos.

A carta de Verron era inocente e encantadora. Queixava-se de um longo silêncio. “*Deux ans sans m’écriture. Vous oubliez que je n’ai pas longtemps à vivre. Je suis vieux*”, e passava a relatar as minúcias de uma viagem à Itália, de que voltava deslumbrado. Era longa, a carta, toda em letra miúda — uma letra que parecia desenhada, e com uma maravilhosa harmonia no traço e no alinhamento. “Quanto não vale um autógrafo de Verron”, pensou Marina. Alice devia ter tido outros. Cartas e bilhetes. Teriam sido destruídos?

Levantou os olhos com a entrada de Antônio.

— Dona Adélia está chamando a senhora no telefone.

— Já vou.

Pôs de lado o cigarro e a carta e foi dar um dedo de prosa à prima. Adélia queria ter notícias de Dona Emília, e queria muito saber como Santa Rosa tinha parecido a Marina,

agora que ela se tornara carioca.

— Uma delícia. Melhor que nunca.

— Há gostos para tudo, respondeu Adélia com ceticismo. Para mim nada vale o Rio. Você quer ir ao cinema logo mais?

— Pois sim. Vamos... Eu passo aí.

— Você já sabe que Miguel deixou o jornal? Brigou com um tal Mendonça e saiu.

— Não sabia, mas eu estava esperando por isso. E agora, que é que ele vai fazer?

— Vai para fora. Quer sair do Rio e mudar de ocupação.

— Para onde vai?

— Para o Norte, dirigir umas plantações de babaçu.

— O Norte? O calor não deve ser bom para ele, que sofre do fígado.

— Piores para o fígado são os aborrecimentos que ele tem aqui... Ele já parte amanhã e me pediu que desse as despedidas dele a você.

— Então desejo que faça boa viagem e seja feliz por lá. Você por que não aconselha a ele de escrever um livro? Precisa aproveitar o talento que tem.

— Miguel sabe o que faz. A que horas você passa?

— Às cinco. Está bem?

— Eu te espero. Até logo.

Marina voltou lentamente para a saleta, a acabar a leitura da carta de Verron. Com certeza, esta não seria toda inteira sobre a Itália. Depois do turista, falaria o amigo; falaria dela, Alice, com admiração, com interesse.

Antes de alcançar a saleta, Marina ouviu um crepitar de fogo. E, chegando à porta, estacou ofegante, quase paralisada. Viu logo o que acontecera. O cigarro que ela atirara para o cinzeiro errara o alvo e caíra no divã sobre um maço de jornais do dia. Uma língua de fogo, ligeira e gulosa, dirigia-se para o amontoado de almofadas. Marina abriu a boca para gritar, mas a voz faltou-lhe.

Ficou sem movimento, os olhos hipnotizados pelas chamas que cresciam e se atiravam sobre Alice. Pareceu-lhe estar

vendo outra vez uma imagem que a impressionara no seu catecismo de menina, onde uma alma do purgatório, com figura de mulher, aparecia assim, surgindo no fogo, com chamas até os joelhos.

Passado o primeiro momento, teve consciência de que sua emoção não era susto. Era alívio. As palavras “Não foi de propósito... Não foi de propósito”, cantavam-lhe na alma como clarins de regozijo.

A sala enchia-se de um cheiro acre de pena queimada. De repente voltaram a Marina a voz e a consciência. Atirou-se sobre a campainha, gritando nomes de empregados.

Agarrou pelas pontas jornais e almofadas e atirou-os no jardim, tudo tão prontamente que os criados, acorrendo, todos juntos, já encontraram o fogo ardendo sobre o gramado. Marina, muito pálida, soprava nos dedos chamuscados.

Antônio, estranhamente ágil, parecendo outro, precipitou-se sobre uma pasta de couro na escrivaninha e com ela extinguiu, a pancadas, o resto do fogo. Depois correu para fora e apagou, sapateando, a fogueira em início. Voltou orgulhoso, trazendo uma almofada que salvara com um rombo pequeno. Era de tapeçaria, petit point. Entregou-a a Júlia.

— Essa ainda tem conserto, disse. Foi Madame quem fez.

— Sei, respondeu Júlia, tomando a almofada.

Da carta de Verron, Marina só encontrou um fragmento carbonizado, onde apenas eram legíveis duas palavras, em linhas diversas... vous... affection.

Depois, no quarto, Isabel banhou os dedos de Marina, e pôs-lhe unguentos. Acabou, num excesso de piedade, por beijá-los, chorando tolamente.

— Foi pena ela não queimar mesmo, disse Isabel com ar vingativo.

Marina ficou perplexa diante desse comentário estranho. Mais de uma vez lhe parecera que Isabel tinha a intuição do seu sofrimento secreto.

Uma coruja gritou no arvoredado. Isabel parou

repentinamente para ouvir. Com a expressão concentrada, a máscara ficou-lhe um tanto trágica.

— A coruja, Sinhazinha! Este pássaro desgraçado anda sempre por aí. Deus nos livre.

Marina ralhou com ela. Imitou o tom da Dona Emília repreendendo os pretos que repetiam histórias de augúrios e de feitiços. Nas censuras de Dona Emília alternavam-se a irritação e a mofa, sinceras ambas.

Zangava, achando graça no absurdo. A repreensão de Marina, longe da mãe, saiu com convicção. Quando a coruja gritou de novo correu-lhe um arrepio. Isabel insistiu:

— É ruim mesmo, Sinhazinha! Nunca falha.

Para uma mulatinha tão moderna de aspecto, tão jeitosa na costura e no penteado, Isabel era incompreensivelmente atrasada. Seu sangue africano alvoroçava-se com a menção de agouros e bruxarias. O catecismo não havia destruído nela as crenças bárbaras em feitiços e exorcismos. Sabia de palavras para curar doenças, para exterminar insetos, para sarar rebanhos da peste.

— Dr. Roberto devia mudar-se daqui. Com essas coisas não se brinca. Esta casa já trouxe desgraça a ele uma vez.

— Cale a boca, Isabel. Cuide do seu serviço.

A voz de Marina saiu agora mais firme. A rapariga calou-se.

## CAPÍTULO IX

DEPOIS DO jantar, Marina repetiu, ao marido, os pormenores do incêndio. Roberto já sabia de tudo. Já se regozijara devidamente. Já recompensara Antônio com uma nota de cem mil réis. Agora, seu interesse por cada minúcia obrigava Marina a reconstituir outra vez, no próprio local, a cena da tarde, enquanto o retrato, do alto, os contemplava, intangível. A tela nada sofrera. Apenas a moldura mostrava pedaços tismados.

Roberto exclamou tantas vezes: “Que sorte!” que Marina acabou por achá-lo irritante. No entanto ele procurava dar a seu júbilo uma expressão impessoal, como se o retrato fosse qualquer obra de arte.

— Talvez seja a melhor obra de Verron, dizia.

Não mencionara o nome de Alice. Sem que Marina soubesse como, nem por quê, Roberto compreendera que este nome não devia mais surgir entre eles como antes, com naturalidade. Ele agora esquivava-se de pronunciá-lo, diante dela. Por vezes, evitava-o laboriosamente. Outras vezes, lembrava-se tarde, excluindo-o à última hora, desajeitadamente, como se estivesse empurrando Alice fora de reminiscências em que ela quase se mesclara.

Marina não via mais o marido, em sua presença, olhar, sequer de passagem, para o quadro. Seu olhar circundava-o com cuidado. Roberto adquirira assim a consciência do retrato. Uma noite, ao entrar na saleta, Marina encontrou o marido parado diante do quadro, mas Roberto ouvira-lhe os passos e tivera tempo de virar-se. Estava já de costas para a tela e, com ar furtivo, entretinha-se com o cigarro. O refletor, alumando o quadro, e que nunca se acendia senão para visitas, traiu-o. Mostrou a Marina que ele estivera contemplando em sua ausência a imagem de Alice.

Ninguém, senão Roberto, havia percebido que a menção de Alice era dolorosa a Marina. Dos demais, Marina ouvia falar da morta como antes. Germana continuava a lembrá-la sem

tato, sem propósito.

Haviam sido muito amigas, as duas, e, em sua casa, Germana mantinha sempre flores ao pé da fotografia da cunhada falecida. O verão costumava reuni-las em Petrópolis, na casa que fora do velho Steen e que passara a Roberto e Germana conjuntamente.

Germana, por causa das crianças, havia escapulado para ali aos primeiros calores. Roberto estava preso ao Rio pelos negócios e achava cansativa a viagem diária. Suportava o calor com alegria, quase como se gostasse. O mar apeteciava-lhe. Atirava-se ardorosamente ao remo, ao nado, ao leme da lancha celeríssima. Vivia de roupa de banho, a pele se lhe avermelhando, os músculos crescendo.

Estavam em janeiro, com verão forte. As noites pareciam mais quentes depois da relativa frescura de Santa Rosa. Roberto insistia com Marina para se instalar em Petrópolis. — Eu irei quando tu fores, respondia ela sempre.

A ideia de morar com Germana repugnava-lhe, e a mudança de cenário não lhe prometia grande alívio. A casa de Petrópolis estava pouco menos impregnada de Alice que a de Paissandu. Não houvera ali o mesmo cuidado em apagar-lhe os vestígios por ocasião das segundas núpcias de Roberto. A roupa de casa trazia seu monograma. O jardim estava todo plantado com suas flores prediletas. Alice gostava muito de Petrópolis que conhecera nos bons tempos, quando o verão era estação morta no Rio, e ainda não se aproveitavam as praias, nem se falava em estações de água. Marina e Roberto subiam para os fins de semana, ou quando surgia uma onda mais forte de calor, que fazia Roberto exclamar.

— Isto não é clima para branco. Vamos sair desta fornalha! Em Petrópolis, sua vida social continuava com pouca diferença. Vinham sempre amigos do Rio, para almoçar ou jantar. A casa enchia-se de vozes alegres, nos intervalos das partidas de bridge. Parte do “grupo” veraneava em Petrópolis e continuava a fazer da morada dos Steen o centro de suas reuniões.

Marina muitas vezes escapava da balbúrdia, recolhendo-se ao quarto, ou sumindo, morro acima, pelo fundo do jardim. Abandonava a Germana os deveres de dona de casa, até ser descoberta pelo marido e reconduzida aos seus convidados. Nas noites de Petrópolis, o silêncio e o aroma úmido das plantas lembravam-lhe Santa Rosa.

— Que bom se fôssemos passar uma temporada na fazenda, sugeriu a Roberto.

— Não posso. Ainda se houvesse boas comunicações, eu podia dar um jeito, mas sem estrada e só com dois trens por dia — um às seis da manhã! — não é possível.

— Confesso que Petrópolis não me diverte, continuou Marina, sem sinceridade, num tom leve de gracejo mundano. Que tal uma viagem à Europa?

Estavam conversando na sala, só os de casa, depois do jantar. Germana fazia tricô e Vasco percorria revistas de esporte. A sala, alumiada por lâmpadas, estava numa meia obscuridade, ao gosto de Germana. Um ramo maravilhoso de rosas desabrochava sobre o piano.

— Quem me dera ir à Europa! Respondeu Roberto. Nem precisas lembrar... Logo que os negócios permitirem umas feriazinhas, pronto! Talvez possa ser em junho.

Germana opinou com calor:

— Vocês devem ir mesmo. Há de fazer bem a Marina em todos os sentidos e quanto mais cedo melhor. Alice foi sozinha uma vez, mas é verdade que ela não era recém-casada, nem tinha a idade de Marina.

— Agora não é tempo de pensar em viagens, lembrou Vasco. Estamos em vésperas de carnaval.

A referência ao carnaval insuflou animação à conversa. Roberto, Germana e Vasco puseram-se a discutir projetos para os três dias de folia.

Marina pensou nas muitas noites em que, nesta mesma sala, os três se entretinham com Alice. Deu-lhe uma vontade imoderada de escapar deste meio, de fugir para Santa Rosa, ainda que tivesse que ir a pé.

“Contanto que eu possa aguentar isto até junho! E que

depois Roberto possa mesmo partir”, pensou, entregando-se à sua nostalgia por Santa Rosa. A ideia de voltar para junto da mãe, de deixar Roberto, de abandonar tudo, ocorreu-lhe pela primeira vez. Pareceu-lhe menos monstruosa que inevitável. Uma questão de tempo, se nada a viesse salvar.

— Se algum dia eu perder o amor de Roberto, resolveu, irei mesmo enterrar-me em Santa Rosa. Quando eu não puder mais suportar isto, volto para a fazenda.

A simples descoberta de que lhe restava ainda esse alvitre trouxe-lhe um conforto novo. Sua mãe a receberia de braços abertos, mesmo que não aprovasse sua decisão.

O pensamento de acaso transformou-se logo numa resolução que só tinha de incerto a época. Seria um dia, seria quando não pudesse mais ficar. Não escolheria o momento. Fugiria instintivamente.

A conversa dos outros continuava. De vez em quando consultavam Marina. Germana lembrou que as mulheres do grupo deveriam ir aos bailes com a mesma fantasia.

— Vestido de noite com grinaldas de flores para o baile do Cassino. Para o Teatro Municipal uma fantasia completa. Russa?... Havaiana?...

Marina, forçada a opinar, não pôde mais fugir à discussão.

No dia seguinte houve reunião para combinarem as fantasias, com as companheiras. Depois foi a engrenagem dos preparos, das compras, das provas nas costureiras.

Passaram o carnaval entre o Rio e Petrópolis, procurando as melhores festas e os corsos mais alegres. O grupo estava uníssono, e disposto a não perder divertimento. Animavam-se uns aos outros. Só Marina destoava do entusiasmo.

Ficava muitas vezes abstrata, esquecendo-se de brincar.

— Você parece uma velha, diziam-lhe as outras. Tão quieta! Olhe o que você gastou de lança-perfume!... O vidro está inteirinho.

Roberto era dos mais animados. Marina julgou-se vitoriosa quando, na segunda-feira, depois de três noites cheias, conseguiu trazê-lo um pouco mais cedo para casa e fazê-lo

desistir dos demais projetos. Ficaram em Petrópolis na terça. Ela pediu a Roberto o sacrifício, alegando cansaço e tédio.

— Não te importas, mesmo? perguntou ao marido. Olha que a prova de amor é grande, gracejou.

— Se te dá prazer não me arrependo, disse ele.

Na terça-feira, em Petrópolis, Marina acordou sob a impressão agradável de estar livre do carnaval. Quando abriu os olhos, Roberto já havia deixado o quarto. Ele e Germana gostavam de descer para o café. Marina estava a enfiar o roupão e os chinelos, quando viu entrar a cunhada, já penteada a esmero como sempre, pronta desde cedo para o dia, repousada e fresca de pêlo, vendendo saúde — a saúde dos Steens.

— Então que é isso? Acabou seu carnaval? perguntou Germana.

— Acabou. Bastam três noites de farra. Estamos cansados e Roberto tem trabalho amanhã.

Sentada à beira da cama, Marina passava a mão pelos cabelos, catando confetes um a um. Por todo o quarto havia confetes espalhados. Formavam um pequeno tapete no lugar onde Marina se despira. As roupas da véspera, atiradas sobre uma cadeira, reçumavam o cheiro das bisnagas.

— Mas Roberto gosta de carnaval, redarguiu Germana, com ar teimoso.

— Não lhe fará mal encurtar, respondeu Marina, evocando a imagem de Roberto na véspera, com um boné grotesco sobre os cabelos revoltos, entregue todo à alegria do ambiente, armado de um lança-perfume em cada mão e atacando com eles Laurita Menezes, insistindo na boca, no pescoço, nas costas até queimá-la. Laurita defendia-se com gritinhos pasmados; suas risadas pendiam para o histerismo. Marina repreendera-se vigiando-os, quando ouviu Germana dizer-lhe:

— Você está com cara de quarta-feira de cinzas. Tome champanha, que ainda é carnaval.

Respondeu:

— Tomara esse carnaval acabar depressa!

Germana, seguindo-lhe o olhar, percebeu-lhe a preocupação.

— É brincadeira inocente, disse. Olhe Vasco, também.

Vasco, que gostava de flertar com meninas, lutava com três mocinhas ao mesmo tempo.

— É muito cedo, Marina, acrescentara Germana. Você nem pense em ir para a casa.

Mas Marina, consultando Roberto com o olhar, levantou-se. Ele seguiu-a, sem protesto, solícito.

Agora, no quarto, Marina ouvia a cunhada aconselhando-a ainda.

— Você depois se arrepende, Marina. Todo o grupo vai e Roberto fica triste aqui em Petrópolis. Já temos mesa no Jockey, e depois vamos à Praça Onze, ver os cordões dos pretos. Vamos aos bailes, a tudo. Você nunca viu carnaval de rua. Com certeza vai gostar. Todos gostam. Você deve fazer um esforçozinho para ter os mesmos gostos que Roberto. Assim é que se prendem os maridos. Você só tem ciúmes de Alice e não se lembra de que não faltam mulheres vivas com desígnios sobre Roberto.

— Não vou, não. Roberto se quiser que sozinho.

— Sozinho ele não irá.

Dando a partida por terminada, Germana levantou-se, consciente da derrota e com um toque de mau humor.

— Você nunca há de compreender Roberto, como Alice o compreendia, disse.

Ia saindo quando a voz de Marina a deteve, perguntando:

— Foi a pedido de Roberto que você veio falar comigo?

Viera-lhe a ideia naquele segundo, lancinante como uma dor de nervos. Germana respondeu evasivamente:

— Esteve só conversando comigo.

Notando a expressão de Marina, acrescentou:

— Ele não quer te contrariar. Eu digo a ele que você está realmente cansada.

E pensou consigo mesma:

— Um rosto expressivo assim dava para qualquer atriz fazer fortuna, mas há de envelhecer depressa.

Marina falou, em tom positivo:

— Não. Não diga nada. Eu vou. Já que ele deseja ir, o caso muda. A que horas é a partida?

— Logo depois do almoço, mas agora estou achando melhor você não ir mesmo. Vejo que está fatigada.

— Não faz mal. Amanhã descanso. E aquilo que você me disse sobre conservar marido, também é recado?

— Não, que ideia! Então Roberto seria capaz! Você não o conhece, Marina.

— Bom. Estarei pronta.

Houve ainda uma pequena altercação entre Marina e Roberto, protestos de boa vontade de lado a lado, negação polida das preferências reais, ambos querendo ceder. Venceu Marina.

Iriam ao Rio e seguiriam o programa todo do grupo.

À tarde, no Rio, por conselho de Roberto, Marina tentou repousar, mas não conseguiu fechar os olhos. Agarrou-se ao rosário. Depois de pronta para o curso, tomou-o outra vez enquanto esperava o marido.

Pusera, para sair, uma cabeleira azul-vivo onde se enrolavam plumas coloridas e que valeu um coro de elogios. Arranjara-se com cuidado, carregando no carmim. Colara uma pinta junto à boca. Ficou linda, com um ar enfeitado que lhe vulgarizava a beleza. Roberto achou tudo ótimo para carnaval. Marina sentou-se na capota do carro, associando-se às cantigas, atirando serpentinas, fazendo grande aparato de espírito carnavalesco, mas sentindo-se inteiramente alheia, uma mera espectadora da alegria geral.

A dela era artificial, semelhante à que observava em certas estrangeiras, a cumprirem deveres de sociedade com uma animação brilhante e falsa de que os olhos não participavam. Vigiou por isso os dela, para que não a traíssem.

No clube, a cada aviso de que chegavam os préstimos,

levantava-se alvoroçada da mesa de jantar, ou deixava o par de dança para correr até a janela. Roberto perguntou-lhe: — Estás te divertindo agora, não estás? Aprendeste a apreciar o carnaval.

À guisa de resposta, Marina atirou-lhe ao rosto um punhado de confete e rompeu num estribilho de maxixe. Sentiu que atingira enfim à alegria requerida e que chegara ao diapasão do grupo. O esforço, porém, minava-lhe a resistência. O barulho atordoava-a. Os nervos vibravam-lhe como cordas bambas. No meio de toda a sua ostentação de prazer, só sentia um desejo encontrar-se sozinha na casa.

— Felizmente é a última noite, pensou, mas sem saber em que sentido entendia que era a última, se de carnaval, se de sofrimento.

De repente, sentiu alguém levantar-lhe alto o braço. Era Laurita, chamando a atenção dos outros para o terço que Marina trazia ainda enrodilhado no pulso, porque esquecera de o deixar em casa ao sair.

— Olhem! exclamou Laurita. Isto só de Marina! Rosário no carnaval!

Depois do jantar, foram novamente para a rua. O grupo conservava-se unido, apertado no meio da multidão. Marina esvaziava lança-perfumes sobre os companheiros, e também sobre estranhos que se chegavam a ela. Roberto, observando um dos seus galanteadores, ordenou:

— Não quero que brinques com cafajestes!

Marina retomou logo, então, sua dignidade tranquila, de dama ilustre no meio de desconhecidos. Depois foram ver os cordões de pretos.

Postaram-se como turistas, no meio da aglomeração popular da Praça Onze de Junho, onde não havia brancos senão os de seu grupo elegantíssimo. Os cordões seguiam-se e entrecruzavam-se, infundáveis, trazendo, nos passos e nos ritmos, a África intangível e vibrante ao coração de uma cidade moderna. Quase todos, negros e negras, vindos dos vários subúrbios, vestiam as saias largas, os chales

vistosos e os colares tilintantes, das pretas da Bahia. Uma mulher trazia uma criança de peito, amarrada ao colo, com um bronze reluzente, oscilando ao compasso de maxixe em que ia a mãe.

Em menos de cinco minutos a curiosidade de Marina estava satisfeita. A catinga oprimia-a. Não quis porém propor a volta, lembrando-se, palavra por palavra, do conselho de Germana: “Você deve fazer um esforçozinho para ter os mesmos gostos que Roberto. Assim é que se prendem os maridos.” Ainda faltava correrem os bailes, enfiados em dominós.

Roberto deixara-se iludir pela alegria aparente de Marina e aceitava-a, satisfeito.

Germana, porém, perguntava a Marina com insistência se não estava muito cansada, se queria continuar. Uma vez chamou-lhe de menina corajosa. Ocorreu a Marina, pela primeira vez, que a cunhada era boa e bem intencionada e que seria possível ter-lhe amizade e até acostumar-se ao seu modo autoritário. Quando Germana, influenciado com o grupo, conseguiu a debandada em hora razoável, desistindo todos dos bailes, Marina respirou, cheia de gratidão.

Os carros esperavam pouco mais longe. Laurita, que morava num apartamento no

Flamengo, pediu a Marina:

— Vocês me deixam em casa? Tem lugar?

— De sobra. O chofer está aí com a limusine. Quando caminhavam para os carros, já fora da balbúrdia, indo Marina na frente com Laurita, alguém gritou de trás.

— Laurita, você vem conosco. Nós te deixamos em casa.

Virando-se, Laurita respondeu no mesmo tom alto de voz.

— Não, muito obrigada. Eu vou com Roberto e Alice.

Tinha a voz ainda cheia de alegria esfuziante, da animação acumulada nas horas de folia. Quando percebeu o que dissera, sua expressão mudou de repente, decepcionada como uma criança que, no melhor do brinquedo, esbarra e cai. Mas não perdeu a presença de espírito.

— Gente! Estou ficando caduca. Você desculpa, Marina.

O chofer, que já lhes abria a porta do carro, olhava escandalizado para Laurita. O resto do grupo, que vinha atrás, calara um momento, nas logo retomou sua animação. Gafes esquecem-se depressa no carnaval. Laurita pareceu ser a primeira a esquecer. Tagarelou a viagem inteira.

— Que ótimo carnaval! repetiu, na despedida. E sabe qual foi a maior surpresa deste ano, Roberto? Foi que hoje ninguém se divertiu como Marina...

Roberto, no carro, a caminho de casa, ia cantando ainda, mas ao chegarem à porta, Marina viu que já dormia.

— Acorda, Roberto!

Quando desceram, caíam pingos de chuva, grossos e esparsos, com um bater sonoro. O jardim alumiu-se com o clarão de um relâmpago, seguido de um trovão.

Entraram. A consciência do retrato de Alice veio ao encontro de Marina no limiar da porta. Sua influência agora atravessava as paredes, de modo que já não adiantaria retirá-lo. Agora, mesmo no porão, mesmo coberta de lona, a imagem dominaria a casa toda, desafiando Marina.

Quando estavam subindo a escada, Roberto disse:

— Sim, senhora! Gostei de ver. Carnavalesca das melhores! Ela teve vontade de responder que a representação estava acabada e de perguntar ironicamente: “Que nota ganhei?... Dez?... Muito obrigada.”

No quarto, ao acenderem as luzes, viu-se de surpresa no espelho, o primeiro que encontrava desde seu atormentado vestir, entremeado com as Ave-Marias do terço. Essa mulher estranha, de cabeleira azul, com plumas altas de várias cores, estava mesmo bonita de espantar. Hoje, pelo menos, desde o aspecto até as atitudes, ela, Marina, estivera à altura de tudo que Roberto e o grupo podiam esperar dela numa noite carnaval. Agora tinha a garganta cansada de cantar, o rosto cansado de sorrir.

Roberto só uma vez despertou suficientemente para falar.

— Deve ter sido uma noite bastante interessante para ti que não conhecias o carnaval, disse.

Marina respondeu que sim, sem efusão. Quando, já na cama, apagou a luz, teve a impressão exata de retirar uma máscara do rosto. Doíam-lhe todos os pequeninos músculos da face e da boca, um por um. Miríades.

Ficou imóvel, com o rosto escondido na duas mãos, numa atitude de pranto. Mas não lhe vieram lágrimas.

Fora, a chuva crescera até uma quase inundação. Os trovões sucediam-se, ensurdecedores. Por uma fresta de vidraça descoberta, o quarto enchia-se seguidamente da claridade dos relâmpagos.

— É uma dessas boas trovoadas de verão, murmurou Roberto sonolento. Mal acabara de falar, e em pleno estrondo da tempestade adormeceu profundamente. Marina ficou de olhos abertos, sobressaltada. A cada relâmpago, esboçava o gesto do sinal-da-cruz. Não podia cuidar de dormir. A casa lhe parecia estar em perigo direto, tão próximo e violento era o temporal. Seus nervos trepidavam ainda com a agitação das últimas horas, com os ruídos, as cores, os sambas, o remoinho do carnaval. E como sempre, na solidão da noite, seus pensamentos se faziam mais urgentes, mais incisivos e o terror impreciso mais obsecante.

De que lhe adiantara o esforço desta noite e desta tarde? deste fim de carnaval que Roberto ontem lhe havia prometido passar tranquilamente, longe da balbúrdia, e que depois lhe impusera por um recado disfarçado? Via claramente que o esforço não adiantara de nada. Estas horas já corriam para longe, como águas passadas.

Amanhã, Roberto elogiaria, de passagem, sua cabeleira azul, sua pinta no rosto. E talvez, de vez em quando, tornasse a falar nisso, lembrando a Marina seu primeiro carnaval no Rio, a noite divertida que passaram, a beleza que ela estava.

Que ficaria disso para sua felicidade? Nada. E, no entanto, pela primeira vez, ela sabia que se saíra o melhor possível no papel de Madame Steen, e que nem Roberto nem os amigos acharam nada para criticar. Alice, mesma, não teria

representado melhor o papel. Aquela frase infeliz de Laurita, confundindo-a com Alice, era a prova. Fora sua recompensa. Sua recompensa!

Sentiu lágrimas quentes nos olhos e escapou-lhe um meio soluço. Não pôde retê-lo a tempo, mas felizmente Roberto não ouviu. Dormia como uma criança, inconsciente do barulho.

Marina escutou sua respiração regular e sentiu quase inimizade por ele. Hoje, Germana compreendera-a melhor que o marido.

A chuva, varrida pelo vento, corria quase horizontalmente. A massa líquida atirava-se, destruidora. O fragor imenso de cascata só não dominava o ritmo de maxixe, batendo ainda no cérebro fatigado de Marina.

Não adiantara nada o esforço de hoje. Não adiantaria coisa nenhuma. Pelo contrário. Tornara a situação mais clara para ela. Até hoje sentira sua incapacidade total para a substituição de Alice. Agora, pela primeira vez, tivera êxito completo dentro de um plano traçado. Mas isso só tornava mais patente sua posição falsa, a impossibilidade de ser feliz, à sua moda, com uma felicidade que não fosse reprodução de outra, que fosse pequena, sem luxo — que lhe importava esse luxo que a cercava? — mas que fosse sua, sem espectros à vista, e a deixasse viver sua própria vida, traçar seu próprio caminho.

Mas, atualmente, precisava deixar de ser ela mesma, representar um personagem. Todos os caminhos lhe estavam traçados. Seu papel era continuar a vida de Alice, refazer a felicidade de Roberto, sem ter liberdade para criar coisa alguma, ou para ser ela mesma. E o conserto, o remendo, apareceria, sempre, como um pano ruscado. Seu papel era remediar o irremediável, fazer uma substituição de emergência.

A chuva era agora de pedras, que caíam sobre as vidraças como a despedaçá-las. Através da porta fechada, parecia a Marina que a clarabóia do hall se havia rompido, tão vivo era o ruído alegre do granizo sobre o vidro. Foi ao corredor,

verificar. Pensava entrar num dilúvio, mas o chão polido da galeria estava seco, e o vidro resistindo galhardamente. Roberto dormia sempre.

Voltou para a cama. Aos poucos, a trovoada afastou-se e extinguiu-se. Nada mais restava, entre Marina e o sono, senão o compasso do samba da moda, latejando-lhe ainda no cérebro, martelando-lhe os nervos.

E os pensamentos! Via como sempre, com os olhos fechados, o retrato de Alice, intangível. De olhos fechados, ninguém, nem Verron, podia conhecer o retrato, como ela o conhecia. Dessa visão não se livraria mais nesta casa.

Nunca. Nunca.

— Não aguento mais, pensava.

Fechou os olhos e procurou a imobilidade, apesar da certeza de que esta noite não poderia dormir. A necessidade do sono venceu, porém, quase imediatamente. O repouso, reclamado pelo seu organismo moço, veio completo.

Dormindo, Marina escapou da sua desolação, mas ao despertar achou-a, como sempre, intacta. Teve consciência dela antes de abrir os olhos, antes mesmo de perceber que estava sendo acordada por uma dor física. Doía-lhe um dente, em que já tivera nevralgias súbitas, mas que, por medo, nunca submetera ao dentista. A dor, a princípio surda, cresceu, fez-se intolerável.

Marina olhou para o relógio e viu que passavam dez minutos das seis. Às oito, ela e Roberto deviam ser despertados, ela porque tencionava ir à igreja receber cinzas; ele por causa de um compromisso no escritório. Marina levantou-se e pôs-se a andar com passadas largas, como se o movimento lhe fosse trazer alívio. Silenciava os gemidos para não acordar Roberto. Faltava-lhe coragem para sair do quarto, para vagar desamparada pela casa hostil e adormecida.

Mas, mesmo no pior da agonia, ela acolhia sofregamente esta dor física que vinha disputá-la à dor moral.

Chegou-se à janela. Viu o jardim atapetado de folhas

verdejavantes que a ventania arrancara das palmeiras. Deitado sobre o gramado, com raízes expostas, viu um pé de azaléia, perfeito, redondo. Seus passos, mesmo leves, acabaram por acordar Roberto. Logo que o marido percebeu seu sofrimento, Marina sentiu-se envolvida pelo amparo da sua dedicação, do seu interesse. O carinho de Roberto sensibilizou-a mais que de costume, pelo seu estado de cansaço, de fraqueza, de impressionabilidade nervosa. A gratidão excessiva chegou a umedecer-lhe os olhos.

Roberto telefonou ao dentista, que ainda estava em casa. Marcou hora. Deu a Marina uma cápsula de aspirina para permitir-lhe esperar o tratamento. Falou em acompanhá-la, ele mesmo, ao consultório.

— Tenho receio que sozinha não vás. É absurdo esse medo que tens de dentista. Mas não há jeito de eu ir. Marquei dois encontros importantes no escritório. Promete que não faltarás.

Para arrancar-lhe a promessa, que custava, demorou-se mais alguns minutos, atrasando-se. Olhava constantemente para o relógio, mas sem demonstrar impaciência. Com palavras carinhosas, conseguiu apagar um pouco o pavor de Marina pela cadeira de dentista, sua resistência a submeter-se ao suplício da broca impiedosa sobre o nervo sensível. Repetiu, ao sair:

— O dentista espera-te às dez e meia e eu conto com tua promessa.

Meia hora depois, telefonava ainda da cidade, pedindo notícias. Marina mesma falou. A dor acalmara-se. Seus ouvidos distinguiram mal as palavras de Roberto, porque a linha estava má. A voz do marido chegava-lhe fraca e longínqua, mas a dificuldade em ouvir parecia, quando afinal as percebia, aumentar o valor das palavras, cheias de solicitude. As últimas vieram duras. A linha consertara.

— Já que estás melhor, dizia Roberto, vou poder trabalhar em paz. Achei aqui muito serviço e não poderei ir almoçar contigo. Olha que o dentista é às dez e meia.

— Mas eu já estou melhor.

— Não é motivo. A dor pode voltar.

O medo tornara a Marina, mal Roberto saíra. Resolveu só ir ao dentista se a dor aumentasse. A hora chegou, e ela a deixou passar, sem ir nem desavisar.

Vestiu-se, porém, e desceu. Dirigiu-se, como de costume, para sua salinha, onde estava o retrato de Alice. Não o vira desde o regresso de Petrópolis.

Depois de qualquer ausência, parecia-lhe sempre que o retrato se tornava mais vivo, que seu poder se concentrava, esperando-lhe a volta, como para lhe provar que não havia vantagem em evitá-lo. Apenas o viu, Marina percebeu sua mensagem de ódio inalterado, passando, cada vez mais forte, da tela para os seus nervos, receptores sensibilíssimos.

Entrou, no entanto, e fechou com relutância a porta atrás de si. Ao fazê-lo lembrou-se que Germana na véspera a chamara de menina corajosa. Estranhara ouvir isso.

Achava-se medrosa física e moralmente. Talvez então se enganasse. Na sala, seu andar e todos os seus movimentos ficaram mais compassados, como nos momentos de receio ou de timidez. Pegou um livro ao acaso e sentou-se na cadeira costumada.

Havia em frente dela um espelho. Sua imagem se lhe apresentava pálida, abatida.

— Nem bonita sou, pensou, mas sem se importar. Quando seus olhos volveram novamente ao retrato, Alice lhe pareceu de uma beleza deslumbrante.

Feia, julgou-se mais exposta ainda à catástrofe de perder a afeição de Roberto em favor de outra mulher qualquer.

Imaginou a alegria sardônica do retrato em tal hipótese.

Seria para Alice a vingança mais clara, mais cheia de satisfação. Para confortar-se contra a ideia de tal perigo, tentou apoiar-se no pensamento de que Roberto não lhe faltaria, mas não achou a procurada tranquilidade. Tudo era possível. Os homens não eram para se fiar. Achou-se parva por se ter julgado capaz de prender um homem que

fora marido de Alice. Excesso de otimismo! Na melhor hipótese a defesa do seu amor seria uma luta da vida inteira e ela não tinha natureza combativa.

Lembrou-se das palavras de Munhoz: “Não. Eu conheço Roberto. E que homem poderia esquecer uma mulher como aquela?”

Veio-lhe um cansaço imenso desta luta que nunca acabaria, uma sensação acabrunhadora de que não adiantava continuar, de que Alice já vencera.

O dente quase não lhe doía, mas latejava ninda. Cada pensamento que lhe vinha ao espírito ia-se adaptando ao ritmo dos latejos. Palavras de derrota “Não adianta, fracassei”, batiam-lhe no cérebro, em pulsações iguais. Às vezes, passavam imperceptivelmente a acompanhar outros ritmos, o trepidar de um motor na rua, um guincho de freios, o pregão de um mascate. E todos os ritmos atiravam-lhe a mesma mensagem, escandavam a mesma confissão de derrota: “Não adianta... fracassei.”

De repente Marina levantou-se.

— Desisto. Vou-me embora, disse.

E repetiu mais alto, olhando para o retrato, “Pois, sim, eu vou. Pois sim, eu vou.”

O barulho da própria voz assustou-a. Nunca falara sozinha. Pensava que isso era para loucos ou gente velha. Dirigiu-se para a porta, sem tirar, um só instante, os olhos do retrato, ladeando, a fim de não o sentir pelas costas. Via, hipnotizada, a mão erguida de Alice, enxotando-a. Saiu. Fechou a porta e, numa corrida ofegante, escapou para o seu quarto.

## CAPÍTULO X

MARINA separou alguma roupa e arrumou rapidamente uma maleta pequena. Não chamou ninguém. Isabel estava de férias, em Santa Rosa, morando na vila com a família. Júlia fazia-lhe o serviço. De Júlia, Marina estava farta. Fechou a maleta e desceu carregando-a. Já estava no meio do jardim quando o porteiro, vendo-a da guarita, correu a tirar-lhe o peso das mãos.

— Chame um táxi, Eduardo, disselhe Marina.

O homem informou, bisonho, que o chofer estava na garagem, com a limusine.

— Não, eu quero um táxi, repetiu Marina.

A limusine seria a continuação. Queria deixar este ambiente desde o portão.

Quando o carro de praça se pôs em movimento, ela lembrou-se de dar uma explicação ao porteiro que ficara perplexo junto à calçada.

— Vou para Santa Rosa, gritou para trás.

Era a primeira vez, depois de casada, que entrava num táxi. Estava calma. Sentia que tomara uma decisão definitiva, um passo que a afastaria para sempre de Alice, e veio-lhe, ao fim da longa luta dolorosa, uma paz nova, que a invadiu toda deliciosamente, a recompensa rara e duramente ganha das naturezas vacilantes.

Não voltaria a Paissandu, mas por enquanto não queria comunicar a Roberto nem a Dona Emília essa resolução inabalável. Eles a conheceriam mais tarde, depois de esgotadas todas as desculpas de emergência, todas as delongas, ou quando o acaso criasse um ambiente propício, um momento de inspiração. De qualquer modo o mais tarde possível. O motivo que a impelia nunca saberiam.

A beleza da praia do Flamengo entrou-lhe pela vista e os sentidos como um inebriante. Nessa hora já estava esquecido o calor tórrido da véspera, o calor que era como uma maldição sobre o litoral brasileiro. A atmosfera, depois

da trovoada, estava de uma limpidez de cristal, trazendo para muito perto as ilhas, revelando-lhes a finura das linhas como um lago ao sol, e, além, a serra dos Órgãos destacava-se, negra e nítida como Marina não se lembrava de a ter visto ainda.

Veio-lhe um grande orgulho de brasileira, diante do quadro que nenhum outro no mundo podia superar. Lembrou-se de ter pensado quando vinha ao Rio como forasteira, que neste panorama as dores e aflições se deveriam dissolver pela simples influência da beleza ambiente. Fora engano! Senão, suas pequeninas misérias não poderiam ter levantado as ínfimas cabeças.

Mas agora, sob o efeito da paz estranha, sentia a magia do Rio plenamente.

— Minha terra, pensou com exaltação.

Era intensamente brasileira, e mais ainda por sentir que o mundo ainda não tinha consciência do Brasil, mas que ele surgiria um dia perante as nações surpreendidas. Amava-lhe a glória futura conjuntamente com o curto passado, que Miguel, mais que qualquer compêndio, lhe revelara — os séculos em que fora primeiro uma colônia ativa, formada com o escol da raça, gente valente e destemida — a colônia que acolhera o próprio rei e seduzira seu herdeiro a preferir o título de Imperador do Brasil ao de Rei de Portugal.

Tudo, no momento, lhe parecia perfeito. Que povo delicado! pensou, notando o modo atencioso com que o chofer do táxi se virou para lhe fazer uma pergunta. Lembrou-se de que, quando ela entrara no carro, ele atirara fora, como um cavalheiro, um cigarro apenas acendido.

Era a típica delicadeza da gente brasileira, de cuja generosidade, comum a pobres e ricos, ouvira uma vez um estrangeiro dizer, com menosprezo:

“É próprio de um povo que não conhece nem o frio nem a fome.”

Mas que importava, se o resultado era o mesmo?

Só quando chegou à estação, verificou que saíra sem

cogitar de horário e que faltava ainda uma hora para a partida do trem. Sentou-se para esperar, num banco duro, e ficou a ver passar o povo em demanda dos trens de subúrbio. Já nada lhe restava da dor de dente.

Passava gente e mais gente num desfile interminável. Raça sem beleza. Amarela de pele, em geral magra e cansada de corpo. Raça curiosamente mesclada. Tipos opostos, cruzando-s com indiferença, sem ter sequer consciência dos contrastes que apresentavam, unidos, no novo mundo, apenas pelo espírito nacional, lenta e solidamente formado, que os fazia brasileiros Cabeças chatas de caboclo, graça bamboleante de mulata, narizes grandes de judeu. Homens louros, de pele fina, e clara, empalidecida nos trópicos. Estrangeiros caminhando com passo ligeiro, no meio da lentidão geral. Toda a escala dos cabelos crespos e dos beiços grossos, recordando a África. Menos brasileiros brancos do que nos quarteirões ricos da cidade — filhos de emigrantes ou rebentos do exíguo patriciado cuja linhagem se conservara pura, aquela aristocracia a que pertencia Marina, cuja família descendia, através três séculos de colonização no Brasil, da melhor origem portuguesa. Aristocracia de que ninguém, nem os próprios filhos cuidava, e à qual Adélia, que tinha os mesmos braços, só começara a dar valor depois do dia em que ouvira Germana se referir, com discreta gabolice, à ascendência ilustre de Marina.

Marina também às vezes proclamava, como outros de sua geração:

— No Brasil não existem preconceitos raça.

Mas sua sinceridade não era completa. A influência de Dona Emília atuava na filha e transmitia-lhe os preconceitos que, em Dona Emília, eram ainda vivos como em seus avós no tempo em que cargas de negros chegavam da África mais numerosas do que as levas de imigrantes de Portugal, e em que era preciso defender os ramos legítimos das famílias.

Dona Emília, criada no regime escravo, recordava-se da

abolição e das discussões tormentosas, à mesa do jantar, enquanto a propaganda varria o Brasil, impelindo-o ao sacrifício que o abalou como um terremoto. Menina então, fora secretamente a favor da lei que ia deixar sem braços e sem recursos a zona em que florescia Santa Rosa.

Tivera um sentimento precoce e secreto por um jovem abolicionista. Comungara na emoção coletiva através da leitura dos jornais. Aprendera de cor O Navio Negreiro, e outros poemas de Castro Alves. Assistiu, enfim, quase sem um suspiro à estagnação rápida de Santa Rosa depois da libertação, acreditando ardentemente no que proclamavam os abolicionistas — que só depois de morto o velho Brasil, poderia o novo surgir, glorioso.

Mas nunca deixou que fossem atingidos os preconceitos de raça em que ela se criara. Conservava-os intactos sob os cabelos brancos, revelando-os por mil pequenos indícios inconscientes. Quando acontecia a Marina dizer, falando de algum negro: “É um bom homem”, Dona Emília corrigia logo: “É um bom preto.”

Ela e Marina tinham os pontos de vista de gerações muito diferentes. Dona Emília percebia logo nas fisionomias indícios de raça africana que a Marina escapavam. Ser branco, para a mãe, era o argumento primordial quando se discutia o casamento de alguém de sua amizade.

Empregara-o com Marina outrora, em favor de Miguel.  
— Pelo menos sabemos que ele não tem raça.

E Marina respondera:

— Pobre Miguel. Só tem méritos negativos.

No relógio da estação, Marina acompanhava o lento movimento do ponteiro. Pensou no espanto de Roberto quando voltasse para casa e não a encontrasse. Chegaria com a alegria costumeira, gritando por ela, mal entrasse em casa, subindo dois a dois os degraus da escada. Veio-lhe um remorso ao imaginá-lo perguntando por ela aos criados, descobrindo pelo porteiro que ela deixara o Rio, procurando uma palavra escrita, um recado, e não encontrando nada. Pelo primeiro trem, embarcaria aflito

para Santa Rosa. Só havia dois trens por dia. Não poderia partir senão de manhã. Toda noite passaria ansioso e só. Quando se reunissem na fazenda, ela explicaria que se lhe tornara impossível suportar o calor, a atmosfera pesada do Rio, e que por isso embarcara impulsivamente, sem refletir. Nem tudo ficaria claro. Roberto se esforçaria por compreender. Seria generoso, mas não poderia deixar de perguntar:

— Por que não me avisaste, pelo menos por telefone?

Procurou palavras que a justificassem. Por fim descobriu o que poderia dizer a Roberto:

— Não te avisei porque meus motivos, postos em palavras, pareceriam fracos, quando eu sabia que eram irresistíveis. Seria uma justificação apresentável. Criou coragem para falar logo com Roberto, sem esperar o dia seguinte.

Restavam-lhe apenas cinco minutos, e a maleta já estava no trem. Hesitou, e de repente percebeu que nunca pensara em deixar Roberto sem explicação.

Não sabia onde estava o telefone. Perguntou no carregador que a servira, e este lhe apontou a cabine, dizendo:

— A senhora não tem mais tempo de falar.

Marina correu para o aparelho. Nunca se servira de um telefone público e atrasou-se, procurando um níquel na bolsa, depois de pedir o número. Assim mesmo, não tardou a ligação, ouviu a voz de Roberto, falando com naturalidade. Marina esforçou-se em falar também de modo natural.

— Foste ao dentista? perguntou Roberto.

— Não, não fui. Roberto, eu quero te dizer que não aguento mais este calor... É... Já melhorou, tens razão, mas eu não aguento. Vou para Santa Rosa.

Roberto respondeu:

— Pois sim. Vamos no fim de semana. Primeiro tens que ir ao dentista.

— Não. Vou embora hoje mesmo. Já estou na estação.

Depois te explico.

Largou o receptor e saiu a correr em direção ao trem, que

já se movia lentamente. Conseguiu alcançar o último carro, e agarrou-se a ele pela grade. Da plataforma alguém auxiliou-a a firmar-se no degrau. Içou-se com presteza e atravessou o trem, à procura do lugar e da mala. Julgou que os tivesse perdido, mas ia lépida, orgulhosa de sua pequena proeza atlética e sorrindo à lembrança do susto de um velho desdentado, que assistira boquiaberto à façanha. Achou seu lugar, com a mala ao lado. Viu com alívio o trem adquirir velocidade, levando-a para longe do pesadelo do Rio.

Sentiu então uma fome devoradora e percebeu que se esquecera de almoçar. À primeira parada do trem, comprou umas bananas e restaurou-se com elas, repartindo-as com duas crianças magras e tristes que viajavam ao seu lado. Sorria para elas luminosamente, como desde muito não sorria.

À tardinha o trem alcançou a estação de Santa Rosa. Marina tomou, para levá-la à fazenda, o único carro de aluguel da vila. Pertencia a um antigo empregado da fazenda. Marina sentiu-se em casa desde que viu a fisionomia amiga do Francisco chofer, mas estava longe ainda. A estrada desdobrava-se por muitos quilômetros, parecendo mais longa por não ter quase sinal de habitação humana, e poucos vestígios de vida animal.

De ambos os lados, colinas ondulantes fechavam a vista, sucedendo-se sem interrupção, sem abrir horizontes, sem deixar uma fresta por onde pudesse escapar o olhar de Marina, ávido de espaço. Verdejavam os morros em toda a superfície, sem nada que prendesse a atenção senão a linha altiva de algum coqueiro contra o céu.

O verde mais distante era de cristas de mata virgem, mas junto da estrada só havia capoeiras e árvores débeis, troncos esguios, apertados uns aos outros, atirando-se para o alto na luta pelo sol, e só ao cimo rompendo em folhagens.

Seriam duas boas horas de viagem, se o Francisco se apressasse bem e não encontrasse atoleiros. Duas horas de

uma estrada rudimentar e nua, que o sol castigava cruelmente até a tarde. Só de longe em longe, alguma velha árvore, que o machado esquecera inexplicavelmente, ficara solitária à beira da estrada. Havia quatro destas árvores, e Marina as conhecia bem. Três mangueiras e um pau-brasil. A mangueira maior ficava bem a meio da viagem. Marina olhou para o relógio de pulso quando a avistou e viu que iam em boa marcha. Encontrariam Dona Emília jantando. Nessa hora a velha árvore já se destacava contra o céu róseo da tarde, com os contornos miúdos dos galhos e das folhas recortados como rendas, e a vegetação parasita, que a sufocava lentamente, balançando-se ao vento. Nas bifurcações dos galhos, os gravatás assentavam suas folhas duras e brilhantes, em forma de gládio. Na imensa monotonia da paisagem, só variavam os tons de verde. Iam do pálido ao escuro, mesclados às vezes de outros tons, derivados do ouro, do branco ou do vermelho, e, de repente, onde passara o tição do homem, interrompidos pelo negro de uma queimada. Junto ao pântano, um lençol de lírios selvagens enchia o ar de doçura capitosa, e uma vez Marina percebeu o bater de asas de um bem-te-vi tardio. Não houve outras interrupções à monotonia do cenário. Marina trocava algumas palavras, de vez em quando, com Francisco, o chofer, que a integrara logo de todas as notícias de Santa Rosa — doenças, casamentos, a morte do agente de correios, a fundação do novo núcleo político. — E como vai minha afilhadinha? perguntou Marina. Não indagara mais cedo, porque estivera durante todo o trajeto, tentando lembrar-se como se chamava a caçula de Francisco. Mas desistira. Eram tantos os afilhados! — Vai bem, sim, senhora. Não dá trabalho. A afilhada de Sinhá Emília é que anda com uma bronquite bem ruim. Aquela menina é uma doença atrás da outra. O crepúsculo caiu rapidamente, tropicalmente, velando o céu como uma gaze, deixando-o luminoso ainda, mas sem cor precisa. Os contornos das colinas fizeram-se mais

nítidos, mais definidos, ao enegrecerem.

Marina sentia a vastidão sufocante que o Ford ia atravessando valentemente, até nos lances ladeirentos. Tinha a sensação de estar perdida no mundo. Quando viu aparecer a estrela da tarde, brilhando solitária na vastidão fixou os olhos nela como num reflexo de si mesma.

Sentia sempre opressão diante da natureza do Brasil. Não da fazenda, o pequenino centro de vida formado em torno da casa-grande de Santa Rosa, e que entrara no coração, mas diante de aspecto que agora se lhe apresentava, do Brasil bravio, abandonado, desta natureza tão diversa da europeia, das paisagens firmadas em sua memória por tantas recordações de infância trazidas das viagens, e reavivadas sempre na leituras. Aqui nenhuma das renovações de quadros que lhe pareceram tão belos, nem os tenros verdes de abril, nem os galhos desnudados do inverno; nem as flores dos jardins campestres com as trepadeiras enfeitando os casebres. O homem ainda não criara, nesta terra nova, beleza alguma. Sua colaboração não passara por enquanto do combate perene, contra a vegetação que, da noite para o dia, apagava os traços humanos.

Era a natureza europeia que o espírito civilizado de Marina amava como se fosse a sua, e não esta, não a tropical. Nas zonas temperadas de terras distantes, onde aparecia por todo lado a obra do homem e onde à noite sua candeia guiava o viajante, era que Marina podia encontrar paz. Eram suas belezas, já muito descritas, já contadas através dos séculos, que a empolgavam, com a força do que fora dito e sabido por muitas gerações, formando um quadro grato aos mantidos, claro ao pensar. Os nomes de suas plantas eram os que ela conhecia melhor, ensinados pelas leituras. As flores que preferia eram as flores que colhera em pequena, no meio dos campos de trigo ou de relva. Por padrão da beleza de árvores, serviam-lhe os carvalhos que sombreavam os parques onde brincara em criança, viajante de passagem.

No Brasil, só se deixara conquistar, sem iniciação, pelas árvores que se coloriam por inteiro na florescência. O ouro puro dos ipês, as variedades infinitas das acácias, o rosado da flor de paina, o roxo das quaresmas. Na incipiente literatura brasileira, ninguém ainda lhe despertara a percepção, ninguém lhe apontara o que seus olhos não sabiam ver. Agora, fulminantemente, quase chegando à fazenda, ela mesma descobriu que, embora seus pensamentos estivessem sempre em outros cenários, era este que lhe pertencia. Compreendeu que era filha desta terra brasileira, filha até a medula, desta natureza misteriosa e temível, onde lutaram seus avós, e de onde lhe vinha essa nostalgia da alma que a perseguia na vida. Num rasgo de exaltação, pressentiu que o Brasil ainda acharia quem o cantasse dignamente, que a beleza que ela ainda mal desvendava aparecia aos seus descendentes muito clara, através de palavras de gênio, e que vozes surgiriam em tempo para exprimir aquilo que ela, Marina, hoje apenas sabia sentir.

Caiu a noite. Brilharam junto à estrada os olhos fosforescentes de um gato. A escuridão envolvia tudo, falsa e perigosa, sob a quietude desatinante. Mas depois, em casa, abrigada duplamente pelas paredes velhas, e pelos braços de sua mãe, Marina, debruçada à janela, pôde respirar o encanto da terra com júbilo e compreensão.

## CAPÍTULO XI

QUANDO O Ford que a trazia estacou em frente da porta, Marina viu a gente da casa correndo para as janelas e Dona Emília saindo ao seu encontro. Vozes alvoroçadas espalhavam a notícia da chegada de Sinhazinha.

Dona Emília levantara-se da mesa de jantar, segurando ainda o guardanapo, o rosto resplandecente de alegria e surpresa. A mãe e a filha atiraram-se nos braços uma da outra, trocando um olhar de observação sôfrega e satisfeita.

Atrás de Dona Emília, os empregados mais antigos chegavam-se também. Marina abraçou a Babá Velha, e acenou saudações ao pessoal:

— Viva Felícia! Sempre por aqui, Carlos? Você engordou, Maria.

Seus olhos, brilhantes de emoção, corriam pela casa, reparando tudo com a mesma avidez feliz com que haviam olhado para Dona Emília.

— Marina, minha filha, que magreza! Por que não me avisaste que vinhas? Onde ficou Roberto? perguntou Dona Emília, que não cessava de falar.

— Roberto vem amanhã. Não tive tempo de avisar porque só resolvi à última hora. Vim descansar um pouco. Que tal o jantar? Estou com uma fome louca. Só almocei banana.

— Banana só! Então você está esfomeada. Eu estou começando a jantar. Há sopa de ervilhas, frango assado, e doce de leite da sua Babá.

— Ótimo menu, aprovou Marina. Só quero dois minutos para lavar as mãos.

Seis pares de mãos armaram logo outro lugar à mesa, enquanto Dona Emília se agitava dando ordens que ela mesma ia executando.

Sentaram-se à mesa, na ampla sala, tão ampla que a luz da única lâmpada de querosene não bastava para iluminá-la nas extremidades.

— Que cheirosa está a sopa, disse Marina! Mamãe, que tal acender outra lâmpada no aparador?

— Acende-se já, respondeu Dona Emíliã Ouviu, Felícia? A não ser que houvesse hóspedes, só se acendia, à noite, uma lâmpada em cada peça. O casarão enchia-se de sombras misteriosas. Marina, em pequena, seguia a gente grande de sala em sala com medo de ficar só.

Tudo em redor dela estava como sempre fora. A casa e os objetos, peçados de recordações prendiam-lhe os olhos e enchiam-lhe o coração de tranquilidade feliz. Sentia-se completamente segura, salva da tormenta, como um navio recolhido ao porto. Tinha a alma em paz e o corpo sadiamente fatigado, como se tivesse passado o dia a cavalo pelos campos. Sentia um apetite devorador e uma sonolência deliciosa. Poderia sem esforço adormecer ali mesmo na cadeira, em pleno jantar, como lhe acontecia em pequena, sem ter depois consciência nem dos braços do pai carregando-a pela escada acima, nem das mãos da Babá despindo-a sobre a cama.

— Que jantar gostoso! disse.

Principiava o frango quando ouviram o ruído de um motor aproximando-se.

— Outro carro! exclamou Dona Emília.

O coração de Marina fez-se pequenino.

Veio-lhe a certeza de que era Roberto a chegar. Achou natural, inevitável, essa chegada. Ele haveria de vir logo, em trem especial. Pensou: Eu quisera estar morta.

Via um escândalo iminente. A esta hora, já toda a vila devia saber o que, dentro de poucos instantes, o pessoal da fazenda também saberia: seu marido seguira-a e agora ia exprobrá-la diante de todos.

O espectro de Alice, que ela esquecera, parecia ocultar-se nas sombras, pronto a arrastá-la de novo a Paissandu.

Abatida e trêmula, Marina dispôs-se à resistência.

“Não volto, pensou. Não volto!” Viu a mãe levantar-se, levada pela curiosidade, e sair da sala. Ouviu parar o carro junto à porta e percebeu uma voz de homem, mas não era a

de Roberto. Não se moveu. Deixara cair os talheres e agora esperava, numa inércia dolorosa. Sentia-se indiferente como se já estivesse morta.

“Que venham os dois”, pensou, “ele e Mamãe. Tapo os ouvidos”.

Dona Emília voltou só, trazendo um telegrama. O rebuliço descomum encantava-a e aumentava-lhe a animação habitual.

— O carro da Fazenda Mirim chegou até aqui para deixar isto, disse. Há de ser de Roberto.

Marina tomou molemente o telegrama, ma não o abriu. Tinha medo de encontrar lá sua repudição definitiva, a sentença de Roberto, uma declaração de que tudo estava acabado entre eles. Relanceou pela sala um olhar desesperado. A segunda lâmpada acabava de chegar e dissipara as últimas sombras. Marina, com o telegrama entre os dedos, parecia esquecida de tudo.

— Por que não abres o telegrama? perguntou Dona Emília. Marina levantou os olhos. A atividade incessante da mãe enervava-a. Obedecendo-lhe, abriu o envelope e leu a mensagem. Dizia:

“Aflitíssimo. Sigo para aí amanhã.

— É de Roberto? perguntou a mãe.

— É.

— Vem sempre amanhã?

— Vem.

Dobrou o telegrama muito cuidadosamente, marcando cada dobra com a unha, com grande precisão, num gesto automático e abstrato.

— Agora janta, ordenou Dona Emília. Não gosto dessa cara de sonâmbula. Estás doente?

— Não. Estou bem, disse Marina.

— Sabes o que pensei quando te vi chegar assim, de repente e tão magra?

— Não sei, não.

— Pensei que você vinha me anunciar um neto.

— Não. Não é isso, não. Não é nada. Estou bem.

— Estás é abatidíssima. Vais tomar já um cálice de vinho do Porto.

Marina aceitou. Aos poucos voltaram-lhe a calma e o apetite. Ao fim do jantar, estavam, ela e a mãe, outra vez felizes, numa troca animada de perguntas e de respostas.

— Vou já para a cama, disse Marina ao levantarem da mesa.

Dona Emília acompanhou a filha ao quarto e só a deixou no instante de apagar a luz. Ficou apenas a lamparina, antiga confortadora de Marina, a mesma que desde a infância lhe fazia companhia, uma chama pequenina, boiando sobre azeite, na jarrinha bojuda de vidro vermelho. Dava ao seu quarto uma intimidade suave e quente.

Ali também, nada mudara. Só ela, Marina, estava outra. Em seis meses de casamento parecia-lhe ter vivido muitos anos. Sentia-se velha de tanto sofrer. No entanto por nada neste mundo regressaria ao tempo em que não conhecia Roberto, ao tempo de solteira em Santa Rosa.

O cheiro úmido da vegetação da roça unia-se ao aroma seco de capim-cheiroso que perfumava a cama. Puxou os lençóis até as narinas e suspirou de alívio.

Um alívio imenso, que começara no momento em que o táxi se afastou da casa de Roberto, que depois não cessara de crescer, e que se completara no momento de abraçar sua mãe. Alívio que desde o princípio ia apagando e destruindo a imagem de Alice.

Agora sua única preocupação era Roberto. Pesava bem as poucas palavras do seu telegrama: “Aflitíssimo. Sigo para aí amanhã.” Não conseguia imaginar Roberto aflito. Sempre o vira, ou reagir contra os aborrecimentos, ou deixá-los passar ao largo. Poderia ele, com sua filosofia prática e comodista e seu gênio folgazão, estar realmente aflito? Aflitíssimo?

Evocou sua alegria expansiva, seus mil cuidados com ela. Apesar de tudo, ela tivera, nestes últimos meses, muitos momentos de felicidade. “De Roberto nunca me veio uma decepção”, pensou. No entanto não se arrependia. Seria

tão impossível arrepender-se de sua fuga quanto lastimar-se de ter escapado de um cárcere ou salvo de um naufrágio. Amanhã, faria outra vez o mesmo. Impossível seria ficar em Paissandu, na casa de Alice, onde só via a loucura. Preferia mil vezes a ideia da morte, não decerto pelo suicídio, mas o descanso por vontade de Deus no cemitério de Santa Rosa, onde repousavam seus avós. Só encontrava satisfação na lembrança de que, à última hora, havia telefonado a Roberto. Não partira sem aviso, como uma esposa infiel. Não o deixara receber a notícia pelos empregados. Achava grande conforto em pensar que afinal ela mesma falara ao marido.

Tinha curiosidade de saber como se passaria seu encontro com Roberto, de que modo ele receberia a notícia de uma demora indefinida em Santa Rosa. Roberto orgulhava-se de sua tolerância moderna e civilizada, a respeito da liberdade da mulher. Talvez porém suas teorias não resistissem à prova prática.

Todos os pensamentos e todas as sensações desta noite eram para Marina secundários ao alívio que a banhava toda, à alegria de estar em casa, em sua casa, de ter escapado à influência mórbida que a perseguira durante meses.

Bastava-lhe isto. Contentava-se com o presente. Por hoje, abria mão do futuro. Não lhe interessava saber se caminhava para uma velhice solitária, entre estas mesmas paredes em que hoje achava refúgio. Estava afinal longe do retrato de Alice, e fora do alcance de sua presença inimiga. Os problemas que enfrentava faziam-se relativamente leves, porque eram racionais e não espectrais.

Preocupavam-na, mas fazendo-a pensar, não tremer. Não lhe faltavam dúvidas para resolver. A preocupação tirava-lhe o sono, mas apresentava-se sem mescla de terror. Era agradável sentir-se calma e senhora de si, e poder, no meio dos problemas, gozar ainda do seu bem-estar, do regresso a seu quarto de menina, à sombra amiga da lamparina.

Conservar Roberto e o seu amor... Sacudir para longe sua casa e tudo que se relacionasse com Alice... Dilema doloroso, mas em que sua escolha estava feita. Não voltaria. Nesse ponto não hesitava.

Alucinação, obsessão, ou o que fosse, Alice lhe tornara a volta impossível. Faria compreender a Roberto que viera para Santa Rosa por sua vontade e que ali ficaria. Era preciso tornar isso claro logo que se avistassem.

Compreendia a importância do seu encontro com o marido. Roberto se mostraria provavelmente irritado, além de aflito, e seria necessário evitar qualquer cena, qualquer desabafo, afastar Dona Emília no primeiro momento, e depois resistir, com firmeza e doçura, às instâncias ou às intimações de Roberto, assegurar sua demora em Santa Rosa, ganhar tempo. Não precisava dizer-lhe logo que saíra de vez. Diria, o menos possível. Tentaria apaziguá-lo com carinhos, com desculpas. Confiava no seu poder sobre ele e no simples efeito de sua presença.

Preparou frases, e estudou com cuidado o lugar em que se encontrariam. Decidiu-se pelo terraço de frente, por ser afastado do movimento caseiro e porque lhe pareceu de boa política esperá-lo ali, como mulher carinhosa, assistir ao primeiro apontar de seu carro ao longe.

Esperara-o assim na manhã do seu noivado. No terraço da frente concentravam-se para eles as melhores recordações do tempo de noivos. Poria o mesmo vestido de seda estampada que usara quando se viram pela primeira vez. Trouxera-o com ela por um simples acaso, por uma inspiração de momento. Depois de atirar na maleta os objetos indispensáveis, à última hora, fechando seu armário, uma ponta desse vestido prendera-se na porta. A seda alegre acenou para a velha afeição de Marina e ela num relance enrolou o vestido e meteu-o num canto da maleta.

No meio dos seus projetos, Marina adormeceu, exausta pelas emoções do dia e pelas insônias recentes. Mergulhou num sono restaurador e, quando acordou, a luz da manhã

já banhava seu quarto, docemente.

Percebeu que o dia estava feio, pela falta de reflexo do sol nos interstícios da veneziana. Não tardou em vir a chuva. Ouviu-a chegar, primeiro devagar, num murmúrio de segredo; depois com as goteiras, misturando ao som macio suas notas dispersas e grossas.

Sua velha Babá, pisando leve e rindo com todos os seus dentes brancos, trouxe café ao quarto. O sorriso de Marina acolheu-a ao abrir a porta, preguiçoso, bem-aventurado.

— Conforto é isto, Babá Velha, disse Marina. Ser servida por você na minha bandeja antiga, com minha leiteirinha rachada, dormir bem em cama dura e acordar sem sombra de nervos. Nem sombra, Babazinha.

— Então você precisa ficar aqui uns dias, disse a negra.

— Qual dias! Meses é de que eu preciso.

Veio depois Dona Emília, roubando uma hora aos afazeres matinais para distrair-se com a filha. Marina falou pouco. Ouvia, acompanhando os gestos e as expressões da mãe com uma ternura secreta.

— Estás com outra cara hoje, observou dona Emília.

— Já me sinto outra.

— Que maleta pequena! Só trouxeste isto?

— Só. Minha bagagem vem depois. Trouxe um vestido só, aquele de florezinhas, que eu comprei na Madame, antes de ficar noiva. Quero-o passado a ferro daqui a pouco.

Mais tarde Marina vestiu-se com alegria. Enfeitou-se cuidadosamente para Roberto, arranjando as ondas do cabelo com uma paciência desusada. Viu que estava bela, que tinha a pele fresca e os lábios brotando em sorriso.

Desceu para o terraço e esperou tranquila. A manhã cinzenta ameaçava mais chuva. Sentia os ladrilhos úmidos sob seus pés. Poças rasas e negras enchiam as depressões do velho calçamento. A neblina cobria os morros, como um véu de prata. Diluídos na bruma, os eucaliptos do cemitério, finos e muito altos, pareciam fantasmas de árvores.

O carro que trazia Roberto, o mesmo que a trouxera na

véspera, surgiu no nevoeiro junto à porteira da fazenda. A um aceno de Marina, o Ford desviou para a direita e veio parar junto aos degraus do terraço. Roberto saltou lepidamente.

Vinha aflito, mas sua expressão de ansiedade dissipou-se ao primeiro olhar sobre Marina. Roberto não esperava encontrá-la assim, florescente, feliz.

Observou-a então com severidade. Não foi ao encontro do seu beijo efusivo, e até resistiu-lhe levemente, de modo que os lábios mal se roçaram. Marina sentiu o aroma agradável da sua loção de cabelo, mesclado ao do seu fumo.

— Então, que houve? perguntou Roberto.

— Nada.

Ele repetiu, contrariado:

— Nada?

— Não... Tive saudades de Santa Rosa.

— Mas por isso não ias partir assim, quase sem aviso.

Pensei que estivesse doente. Imaginei que houvesse algum motivo grave.

— Não. Nada de grave.

A voz do Dona Emília fez-se ouvir de dentro de casa, saudando a Roberto mesmo antes de se avistarem. Marina pôs um dedo misteriosamente sobre os lábios, para recomendar discrição ao marido. Ficaram os três, alguns momentos, trocando palavras sem importância. O modo de Roberto com a sogra era cordial, mas dirigindo-se à esposa, seu tom fazia-se reservado e curto. Marina fingia não perceber. Segurava-lhe o braço afetuosamente e, de repente, interrompeu a palestra, perguntando:

— Mamãe, será tarde para preparar molho de maionese, para o almoço? Roberto gosta tanto.

— Há tempo de sobra, respondeu Dona Emília, solícita, e, no mesmo instante, como Marina queria deixou-os sós.

Prendendo ainda o braço do marido, Marina conduziu-o até à frente do terraço. Ficaram parados uns momentos, voltados para o vale suave e para os morros enevoados. A expressão de Roberto não se adoçara. Sua fisionomia

severa repelia as tentativas de paz, mas, pelo simples efeito do ambiente de Santa Rosa, Marina sentia-se à vontade com ele. Parecia-lhe ver ao seu lado, outra vez, o Roberto da noite de São João, o Roberto do seu noivado e da sua lua-de-mel no Rio da Prata, um Roberto inteiramente diverso do marido de Alice, dono de um palacete construído e mobiliado por ela, e refazendo, ali mesmo, seu lar com outra mulher.

Agora, restituída a Santa Rosa, parecia que nada de mau a poderia atingir, que o velho solar a amparava e que o apoio de sua mãe era a coisa mais segura do mundo, a única que nunca lhe poderia faltar. Dona Emília, vendo-a sofrer, não deixaria de a sustentar contra todos, até contra o marido... Aqui o estranho era Roberto.

Sentia-se independente, igual ao marido. Surpreendia-se mesmo com a própria tranquilidade, diante da reprovação que ele ostentava no rosto e que, no Rio, ela teria julgado impressionante. Ali, qualquer aborrecimento de Roberto tomava proporções olímpicas, assemelhava-se à justa irritação de um semideus. Marina se escandalizara de ouvir Germana levar de brincadeira os amuos do irmão, mas agora era ela mesma quem perguntava, num tom jocoso de engabelo, como se falasse a uma criança:

— Então, estás muito zangado comigo?

— Estou menos zangado que sentido, disse Roberto. Sofri muito.

Houve um silêncio, que, da parte de Roberto, parecia dizer: Você me deve uma explicação e não há de ser com auxílio meu; nem aceitarei desculpas. O silêncio de Marina era de concentração. Tinha em vista seu objetivo: não ceder, não voltar. Pensava:

“Já sai, está feito.”

Não se deixaria interrogar. Roberto que aceitasse o fato consumado e que perdoasse. Por enquanto, ele não precisava saber que ela nunca mais voltaria a Paissandu. Faltava-lhe coragem para impor condições ao marido, para ousar dizer: “Escolhe entre mim e a casa. Se quiseres levar-

me para um hotel, sigo já. Eu te acompanharei para onde quiseres, menos onde morava Alice.” Receava perder tudo se pusesse Roberto a esta prova.

Roberto falou primeiro, não conseguindo reprimir por mais tempo o desabafo.

— Foi a maior surpresa de minha vida! Tu, tão submissa, sempre me consultando sobre tudo, desta vez não quiseste saber de nada. Não foi só o prevenir à última hora. Foi o modo com que preveniste. “Não. Já estou na estação.” A opinião do teu marido não te interessava. Corri para a estação, mas naturalmente cheguei tarde. Não consegui um trem especial, porque esta miserável linha nem locomotiva tem. Só podiam arranjar-me trem às quatro da madrugada.

— Mas não vieste pelo trem de carreira?

— Afinal vim. Só por duas horas de diferença não valia a pena tomar um especial. Marina fitou-o com uma curiosidade observadora.

— Você nunca perde a cabeça, Roberto.

— Não adianta perder a cabeça, respondeu.

Desde o princípio da entrevista, ele evitava o olhar de Marina, revelando claramente a preocupação de se precaver contra sua beleza e contra qualquer sedução magnética que pudesse apressar o perdão. Agora relanceou os olhos sobre ela, como a medir a extensão da crítica, escondida nessas palavras sobre perder a cabeça. Depois falou:

— Vejo pelo teu aspecto que tua saúde não foi o motivo da partida. Nesse ponto, estive me afligindo sem razão.

— Estou muito bem, respondeu Marina.

— Vê-se logo. Há muitos meses que não te vejo tão viçosa. Juro que passaste uma boa noite.

— E tu?

— Eu há cinco noites que estou mal dormido. O chuveiro frio é que me tem salvo. Esta última noite não fechei o olho.

— Devias ter dormido.

Ele olhou-a com amargor.

— Eu não queria dormir. Queria era saber... O azedume

alterava-lhe a voz, amortecendo-lhe a sonoridade cheia. Seu perfil perdera em beleza e em força. De vez em quando, tremiam-lhe os lábios. A autoridade, costumeira e jovial, desaparecera do seu modo. Marina descobriu que havia, no encanto habitualmente exercido por Roberto, alguma coisa que não era dele, mas emprestado pelas circunstâncias favoráveis, em que sempre se movera. Parecia que a adversidade o mudava.

— Não sei se avalias, disse Roberto, o que passei nesta última noite.

— Avalio, sim, Roberto. Logo que chegou o teu telegrama, fiquei a par. Antes não pensei nisso. Aliás, não pensei em nada. Só queria sair, fugir... Foi um capricho, disse, lembrando-se da graça que Roberto achava nas fantasias de Alice e da alegria que ela mesma lhe causara no dia em que o surpreendeu na estação, para acompanhá-lo a São Paulo sem alegar outro motivo senão este mesmo... “Foi um capricho.”

Seu rosto brilhou um momento com a esperança rápida de ter encontrado saída. Olhou para Roberto a ver se ele se deixaria enganar. A expressão de Roberto não mudara.

— Histórias, disse ele. Tudo isso são desculpas forjadas. Tu não és mulher de caprichos. És mulher do dever. E não podias deixar de saber que eu ficaria aflitíssimo. Na estação, não te encontrando, veio-me a esperança de achar alguma explicação em casa, e corri para lá. Não quis humilhar-me, perguntando aos criados se tinhas recebido algum telegrama ou qualquer recado. Perguntei apenas, com negligência, se veio visita para ti.

— Coitado do meu marido, murmurou Marina.

Quis afagar-lhe a mão, mas ele a retirou.

— Não me faças de tolo, disse. Eu percebo muito bem a indiferença com que me escutas. Estás aí como uma imagem de pedra.

— Não sejas injusto, Roberto. Eu nunca seria indiferente a qualquer sofrimento teu.

— Se isso fosse verdade, tua atitude seria outra.

— Não quero que ponhas em dúvida o meu amor, Roberto. Para mim só tu, meu marido, importas no mundo. Nada mais.

— Então sê franca comigo.

— Mas eu não estou mentindo... Eu estava com saudades de Mamãe e da fazenda... Sentia-me deprimida, cansada do calor. Quis vir para Santa Rosa e tive medo que, se pedisse, tu recusasses. Eu viria assim mesmo. Precisava sair, escapar...

— Mas de quê?

— Não sei explicar de quê. Só tenho certeza de duas coisas — que eu te amo e que quero ficar aqui. Quisera também guardar-te aqui, porque aqui tu és aquele a quem amei desde o primeiro momento e não o industrial importante cuja casa eu não tenho competência para dirigir e cujos amigos eu não sei receber.

— Tolices! Só porque ainda tens algumas coisinhas que aprender.

— Por favor, olha para mim, Roberto. Não desvies assim os olhos de propósito. Enquanto ficares com essa cara fechada, essa máscara, não nos poderemos entender.

— Pois bem. É difícil, mas vou procurar esquecer as minhas queixas. Vamos ver se esclarecemos o caso. Não te acusarei, mas quero fazer-te algumas perguntas. Ainda estou aflito, talvez mais que antes.

— Fazes as tuas perguntas, Roberto.

— A primeira talvez seja tolice. Quero saber se suspeitasse alguma vez que eu estivesse preocupado com outra qualquer mulher. Pode ser que algumas vezes me tenhas achado amável demais e mesmo galanteador, com uma ou outra, mas podes ter certeza que essa corte de salão nunca me mereceu um pensamento.

— Por favor, Roberto! Sou uma menina da roça, mas isso eu não poderia pensar.

— Então, dei-te outro motivo qualquer de queixa?

— Nenhum. Foste sempre perfeito em tudo. É por te querer demais que não me sinto feliz no teu meio. Quisera trazer-

te para o meu, conservar-te aqui, em Santa Rosa.

O olhar de Roberto circundou perplexamente a paisagem suave e pousou novamente sobre Marina.

— Aqui? Queres que eu fique aqui? É gracejo.

— É sincero.

— Mas isso não podes esperar. Não é isso que me pedes. Dize exatamente o que esperas de mim.

— Pelo menos que me deixes ficar aqui algum tempo. Adoro esta minha terra. Estava com saudade de Mamãe.

— E eu? não preciso de ti? Ainda se tivesse partido com meu consentimento!... Não quero cair outra vez em recriminações, mas deves compreender que teu lugar é junto de mim, que teu dever é voltar.

Agora, que procurava ser generoso e que, por um esforço da vontade, despira a expressão rancorosa de sua fisionomia, Roberto inspirava pena a Marina. Seu ar perplexo, perdido, comoveu-a. Ela desviou rapidamente os olhos. Não queria que Roberto percebesse a névoa de lágrimas que surgira neles. Mas desviou-os tarde. Roberto exclamou:

— Não chores, meu amor!

Na sua voz, também, uma leve rouquidão denunciava lágrimas próximas. Marina chorou então abertamente. As atitudes serenas estavam-se tornando impossíveis para ambos. As represas de sentimento começavam a desmoronar. Pairou entre eles a certeza de que seu amor recíproco não falhara e era indestrutível.

— Nosso amor é um fato, disse Roberto.

— É o que há de mais certo no mundo, respondeu Marina. Estavam já nos braços um do outro, e Roberto enxugava com beijos os olhos da mulher.

— Vim buscar-te, meu amor, disse. Voltemos hoje mesmo para o Rio.

Marina escapou-lhe dos braços.

— Isso não, respondeu.

Olharam-se novamente, ele surpreendido com o novo obstáculo, ela assustada, como diante de uma ameaça.

Ambos retomaram atitude defensiva. Parecia que o momento anterior, de pura ternura, nunca existira.

— Mas foi para isso que vim, explicou Roberto, com paciência. Foi para te buscar.

— E se eu não for contigo?

— Tens que ir. Tu não és livre, és casada.

— E se eu pedir por favor que me deixes ficar aqui, pelo menos algum tempo.

— Terás que alegar um motivo justo.

Caiu outro silêncio entre eles, enquanto a divergência de novo os separava com um abismo. Desta vez a separação definitiva parecia iminente. Houve um momento em que Roberto, procurando alguma coisa com os olhos pelo terraço, perguntou:

— Que fim levaram minhas malas? Já foram para cima?

O Ford não partira ainda. O Francisco chofer entrara na cozinha para tomar café. Marina receou que Roberto voltasse dali mesmo e nunca mais atravessasse o limiar daquela porta. Alguma coisa, porém, prendia-o ali, ao seu lado. Não se olhavam. Tudo, até a vista agradável dos campos e das colinas, lhes parecia lúgubre, cheio de maus augúrios. Trivialidades introduziram-se na conversa.

— Dona Emília pôs telhado novo no engenho, observou Roberto.

— É. Estava chovendo dentro.

De repente Roberto perguntou:

— Onde foste no caminho da casa para a estação?

— A lugar nenhum. Saí cedo demais e fiquei sentada lá, esperando o trem.

— A lugar nenhum?... Então por que tomaste táxi?

— Não sei. Outro capricho.

— Não trouxeste bagagem?

— Só trouxe uma camisola, uma muda de roupa e isto...

Enquanto falava, enroscava, nos dedos, uma ponta do vestido que caía como uma écharpe.

— Esse é um vestido que já tinhas antes de casar, não é?

— É. Estava com ele quando te vi pela primeira vez e usei-o

muito durante o nosso noivado.

Roberto desviou novamente o olhar, que se fizera mais doce. Disse:

— O jasmim-do-cabo está sem uma flor.

— Nem uma... E a manhã está tão feia! Não ajuda. Nós nos entenderíamos melhor se houvesse sol.

— Eu não posso te entender, Marina, só porque não me dizes nada. Escondes alguma coisa.

— Pois bem, vou-te contar, respondeu, decidida de repente a explicar tudo a Roberto, a dizer-lhe o que sofrera e imaginara sob a influência da casa de Paissandu.

Fez um esforço sincero para começar, mas não conseguiu.

Lembrou-se de sensação semelhante quando uma vez, criança ainda, tentara saltar uma barreira, que outras meninas menores haviam vencido sem custo e que ela sentia também ser fácil para sua altura e agilidade. Alguma coisa nela não obedeceu, no entanto, ao comando da razão. As outras crianças riram julgando-a medrosa, mas ela mesma só tivera a impressão de uma mola quebrada nas forças internas que a serviam.

— Um dia eu te conto, disse a Roberto Agora não posso.

— Estás arrependida do teu casamento, acusou Roberto. Preferirias o teu primo.

Ela respondeu quase ferozmente:

— Isso não é possível que penses!

— Haverá então alguma incompatibilidade.

— Contigo? perguntou Marina escandalizada.

— Então é com o meu modo de vida, mas dá no mesmo.

Não se muda um homem de trinta e cinco anos pelo molde de uma menina de vinte. Agora entendo. Não me amas bastante para suportar meus amigos, minha irmã, para te interessares pelos meus negócios e meus lucros. Não aprecias o que eu possa te oferecer. Detestas a cidade em que vivo.

— Não. Isso não é exato. Não detesto o Rio, pelo contrário, mas ainda não me adaptei ao teu meio, ainda me sinto uma estranha. Sofro de não me sair bem em nada.

— Dizes que não te sais bem! Quando eu nunca tive tanta certeza do meu amor por ti quanto tenho neste momento! Estou é com uma mágoa profunda. Esses meses contigo, meses do nosso casamento, foram felizes para mim, e eu confiava bastante em tua afeição para ter certeza que foram também felizes para ti, que não podiam deixar de ser felizes!

Marina pusera-se de novo a chorar, embebendo o lenço de lágrimas. Roberto levantou as mãos para o alto como se estivesse apelando para o céu e os morros.

— Pensar que chegamos a isso, sem que eu sequer o suspeitasse! Que o Rio se tornou insuportável a minha mulher sem nenhum sinal, quando, pelo contrário, a alegria dela na véspera foi notada por todos. Não lhe conheci razão de queixa. Fiz tudo que podia para lhe agradar. Não lhe recusei nada. Dei-lhe uma situação invejável.

— Invejável, repetiu Marina, abstrata.

— Eu devo ter sido muito inábil.

— Não, não, gemia Marina.

Roberto pôs-se a andar pelo terraço. Depois voltando a ela disse:

— Você compreende que, se eu ceder agora, a vitória terá sido sua em toda a linha. Você me fez passar uma noite de angústia e agora não quer transigir nem explicar.

Marina olhou-o, fixa e calada. Não percebeu que a resistência de Roberto chegara ao fim, que a luta entre eles estava terminada e que ela vencera. Permanecia encostada ao gradil, inconsciente de que a chuva já caía, fina e cerrada:

— Vais-te resfriar, advertiu Roberto. Está chovendo.

Ela levou a mão à cabeça e percebeu que seus cabelos estavam molhados. Viu que o vestido já se lhe colara aos ombros, pondo a pele a nu.

— Entra, disse Roberto. Conduziu-a pelo braço, obrigando-a a correr, até entrar na sala. Ordenou: — Vai mudar de vestido, senão te resfrias... Podes demorar-te aqui algum tempo com tua mãe. Eu virei passar os sábados e

domingos.

— Roberto!

No seu olhar surpreso, a gratidão surgiu tão eloquente que Roberto acrescentou:

— Quando puder, eu ficarei mais alguns dias. Amanhã, do Rio, mando a tua bagagem.

Dona Emília entrou na sala e disse:

— O almoço está na mesa. Os abraços podem esperar.

Antes de virar-se, Marina sussurrou ao ouvido do marido:

— Não contes a Mamãe que eu parti sem saberes. Ela não tem tua generosidade com meus caprichos.

E voltou para Dona Emília a face radiosa:

— Mamãe, contemple em mim uma mulher feliz!

— Deus te abençoe, minha filha, disse Dona Emília.

E logo:

— Você não tem juízo. Esteve apanhando chuva.

## CAPÍTULO XII

PELA VISITA anterior a Santa Rosa, Marina sabia o proveito que ia tirar da sua estada lá. Vieram agora os mesmos benefícios, acompanhados da mesma impressão inefável de convalescença, que enfeitava com cores novas o universo inteiro. Repousou longamente, numa grande felicidade vegetativa.

Voltou a todos os hábitos antigos. Plantou novos canteiros de flores em redor da casa. Recomeçou suas aulas de catecismo para as crianças, dizendo que ia prepará-las para a primeira comunhão.

— Mas não estarás aqui, lembrou Dona Emília.

Via a mãe trabalhar. Dona Emília era incansável. Conseguia achar ocupação para um sem-número de indivíduos mais ou menos a seu cargo. Ela mesma nunca parava.

— Eu descanso fazendo outra coisa, dizia sempre.

Poucas de suas predecessoras, as fazendeiras de Santa Rosa através dos anos, as Sinhá Moças, Iaiás, Nhanhãs, Nhã Santas e Nhã Rosas, haviam demonstrado competência igual à sua. Sua própria mãe fora antes de feito indolente, como a neta, Marina. Em matéria religiosa, a negligência materna ficara indelévelmente impressa no espírito infantil de Dona Emília, por palavras ouvidas na meninice da boca de um bispo, hóspede de passagem em Santa Rosa.

Em honra pelo prelado, a mesa do almoço fora preparada como para um banquete. Os olhos da pequena Emília regalavam-se ao ver os pratos enfileirados ao centro.

Assados, empadões, compoteiras sem fim, e um leitãozinho inteiro, bem tostado, fazendo vista, de limão na boca, num prato todo guarnecido com franjas de papel finamente recortadas.

O Bispo era um homem alto, moreno. Seu anel, que ensinaram à menina beijar dobrando o joelho, era de ametista. Sua mão magra brincava incessantemente com a

cruz que lhe caía sobre o peito, presa a uma corrente de ouro. A figura era imponente e a voz autoritária.

À mesa, rompendo um silêncio, perguntou de repente à dona da casa, que era bonita e jovem, se os escravos recebiam instrução e se as uniões entre eles eram abençoadas pela Igreja. A resposta negativa fez-lhe franzir o sobrolho. Pronunciou num tom ríspido de condenação: — O pecado não é deles. É seu. Palavras depressa esquecidas pela responsável, que era fútil e cheia de vontades, mas que se gravaram no espírito da pequena Emília, como se houvessem sido escritas com as próprias labaredas do inferno. Guiaram-lhe a conduta na vida, enchendo-a de um santo terror, muito diverso dos temores pueris de Marina.

A ociosidade em que Marina vivia, linda e desocupada como os lírios do campo, irritava sua mãe, agora e sempre. — Toma, cose isso, ordenava, às vezes, estendendo-lhe algum vestido de morim que cortava para um moleque qualquer. Mas o trabalho de Marina era tão lento que o serviço pouco adiantava.

Fugindo aos encargos ativos, Marina ficava lendo ou cismando, entretida com o panorama, acompanhando o movimento das nuvens, ou do gado pastando nas encostas. Às vezes ia até o engenho ver o trabalho, conversando com um e outro, ou distraía-se com os pretos que lhe contavam histórias do passado.

Restavam, ainda, dos antigos escravos, alguns que a Abolição já encontrara no declínio, e por isso não deixaram Santa Rosa no êxodo de 13 de maio. Mas sobreviviam poucos.

Havia a preta Hermínia, quase centenária, que tivera vinte filhos e fora uma rica mina de braços escravos para maior prosperidade dos avós de Marina. E a velha Henriqueta, que nos tempos antigos fora guarda da enfermaria, e a quem seu senhor mandara para a cidade aprender num hospital. De regresso, levada pela vocação de cirurgia, fora várias vezes castigada ao tronco, ou com varadas, por

praticar vivissecção nos cães magros que rondavam a cozinha. Fizera certa vez, num preto estripado por um touro, uma operação cirúrgica que era o orgulho de sua vida, cosendo-lhe os intestinos e o peritônio depois de lavá-los ali mesmo junto ao córrego.

E restava também o velho Carlos, que fora um ótimo trabalhador e agora vivia sentado à porta da sua tapera, na inércia dos oitenta anos. E Porcia, menos velha, que nunca se consolara de não ter sido uma das escravas felizes escolhidas para serviços de casa e que passara toda a sua mocidade resmungando, entre aquelas que trabalhavam na lavoura, com os homens, de sol a sol, e que ainda trazia no rosto descarnado um grande lanho aberto pelo chicote cruel do feitor.

Marina deixava correr os dias. Abriram em flor os ipês e as quaresmas. Era a época em que a vista de sua janela mais a encantava, com as encostas dos morros todas enfeitadas do amarelo intenso e do roxo régio de um e da outra. Não se sucediam um ao outro. Surgiam quase dia a dia, rompendo em flor de todos os lados, qual o brotar de um escândalo.

Marina todos os dias lhes dedicava muitos minutos de contemplação, pela manhã sobretudo, quando vagava desocupada no quarto. A voz da mãe rompia-lhe aos ouvidos com o passar das horas, chamando-a, obrigando-a a apressar o vestir preguiçoso. Dona Emília, interrompendo a faina caseira, chegava ao pé da escada para gritar:

— Marina, já não são horas de estar lá em cima. Vem me ajudar.

Falava com o mesmo resmungo de comando que Marina conhecera desde a infância, e que não se fizera mais cerimonioso depois do seu casamento. Ela obedecia a contragosto; descia, mas nunca ajudava.

Uma manhã esquecera-se das flores do morro, esquecera-se do pé de quaresma que, por ser o mais próximo, lhe parecia o maior, o mais belo, o mais regamente roxo, e mais vezes lhe prendia o olhar. Era um domingo, mas não havia missa. Roberto saíra a cavalo e Marina ocupara-se

com uma leitura de cartas velhas, um arranjar de gaveta. De repente, a sua vista escapou pela janela, para a manhã de sol nos campos e nos morros.

E viu, caminhando incrivelmente em direção à casa, através do campo, a árvore predileta. Saltaram-lhe aos olhos lágrimas fáceis de indignação. Desceu e saiu-lhe ao encontro.

Estacou a árvore à sua chegada, e, de baixo, ergueu-se o preto que a carregava. Com o dorso da mão, o homem enxugou as gotas de suor que lhe corriam na testa reluzente e respeitosamente saudou:

— Bom dia, Sinhazinha.

— Ramiro! exclamou Marina. Cortar uma árvore destas! Tão bonita!

O que queria era exclamar com ódio: “Que crime! Que barbaridade!” Mas teve pena do preto perplexo e calou a recriminação inútil. Repetiu, olhando para os bagos roxos:

— Tão bonita.

O preto, seguindo-lhe o olhar, só então percebeu o esplendor da árvore:

— Estava toda em flor, disse. É bonita, sim, senhora.

E sorria tolamente, para conciliar Sinhazinha.

— Por que a cortou, Ramiro?

— Quaresma dá boa lenha, sim, senhora.

— Mas por que esta, Ramiro? A mais bonita!

— Estava mais perto, sim, senhora, e era mais grossa.

Marina pensou: Não vale a pena zangar-me com este preto boçal. E disse:

— Você então me dê um ramo destas flores, Ramiro.

— Sim, senhora.

Pressuroso e consolado, Ramiro quebrou alguns galhos, satisfeito de servir Sinhazinha. Fez-lhe um colossal ramo purpúreo e ela regressou com os braços cheios de beleza.

— Alice morreu assim, pensou. Em pleno esplendor, repentinamente.

O coração apertava-se-lhe com o peso de uma injustiça irreparável e cruel.

Quando alcançou a varanda, Roberto veio-lhe ao encontro.  
— Estás um quadro, disse a Marina. Um desses quadros modernos, com muita luz... Esse vestido amarelo, essa braçada de flores roxas e esse fundo de céu azul e de verdura... Mas não é isto que eu queria dizer... Estou enjoado desta vida. Vamos para o Rio amanhã.

— Por quê? perguntou para ganhar tempo.

— Por nada. Porque já aguentei bastante.

Marina sentou-se numa das cadeiras de palha da varanda, e colocou sobre outra o ramo de flores. Nos interstícios, entre as colunas e os toldos, apareciam fatias de céu, e, sobre os ladrilhos vermelhos, o sol criava desenhos angulares e simétricos. Roberto pôs-se a enumerar coisas que o chamavam ao Rio. O concurso hípico para o qual oferecera uma taça. A corrida que sua lancha-motor tinha probabilidade de ganhar. Um casamento no qual ia ser padrinho.

Lembrou que Germana só esperava o regresso de Marina para marcar o dia de seu primeiro jantar da estação.

Referiu-se a outros projetos de relativa urgência e citou várias pessoas conhecidas, entre outras Laurita Menezes.

Marina, ao ouvir os nomes, viu, numa névoa de tédio, as figuras todas do “grupo” lhe revoarem no cérebro.

Respondeu com desespero:

— Eu quero esquecer toda essa gente e todas essas ocupações! Só de ouvir-lhes os nomes fico enjoada.

Seu rosto fizera-se de uma palidez esverdeada, acentuando a expressão de nojo. A boca se lhe contraiu de asco.

Roberto notou que os músculos do pescoço se lhe crisparam também, como se engulisse com esforço.

Escandalizou-se quando Marina disse:

— Desta vez quase vomitei, só de me lembrar deles.

— Mas isto é mórbido! exclamou Roberto. Estás me assustando com essas tolices.

— Não são tolices. Até me deixou mau gosto na boca.

— Mas essa gente é tão amável contigo! São nossos amigos. Você não pode mudar de relações no Rio de

Janeiro.

— Não quero mais saber do Rio de Janeiro.

— Isto agora, disse Roberto, é acesso de loucura.

— Estás enganado. É uma resolução que tomei quando vim embora.

Por saber que suas palavras fariam Roberto sofrer, mal teve coragem para pronunciá-las. Não pôde modular o tom, nem suavizar a crueza de sua afirmação com sua habitual doçura, disse. A voz saiu-lhe aflita, mas decidida. A declaração de revolta custou-lhe um esforço sobre-humano, mas ela não hesitou, porque o pavor de regressar ao Rio vencida tudo, até sua habitual submissão de mulher tímida. Não lhe deixava alternativa.

Veio-lhe um fino suor de agonia, muito frio, mas a Roberto ela parecia muito calma, estranhamente senhora de si.

Para evitar os olhos do marido, levantou-se e entrou em casa. Chamou uma criada, pedindo água para as flores e pôs-se a arranjá-las, com destreza, tranquila.

— Essas flores do mato murçam logo quando se cortam, mesmo pondo dentro d'água observou. É só mesmo para não jogar fora.

Roberto levantou-se também, e seguiu-a, dominando-se perfeitamente, calado para não se exceder em palavras, descrente ainda do que ouvira, e procurando conforto nessa incredulidade. A razão demonstrava-lhe que Marina não podia pensar o que estava dizendo, que falara sem pesar as palavras. Não era possível que ela as pensasse e que realmente cogitasse de abandoná-lo. Perante tal absurdo, tudo lhe pareceu inverossímil. Olhou Marina como uma criatura de outro planeta, estranha, infinitamente distante, ou como se a visse através de um binóculo invertido, movendo-se fora do seu alcance, longínqua e pequenina, com os galhos floridos na mão.

Marina terminou o arranjo e ficou parada contemplando as flores, mas como se já não as visse. O pensamento subitamente tomara outro rumo:

— Só uma coisa me faria voltar, disse... É curioso esse

enjoo... Talvez seja um sintoma. E, se a hipótese se confirmar, então eu não posso deixar de voltar.

— Ah! fez Roberto, respirando.

Julgou de repente compreender tudo. Pareceu-lhe que se dissipava um pesadelo, e que se restabelecia o equilíbrio no universo em que viviam.

## CAPÍTULO XIII

A HIPÓTESE transformou-se logo em certeza. Com a perspectiva de maternidade, toda a antiga coragem de Marina, toda a sua submissão ao dever, voltaram, numa gradação lenta e segura, como a de uma maré salvadora. Anunciou a Roberto que estava disposta a regressar.

— Volto sem falta, disse, mas não há pressa.

— Podes ficar enquanto quiseres, respondeu Roberto.

Agora tens direito a caprichos.

O alívio de Roberto igualava sua alegria. Pusera por conta do estado de Marina as excentricidades que o fizeram sofrer. Mandou vir do Rio o mesmo professor ilustre, que já havia receitado para Marina pílulas de ferro, na falta de diagnóstico.

— Fantasia de milionário, disse Dona Emília. Marina não precisa de médico nenhum. Nunca esteve tão bem disposta. E ainda se fosse um especialista, mas o médico da família. Para quê?

Veio o médico e depois de ver Marina conferenciou com Dona Emília e Roberto.

— Trata-se evidentemente de uma moça nervosa e de imaginação ativa. Desconfio de alguma obsessão ou ideia fixa, coisa talvez mais antiga.

Espreitou a resposta nas fisionomias da mãe e do marido, levando os pequeninos olhos sagazes de um a outro, vivamente.

— Não creio, disse Roberto.

— Em todo caso, não há motivo para ansiedades. Ela é perfeitamente sadia, e não precisa dos meus serviços.

— Eu bem disse a Roberto, interpôs Dona Emília, que ele ia incomodar o senhor à toa. Não disse, Roberto?

— Mas há um conselho, continuou o Professor, que me parece útil e até urgente. Seria bom distraí-la. Uma viagem não lhe poderia fazer senão bem. Ela passa bem a bordo?

— Muito bem, respondeu Dona Emília.

— Então, embarque com ela para a Europa, meu caro amigo. Sua mulher, a meu ver, precisa de uma mudança de ambiente que lhe distraia as ideias e lhe dê ânimo. Essa promessa de maternidade completará a cura. Garanto-lhe que volta da viagem com o equilíbrio restabelecido.

— Então, seja, disse Roberto. Eu não deveria ausentar-me neste momento, mas a saúde dela passa antes de tudo. Marina recebeu a notícia com alvoroço. Mergulhou-se em projetos, tentando condensar a maior soma de prazeres em três curtos meses de ausência. Os negócios de Roberto não o dispensavam por mais tempo.

— Precisas é de vida campestre, disse Roberto. Vamos viajar de automóvel o mais possível, percorrer o sul da França ou o norte da Itália, subindo aos poucos com a primavera. E Paris, só nos últimos quinze dias, para compras.

Estudaram as vantagens dos vapores e das diversas rotas e as relativas belezas das estradas europeias. Hesitaram entre aportar em Vigo, ou Bordéus, em caminho de Biarritz, Lourdes, o país basco e os castelos do Loire, ou em tomar rumo pelo Mediterrâneo, a caminho da Cote d'Azur e dos pontos históricos do vale do Ródano.

Marina desejou ardentemente combinar a chegada no Rio, de modo a poder ir logo do trem para o cais, mas os horários impediram. Não foi possível evitar uma noite em casa, antes de embarcar.

Chegaram em Paissandu à pior hora, ao ver de Marina, num entardecer melancólico. Quando o carro ia virando do Flamengo, Marina imaginou qual seria a surpresa de Roberto se ela ordenasse ao chofer: “Por aí não. Siga em frente. Eu prefiro ficar num hotel.”

Quando o carro ingressou no jardim, ela pegou na mão do marido. Fechou os olhos, mas um momento só, porque lembrou-se de que o porteiro devia estar ali, a postos, abrindo para eles o portão e esperando dela, pelo menos, um “Boa tarde, Eduardo”. Ela não o vira mais desde o momento em que o mandou chamar um táxi para partir...

Um táxi para não entrar mais na limusine de Alice, e sacudir mais depressa a poeira desta casa... Agora voltava, na limusine.

De propósito, não olhou para a casa. Distraiu-se com as luvas, a bolsa, até o momento em que Roberto, cheio de alegria da volta, mostrou o palacete com um grande gesto, exclamando:

— A casa onde nascerá nosso filho.

Assim, Marina pôde olhar para a casa contra o céu ainda claro, atrás das renques soberbas das palmeiras.

No hall, enquanto Antônio abria a porta, e Júlia descia correndo as escadas, para recebê-los, Marina voltou-se para Roberto.

— Que tal jantarmos num restaurante. É mais alegre.

— Boa ideia!... Descansa, prepara-te com calma e vamos ao que escolheres.

Subindo a contragosto as escadas, Marina estranhou um pouco a casa, depois de Santa Rosa, achando-lhe algo de mudado, sentindo também falta das flores e das plantas nos lugares costumados, dando à casa vida e um aspecto habitado. No quarto, nu e abafado, a impressão acentuou-se ainda.

— Este quarto não foi arejado, observou a Júlia.

— Foi, sim senhora, desde hoje de manhã.

— Por que tirou as cortinas?

— As cortinas tiram-se sempre no verão para limpar.

Colocaremos quando a senhora estiver para voltar de vez. Faltavam todos os seus objetos miúdos. As mesas estavam vazias, a penteadeira desguarnecida. Era um quarto sem dona, e ela estranhou-o, como se nunca tivesse vivido ali. Dava-lhe uma ideia de prisão.

À noite, depois de jantarem num restaurante à beira-mar, foram à última sessão de cinema. Marina deitou-se sem ter visto o retrato, mas sonhou com Alice, pela primeira vez desde que saíra de casa.

De manhã, ela atrasou-se de propósito em cima, até quase a hora de embarcar, mas afinal não resistiu. O retrato

atraía-a como um imã. Foi à saleta antes de sair, só para olhá-lo.

Achou-o diferente, como tudo na casa. Vindo de fora, com outras ideias, outras imagens na retina e com o prazer da viagem diante dela, pôde olhá-lo com alguma independência.

Naquele instante ela era, na casa, apenas turista, que observa e segue adiante. Pela primeira vez, o penteado e o vestido de Alice pareceram-lhe fora da moda. Bonitos, mas de outro tempo. Quase imediatamente, porém, só de ficar ali, parada, a influência do retrato começou a retomá-la, vencendo a imunidade nova que ela trazia, principiando a envolvê-la outra vez, com seu ódio, sua invencível superioridade.

Se não ouvisse a voz de Roberto, chamando-a, teria ficado ali mais tempo, magnetizada.

— Anda, Marina! As malas já estão no carro.

— Já vou.

Despediu-se dos empregados, com alegria. Desta vez, a partida era só satisfação. Não tinha por que ter remorsos. Nada estragava a alegria da libertação.

Por algumas horas ainda, ficou-lhe uma vaga impressão desagradável deixada pelo retrato. Tinha-o, novamente, gravado na retina. Naquela noite, a bordo, sonhou ainda com Alice; no quarto no Rio onde dormira na véspera via-a passar entre as paredes como uma sombra.

A viagem correu tranquila, por mares calmos sob céus azuis, até chegarem a Gênova em plena primavera. O carro entrou logo em serviço. Roberto ia acumulando fotografias de tudo que viam e Marina em todos os quadros.

Em Canes alcançaram um fim de estação brilhante, no meio do ambiente cosmopolita de que Alice gostava, seguindo o movimento dos grandes palaces e dos restaurantes de fama, o rebuliço da gente que emigrava sucessivamente para os pontos de diversões obrigatórios — Paris, Deauville, Biarritz, Canes, o Lido, sujeitos à disciplina de prazer.

Roberto conhecia-lhes bem os centros prediletos. Em todos

eles, em Paris e na Riviera, os maîtres d'hôtel acolhiam-no como bom freguês. Davam-lhe as melhores mesas, apontavam-lhe as personalidades de marca — escritores célebres, mulheres cujas fotografias corriam mundo nas revistas ilustradas, aristocratas de títulos ressonantes, artistas de cinema.

Mas ao casal brasileiro ninguém conhecia, e quando, por acaso, algum curioso inquiria, por ter notado a beleza de Marina, o maître d'hôtel respondia, mentindo:

— É o Senhor Steen, a maior fortuna da América do Sul. As mesmas palavras que ele empregaria para descrever uma dezena de bons fregueses, vinda do México, da Argentina, de outras terras.

O único receio de Marina era o de encontrarem conhecidos antigos de Roberto, relações que ele tivesse feito em outras viagens, com Alice, ou então gente que ele tivesse recebido no Rio, no regime de Alice, quando estrangeiros de certa categoria eram quase inevitavelmente conduzidos para a hospitalidade condigna da casa de Paissandu.

A única nuvem que lhe interrompia às vezes a felicidade era essa, a possibilidade de uma das fisionomias que lhe eram estranhas se iluminar de repente à vista de Roberto, e uma voz exclamar: “Olha o Steen! Você por aqui!...”

Enquanto o festejassem, olhariam para ela, perplexos.

Provavelmente não saberiam que Alice morrera... O Brasil era tão longe... Procurariam adivinhar se ela, Marina, era uma parenta de Roberto, ou uma companheira de farra, e se não seria indiscreto perguntar a Roberto pela Madame Steen.

Mas, felizmente, até nisso, a sorte favoreceu seus desejos. Ninguém os conhecia senão os mestres-salas. Nesse ambiente requintado e artificial de que Roberto gostava, como Alice gostara, ele e Marina ficavam obscuros e felizes, no meio das mesas alegres dos restaurantes ou das salas de cassino, isolados pela própria felicidade, como outros o eram pela solidão espiritual ou pela curiosidade invejosa.

O ouro das cinco partes do mundo se esfuziava em champanha, naquela promiscuidade em que os novos-ricos tentavam aprender, sem estágio, a serem aristocratas e em que gente de toda espécie imitava, petulantemente, à distância, a flor da sociedade.

Marina encontrava um prazer novo em observar e em comentar o que via. Nunca fizera tão boa companhia a Roberto, nem sentira tão pouca relutância em acompanhá-lo onde ele quisesse. Adaptava-se. Progredia em tolerância, em bom humor. Achava graça em pequenos incidentes que antes lhe teriam parecido irritantes. Seus ditos faziam rir a Roberto, que sempre apreciara a justeza das suas observações, mas que só agora se divertia com elas.

— Não sabia que eras tão engraçada, dizia.

Na véspera da partida de Canes, surgiram na sala de jantar hóspedes novos, um casal bonito. O maître d'hôtel conduziu-os respeitosamente a uma mesa de canto, na outra ponta da sala. E logo que pôde veio informar aos Steens quem eram. Duques de sangue real. Disselhes o nome.

Roberto estava de costas e não se virou. Era gente que ele conhecia. Marina sabia que haviam estado no Rio, que Alice os recebera e que a hospitalidade fora retribuída em uma das viagens à Europa. Havia, até no álbum de fotografias, um grupo tirado no castelo.

— A duquesa é mais bonita do que nos retratos, observou Marina chochamente. Você vai falar com eles depois do almoço, com certeza, não vai?

Já imaginava a cena de apresentação. Tinha vontade de sumir pelo chão. Certamente ignoravam o segundo casamento de Roberto, e talvez nem soubessem da morte de Alice... O Brasil era tão longe.

Mas Roberto respondeu, positivo:

— Não vou, não. Eles não me viram... Vamos disfarçar, sair por esta porta.

Marina percebeu que Roberto tinha a mesma impressão que ela. Do contrário, não faria isso, que era tão fora do

seu feitio — fugir de conhecidos, sair por portas escusas, com ar vexado. Ele acrescentou:

— Não vale a pena explicar a eles tudo que aconteceu. Eles não se interessam. E nós vamos embora amanhã cedo.

Esta primeira parte da viagem, cheia de elegâncias e de aglomerações, encantou menos a Marina que a seguinte. O automóvel, livre pelas estradas, as paradas em hospedarias simples, o turismo em lugares novos.

Em Nimes, no meio das ruínas romanas, Roberto encontrou enfim um desses antigos conhecidos que Marina temera.

Ela, porém, não estava a seu lado. Havia-se afastado do marido para comprar cartões postais e, quando se voltou, procurando-o com os olhos, viu com ele um homem alto, grisalho, de nacionalidade incerta, com uma barbicha bem talhada. O desconhecido agarrara as duas mãos de Roberto efusivamente. Marina hesitou em chegar-se a eles, mas pensou que a apresentação era inevitável, e aproximou-se, lentamente, a contragosto.

Percebeu, então, que falavam francês. Ouviu o desconhecido exclamar de repente, horrorizado:

— Morte?

E viu-o agarrar outra vez as duas mãos de Roberto, enquanto exclamava: “Ah! mon cher ami! mon cher ami!” Marina teve a impressão nítida de uma pena sincera, de um grito espontâneo contra a crueldade do destino. Para este estrangeiro a morte de Alice não era passada; ocorrera hoje. O golpe caíra neste instante. Marina lembrou-se do dia em que vira, em Santa Rosa, abater-se aquela quaresma incomparável.

Voltou-se depressa, antes que Roberto a visse ali. Foi comprar mais cartões postais. Escolheu-os com todo o vagar. Quando acabou, deu a volta no sentido oposto, para dar tempo, adiando sua apresentação. Pensava em meter-se num carro de praça, e bater-se para o hotel sozinha, quando ouviu a voz de Roberto ao seu lado.

— Ah! estás aí? Onde estiveste metida?

Estava só. Marina achou-o diferente, sem a alegria com que

saíra, sem a jovialidade costumeira. Todo aquele dia ela o achou mais calado, pensativo. Sobre o encontro, não dissera uma palavra, e Marina sabia por quê. Esta amizade devia estar ligada, muito ligada, a Alice e o nome de Alice não podia surgir entre ela e Roberto. Não surgia mais, por culpa dela mesma.

Aos outros, a todos, Roberto podia falar da primeira mulher, quando quisesse. Fazia-o, com certeza, muitas vezes. Só a ela, Marina, não podia falar. Ela mesma estabelecera esta situação falsa com o marido.

Roberto já estava bem treinado nisso. Ela o experimentara algumas vezes nestes últimos dias. Provocara-o a falar das viagens anteriores. Antes de chegarem a Paris, pedia-lhe informações sobre costureiras e cabeleireiros de senhora. Só faltou perguntar quais eram os fregueses de Alice. Mas Roberto não tivera um lapso. Falava como se tivesse sempre viajado só, vivido só. A situação entre eles estava definitiva. Roberto não falava, não falaria nunca mais, com ela, de Alice.

E, no entanto, Marina agora se importaria menos com isso, muito menos. Alice e seu retrato pareciam tão distantes! Pouco pensara neles nesta viagem. O próprio receio de encontrar conhecidos de Roberto nada tinha com a impressão de rivalidade, de pavor que a acompanhara no Rio. Era uma forma, como outra, de acanhamento, de pudor. Queria evitar a curiosidade de estranhos, sua surpresa, seus comentários, tanto para ela como para o marido. Roberto tinha o direito de refazer sua vida, se quisesse, de consolar-se depressa. Não era o primeiro. Em Paris, Roberto deu-lhe um livro de cheques.

— Para quê? perguntou ela.

— Para comprares o que quiseres. É sabido que as mulheres se arruinam em Paris. Tens carta branca.

— Muito obrigada. É sempre agradável.

— Lúcia de Góes te acompanhará com prazer. Vou telefonar-lhe que chegamos.

Marina entrou em grande atividade, vivendo nas

costureiras, nas lojas de móveis, nas exposições de arte. Divertia-se com as compras, com o alvoroço. Em joalheiros, mandou transformar tudo que fora presente de Roberto e cuja procedência ela ignorasse. Consultou desenhistas de interiores para a decoração do seu novo quarto de dormir. O atual, que fora de Alice, seria transformado em nursery. Escolheu desenhos e móveis adequados ao novo uso, infantis e delicados.

“Pouco a pouco, irei mudando a casa toda e fazendo-a minha”, pensava.

De longe, a casa lhe despertava interesse. Imaginava criancinhas correndo pelo parque. Procurava não pensar em Alice nem no retrato.

Escolhia, apressadamente, cortinas, mobílias, antiguidades, para o palacete da Rua

Paissandu. Só uma escolha muito rápida podia permitir tanta aquisição em tão curto espaço. Quando saía das lojas, deixava os vendedores esfregando as mãos de contentes e murmurando:

— Estes clientes brasileiros!

Até a generosidade de Roberto se alarmou:

— Mas onde porás tudo isso? perguntava.

Às vezes dizia gracejando:

— Terei que vender um prédio para pagar a alfândega.

No correr da viagem, Marina enviara alguns cartões postais a Miguel.

“Mande-me contar sua vida”, ordenou em um deles. A resposta chegou-lhe em Paris nas vésperas do embarque:

“Marina,

Receio que a descrição de minha vida não dê carta interessante. Pouco tenho que contar realmente. Passo o dia a cavalo, inspecionando plantações. Tudo está em início. Percorro campos intermináveis, sem encontrar viva alma, só coqueiros.

“Tenho sofrido bastante do fígado. Sou forçado ao maior cuidado quanto à comida e, assim mesmo, sobrevêm, de quando em quando, dores fortes. O calor concorre para

esse mal. É exaustivo em sua continuidade.

“Este é um clima para solteiros. As crianças que se vêm são de fazer pena. A vegetação, ao contrário, tem todo o viço que falta ao reino animal. É terra de futuro, porém, e há de recompensar bem o capital ou o trabalho que vier ter aqui.

“O meu trabalho é interessante por isso. No mais, é duro e monótono. Convenci-me, porém, de que esse gênero de ocupação, ou talvez um cargo obscuro em alguma repartição pública, é o que melhor me convém. Já me conheço bem.

“Tornei à lavoura, à terra. Pena não ser em melhor clima, mas isso há de vir em tempo. Não pretendo demorar-me aqui senão um ou dois anos. Depois tentarei o sul, e talvez volte para Santa Rosa, se aquela região ressuscitar com a citricultura. De cidades não quero mais saber. Não tenho fibra para viver lutando, entre homens mais válidos do que eu.

“Trouxe naturalmente todos os meus livros. Só mobiliei na casa uma peça, que é a biblioteca. Sustento uma luta renitente contra os insetos que acreditam na destruição dos livros. E quem sabe se a razão não está com eles?

“Você pergunta se penso em escrever alguma coisa. Não. Tentei uma ou duas vezes, mas tudo saiu péssimo, com gosto de cinzas. Minhas melhores horas são as que passo ensinando um pouco de tudo ao filho do contramestre. É um garoto inteligente e simpático. Se você puder, mande um brinquedo, tudo serve, para ele. Tem dez anos. Faço-lhe quase diariamente verdadeiras conferências. Assim dou largas à língua e ele traga tudo com prazer e parece-me que com proveito.

“Não ache triste esta carta. Pelo contrário, estou em caminho da paz. Se ainda há desânimo em mim, já começa a se transformar em resignação serena. Considere-me antes um filósofo, contemplando a vida de longe. Ou imagine que me refugiei em algum noviciado, longe do mundo, ao qual não consegui adaptar-me. Talvez ressurja

um dia, quando já souber dominar minha imaginação, e minhas emoções. Só então poderemos, nós dois, você e eu, sermos amigos outra vez. Por enquanto, só o podemos ser por correspondência.

“O calor desta região cria em mim um estado de fadiga que auxilia muito a adquirir resignação. O clima vai-me vencendo aos poucos, física e espiritualmente.

“Realmente não estou triste, e sobretudo não estou desocupado. Em casa, leio, trabalho. Mesmo as variações do meu fígado servem para me distrair. Sou um homem inteiramente diverso do ambicioso que você conheceu.

“Este evangelho pessimista é bom para mim, mas para você não serve. Eu pratico, mas não prego. Toda filosofia deve ser individual. Você, ao que devo crer, está mais apegada do que nunca ao presente. Caminhamos em direções opostas, eu para o pessimismo, você para o otimismo. A mim, o sofrimento transformou. A você, a felicidade revelou sua verdadeira personalidade.

“A vida há de continuar a protegê-la.

“Deus a acompanhe. Saudades de  
“Miguel”

Marina passou a carta ao marido.

— Ele nunca se consolou de te perder, comentou Roberto. O mal dele é só esse.

Foi animada a viagem de regresso. Havia a bordo amigos de Roberto, um casal principalmente, a que Marina já se afeiçoara em Paris. A mulher, bem mais velha que ela, fora a amiga mais íntima de Alice e era uma das figuras principais do “grupo” do Rio. Marina ouvira falar tanto em Lúcia de Góes que parecia conhecê-la. Achou-a, desde o primeiro momento, tão encantadora como Roberto dizia. Havia muitos argentinos a bordo. Dos homens, alguns eram fortes e belos, mas nenhum ao seu ver tão belo como Roberto.

Marina sentiu o orgulho da comparação de modo especial uma tarde, enquanto via Roberto caminhar em torno do navio, célere e sereno, gastando em exercício incessante a

energia que lhe davam os ares marítimos. Marina, estendida na sua cadeira, com um livro aberto na mão, via-o passar, com intervalos regulares, e comparava-o com um e outro, dando-lhe interiormente uma vitória fácil. Na fisionomia do marido percebia uma satisfação total com a vida.

Ao encontro de Roberto, surgia, de repente, a filhinha de Lúcia. Todas as crianças de bordo chegavam-se a ele, sentindo-lhe a simpatia. Lucinha olhou-o como a um camarada de jogos. Trazia uma das mãos abertas sobre o rosto, escondendo a boca. Seus olhos desafiavam brevemente os de Roberto.

— Adivinha o que tenho na boca, propôs ela.

— Já sei. Um chocolate.

A menina descobriu a boca, e mostrou, na linha de dentinhos brancos, um grande vazio novo.

— Arranquei um dente, informou com orgulho.

Seguiram ambos, de mãos dadas. Marina ouviu então uma senhora paulista, sentada um pouco adiante, ao lado de Lúcia de Góes, observar para esta:

— Vê-se que ele gosta muito de crianças.

Ao mesmo tempo, sentiu o olhar da passageira pousar sobre ela. De propósito, não desviou os olhos do livro. A distância não lhe permitia acompanhar bem a conversa, mas, como estavam falando de Roberto, fez um esforço para ouvir. Adivinhando, mais do que escutando, ouviu a paulista perguntar a Lúcia, baixando a voz:

— Não houve filhos do primeiro casamento, houve?

Marina sentiu agora o olhar de Lúcia sobre ela. Desta vez, se, por um remoto acaso, o vento não lhe tivesse trazido as palavras, como soprando-as ao ouvido, ela não teria percebido nada da resposta, em tom confidencial:

— Não... E por isso Alice nunca foi uma mulher completamente feliz...

Em tom mais normal, Lúcia acrescentou:

— Coitada! Hoje é o segundo aniversário de sua morte.

Marina sabia que Lúcia tinha sólidos elementos para falar

da intimidade de Alice, mas ouvir alguém afirmar, alguém ousar afirmar, que Alice não fora uma mulher feliz, pareceu-lhe absurdo... Desistiu do esforço de ouvir. Fechou o livro. A estranha opinião de Lúcia fixou-se-lhe na mente. Examinou-a em todos os sentidos. Familiarizou-a com ela. E, de repente, achou-a tão pejada de verdade, de muitas verdades, que se levantou e, evitando passar diante de Lúcia, evitando falar com qualquer conhecido, levou-a para aprofundá-la melhor, sozinha.

Num canto deserto do tombadilho, ficou debruçada sobre a grade, sentindo o vento varrer seu rosto e seus cabelos, fixando os olhos no horizonte. Depois abaixou-os para as pequenas ondas espumosas que nasciam no sulco do navio, fervendo em brancuras e esvaindo-se em correntes irisadas. Não se cansava de olhá-las. Prendiam como tudo que é vivo.

Pôs-se a pensar, mais uma vez, no que o filho esperado significava para Roberto. Frequentemente ela medira o prazer do marido, vendo o entusiasmo dos seus planos de futuro, vendo sua preocupação de cada momento com ela, com sua saúde, com seu conforto e bem-estar. Notara nele um acréscimo de interesse por tudo, mesmo pelo futuro distante. Viu que se lhe alargavam os sonhos e os projetos em torno de suas propriedades, de suas indústrias. Até pela casa de Paissandu, a afeição de Roberto parecia crescer. Tudo se tornara mais seu, por haver um dia quem lhe sucedesse naquilo que ele recebera do pai e que acresceria para os filhos. Dizia que a prosperidade dos Steens e seus serviços ao país deveriam acompanhar sempre os progressos do Brasil.

— Não são somente os reis que precisam de herdeiros, declarara Roberto uma vez. Os novos-ricos precisam também.

Marina sabia, porém, que sua satisfação seria a mesma, ainda que ele fosse um simples operário. Vieram-lhe à mente palavras de Roberto na véspera. Ela havia dito, ao marido, de passagem, “Roberto, você é um homem cujos

desejos se realizam sempre...” Frase que não pronunciava pela primeira vez, e que os amigos repetiam sempre, gracejando. Roberto costumava concordar risonho, mas desta vez tomou as palavras a sério. Ficou pensativo, e respondeu:

— Tens razão. Só faltava a realização de um desejo e este agora vai-se cumprir, se Deus quiser.

Debruçada na grade, Marina encontrava o mesmo enlevo em cismas imprecisas e em pensamentos coordenados. Ouvia de vez em quando, atrás dela, os passos de um ou outro passageiro, aproximando-se e afastando-se ritmicamente. Uma vez os passos lhe pareceram de Roberto. Não se virou para verificar, mas sentiu de repente o braço do marido em redor da cintura e ficaram os dois, ombro a ombro, silenciosos, a ver correr a água. A vida afigurou-se a Marina belíssima, uma plenitude de ventura.

— Sabes que dia é hoje, Roberto? perguntou.

O marido lançou-lhe um rápido olhar de surpresa e enrubesceu. Era a primeira vez que Marina o via corar.

— Já me lembrei, sim, respondeu.

Caiu novamente entre eles um silêncio amigo. Ficaram de mãos dadas, dedos entrelaçados. Marina perguntou:

— Estranhaste ouvir-me falar nesta data, não é?

— É. Nunca falas no passado.

— Agora falarei. Este silêncio entre nós não era natural...

Eu tive um sentimento esquisito a respeito de Alice. Agora vejo que era só nervoso. Creio que eram ciúmes. Imagina que cheguei a ter ódio da tua casa, da nossa casa, só porque foi dela e porque está cheia de lembrança dela. E o que eu detestava sobretudo era...

Parou, hesitando. Apresentou-lhe à memória, como se a visse, com uma nitidez absoluta, a tela de Verron.

— Cheguei a ter a impressão de que nós nos comunicávamos, ela e eu. Parecia-me que ela me transmitia recados através do seu retrato. Coisa esquisita!

Riu-se levemente, como se estivesse falando de outra pessoa. A coragem cresceu-lhe como o impulso de

expansão. Pôs-se a contar o que sofrera. Evocou pormenores. Pela liberdade com que agora podia falar, compreendeu que estava curada. Roberto perguntou:

— Não tens ciúmes, querida?

— Não. Pobre Alice! No Rio vou visitar o túmulo dela.

— Pois sim. Iremos juntos.

— Não. Juntos não. Cada um por seu lado.

— Mas era tão fácil me teres contado tudo, para que se removesse o retrato.

— Não era fácil, nada. Bem que eu quis, mas não pude. Agora, sim, porque já passou.

— De qualquer modo, logo que chegarmos, mandarei o quadro para o Museu de Belas-Artes.

— Não é preciso, Roberto. Já passou tudo.

— Mando de qualquer modo, repetiu firmemente.

— Pois sim, então... Talvez seja melhor... Coitada de Alice. Foi uma criatura tão refulgente que seu brilho chegou até ao meu cantinho de Santa Rosa. E agora cai no esquecimento da morte, contra o qual não há defesa. Tudo que a vida lhe dera, agora vem para mim.. E mais do que ela teve.

— Tu és a Vida, disse Roberto, a vida que continua. Ela afastou-se da grade e levantou os braços à cabeça, para prender os cabelos soltos ao vento. Seu corpo oscilou um pouco com o movimento ondulante do navio.

— E és a minha vida, acrescentou Roberto.

FIM

Carolina Nabuco é filha do estadista e abolicionista Joaquim Nabuco. Senhora de alta linhagem, de formação e educação européias, no entanto de espírito eminentemente brasileiro, como todos os seus antecessores. É uma pessoa discreta, vivendo sempre consigo mesma, numa vida interior de absoluta fidelidade com o que ela é.

Além de *A Sucessora*, obra famosa não só pelo seu evidente valor literário mas também pelo confronto com *Rebeca*, de Daphne du Maurier, best seller da década de 30, apontado como plágio do livro da escritora brasileira, por conter os mesmos elementos temáticos, perfazem o acervo literário da autora variados trabalhos como: *A Vida de Joaquim Nabuco* (Prêmio de Ensaio da Academia Brasileira de Letras, 1929); *Santa Catarina de Sena* (biografia, 1957); *A Vida de Virgílio de Melo Franco* (biografia, 1962); *Chama e Cinzas* (Prêmio de Romance da Academia Brasileira de Letras, 1947); *Retrato dos Estados Unidos à Luz de Sua Literatura* (crítica, 1967); *Visão dos Estados Unidos* (viagem, 1953); *Conferências Sobre Nabuco* (conferência, 1936); *Joaquim Nabuco, o defensor dos escravos* (literatura infantil, 1949); *Catecismo Historiado* (literatura infantil, 1940) e *Oito Décadas* (memórias, 1973).

*A Sucessora* é uma obra que não se engajou, quando da sua primeira publicação, em qualquer escola literária ou estilo de época. Lançada em plena fase regional, de sentido contestatório ou social, estabeleceu os primórdios da narrativa essencialmente introspectiva, desenvolvida na intimização do personagem. Não é, pois, um livro de característica imediatista ou documentária, mas psicológica. Com um estilo preciso, claro e dinâmico, Carolina Nabuco procura questionar o valor da mulher, de certa forma, brasileira, arcaizada por um sem-número de tabus e tradicionalismos superados. É um romance que, pelo vigor temático e estilístico, não se desgastou no tempo. Permanece. Não apenas como dado positivo da

criatividade da mulher brasileira no campo ficcional, de caráter tão-somente psicológico, assim também como registro das metamorfoses de uma época. Não querendo dizer isso que seja participante, mas de natureza informativa ou acessória.

Muitas pessoas gostam de avaliar se o livro foi bem compreendido. Se você também gosta, tente então responder:

- 1) Gostou do estilo da autora?
- 2) Qual sua apreciação sobre a obra?
- 3) “consultas perfunctórias”. Que significa perfunctórias?
- 4) “Roberto cumulou-a desnecessariamente de novos vestidos...” Qual a diferença entre cumular e acumular?
- 5) De que meio vinha Marina?
- 6) Como foi educada?
- 7) Que representava Miguel para Maria?
- 8) “Maria tomou café ao som de um panegírico de Miguel.”. Que é panegírico?
- 9) “...adotara Marina como uma herança esdrúxula...”. Qual a explicação para esta comparação?
- 10) Que diz da sociedade que cercava Marina?
- 11) Que incomodava tanto Marina depois de seu casamento com Roberto?
- 12) “A minha peroração sobre as ideias da mocidade...” Peroração é parte final de um discurso; é também pequeno discurso; é o mesmo que epílogo. Que nome se dá à parte inicial de um discurso, ao antônimo de peroração?
- 13) Quais os escrúpulos de Marina depois do encontro com seu primo Miguel?
- 14) Quais as revelações que fazia nas cartas à mãe?
- 15) Qual era a sua vida social em Petrópolis?
- 16) Quais os sentimentos de Marina para com o Brasil, ela que tanto viajou pela Europa?
- 17) Mesmo sob a lembrança de Alice, Roberto amava Marina sinceramente?

- 18) Por que Marina não suportava a vida no Rio?
- 19) Fez mal em ter voltado para Santa Rosa?
- 20) Qual sua opinião sobre o desfecho da história?